

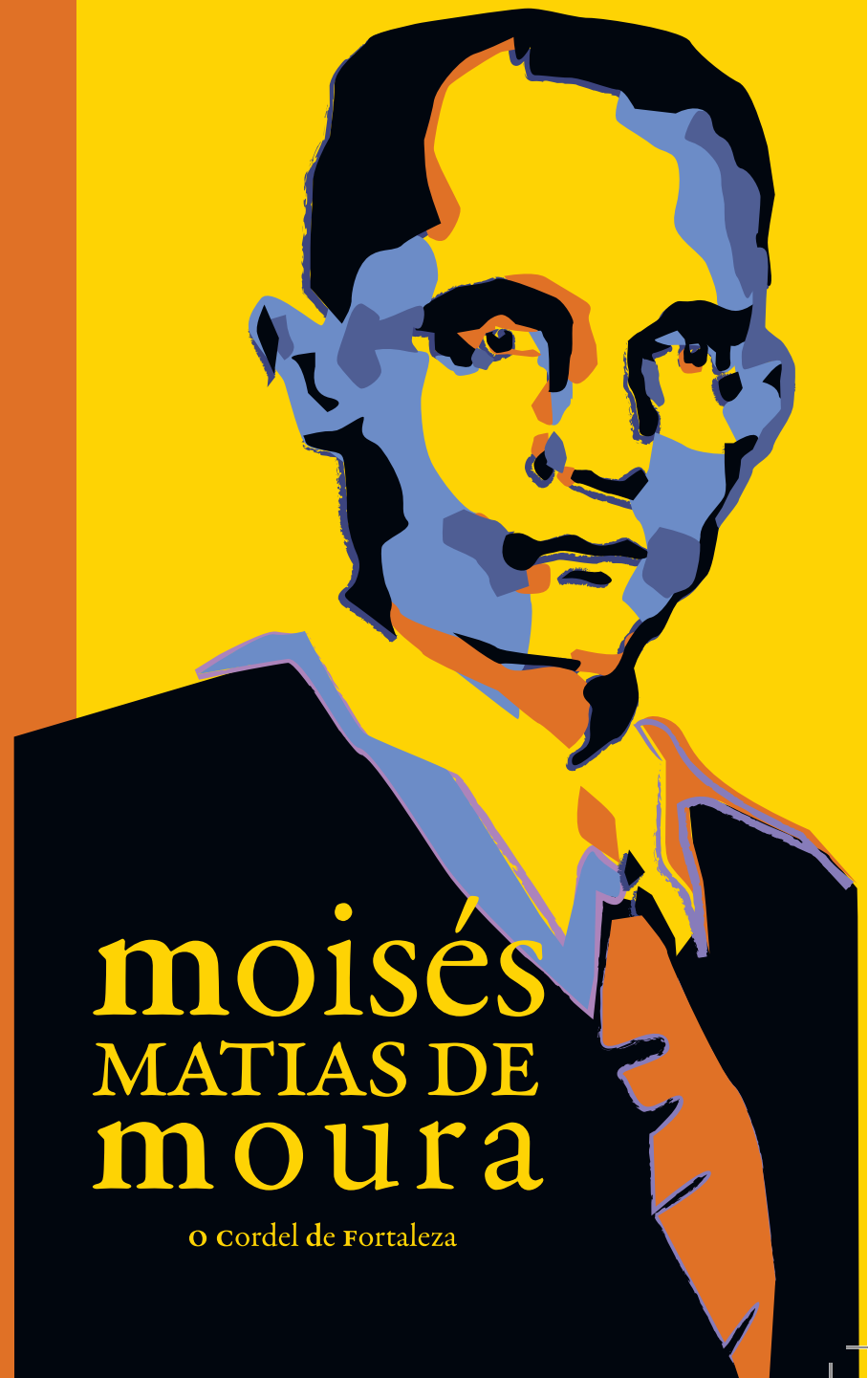
Edição comemorativa dos 120 anos  
de nascimento do poeta  
(1891/ 1976)



Moisés Matias de Moura

Gilmar de Carvalho

Gilmar de Carvalho



moisés  
MATIAS DE  
moura

o cordel de Fortaleza

moisés  
MATIAS DE  
moura

O Cordel de Fortaleza



Gilmar de Carvalho

**moisés**  
MATIAS DE  
**moura**

O cordel de Fortaleza

Fortaleza  
2011

Copyright 2011 © Gilmar de Carvalho

Conselho Editorial:  
Ria Lemaire  
[Université de Poitiers]

Edilene Matos  
[UFBA]

Sylvie Debs  
[Université Robert Schumann | Strasbourg]

Antônio Wellington de Oliveira Jr.  
[UFC]

Fanka Santos  
[UFC | Cariri]

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

C331m Carvalho, Gilmar de  
Moisés Matias de Moura: o cordel de Fortaleza / Gilmar de Carvalho.  
– Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.  
234 p. : il.  
  
ISBN: 978-85-7563-669-5.  
  
Conteúdo: Texto de Gilmar de Carvalho, transcrição de 17 cordéis do biografado.  
Edição comemorativa dos 120 anos de nascimento do poeta.  
O poeta era pernambucano de berço, mas teve sua atuação poética no Ceará.  
  
1. Moura, Moisés Matias de, 1891-1976. 2. Literatura de Cordel – Ceará. III. Título. CDD : 928.6991  
398.5

Os direitos autorais dos folhetos são dos  
descendentes do poeta  
**MOISÉS MATIAS DE MOURA.**

Este livro teve seus textos revisados por  
**LUCÍOLA LIMAVERDE.**

O projeto gráfico é de  
**CAMILA MATOS E CIBELE BONFIM.**

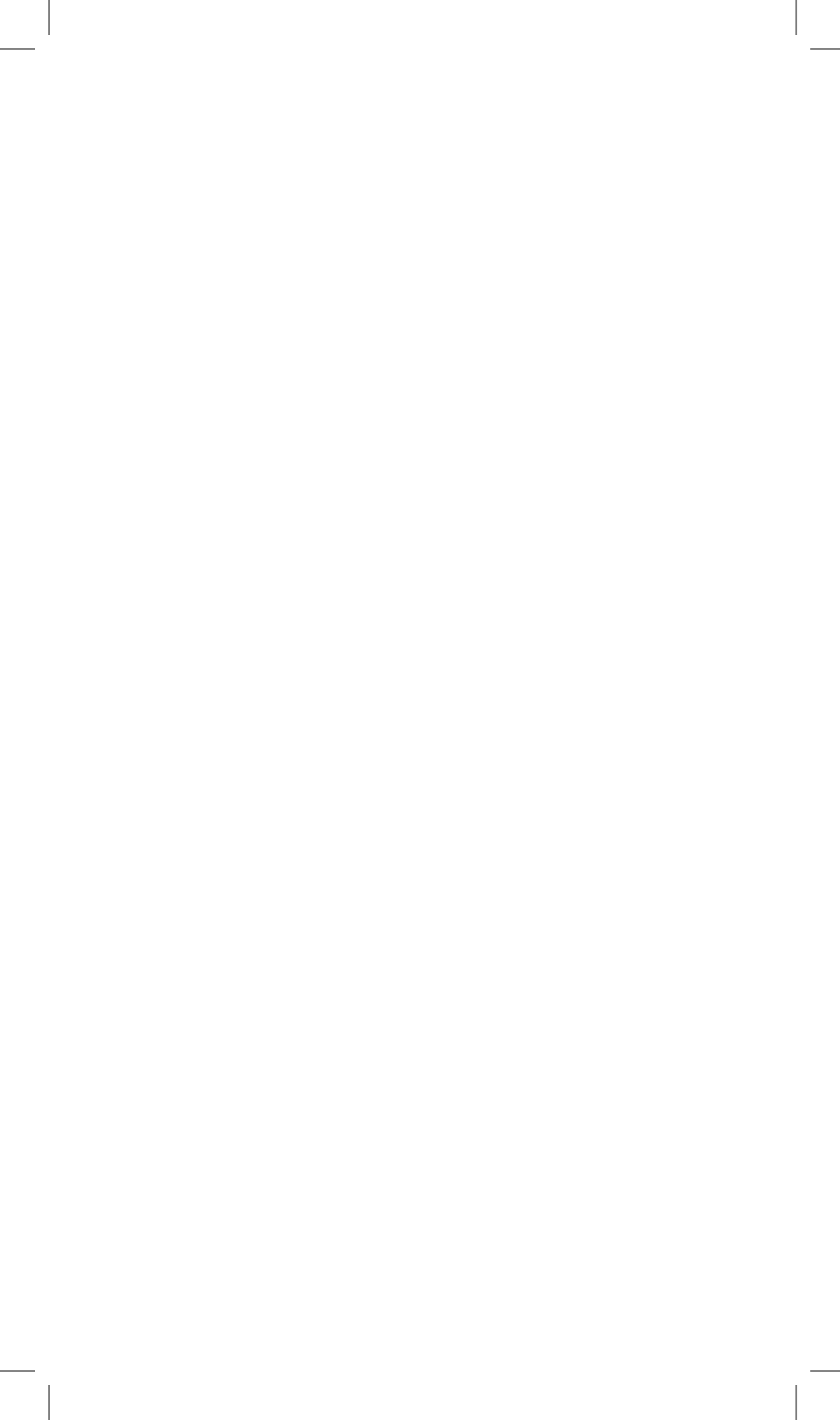
A capa foi feita por  
**ALÉXIA BRASIL.**

As capas dos folhetos foram reproduzidas por  
**ISMAEL PORDEUS, PEDRO HUMBERTO**  
**E PEDRO CUNHA,**  
que também retocou as capas juntamente com  
**ALDAIR PEREIRA.**

As fotografias foram reproduzidas por  
**FRANCISCO SOUSA.**

Os folhetos vêm dos acervos da  
**CASA DE RUI BARBOSA,**  
da **BIBLIOTECA AMADEU AMARAL,**  
do **MUSEU DE ARTE DA UFC**  
e das coleções  
**JORGE BRITO E RUBEM AMARAL JR.**

O selo da Coleção Juazeiro é de  
**Yan JAMACARU.**



# Sumário

- 15 | Era Uma Vez...
- 21 | Esboço de Perfil
- 27 | Uma História Com Lacunas
- 33 | Um Outro Jornalismo
- 39 | A Gazetinha de Moura
- 45 | Amor: Romances e Folheto
- 51 | Carlos Magno
- 55 | Nos Moldes da cantoria
- 59 | Um Lado Sensacionalista
- 65 | Festa e Profécia
- 69 | O Apelo do Futebol
- 73 | Dois Crimes Em Um Só Folheto
- 79 | Questões de Política
- 85 | Matar Por Amor
- 89 | Tradição Atualizada
- 92 | Referências Bibliográficas



# Índice de cordéis

96 | **Gazetinha de Moura**

106 | **Os sofrimentos da criada da Princesa seduzida - Maria e Walfredo**

120 | **A Princesa do Bom Jardim e os milagres de São João**

132 | **Amor de mais também mata como matou Nisa Félix Rodrigues**

138 | **Traição de Galalão e a morte dos 12 pares de França**

158 | **Peleja de Moisés Matias de Moura com Antonio Cosmo Rodrigues**

164 | **A inundaçãõ do dia 5 de maio de 1949**

170 | **Pavoroso desastre de trem no dia 31 de outubro de 1949 – 7 mortos e 9 feridos**

176 | **A triste história do Sr. Moacy Weyne**

182 | A história de Jombrega

188 | Ano Santo 1950 – a mais linda história

194 | A carta que veio do céu

202 | Monstruoso crime do ex-jogador Idalino que foram vítimas os dois comerciantes Aluisio e Geraldo

208 | A sena de Maranguape e o crime do Café Familiar onde morreu Maria da Conceição

214 | Tenente Brigadeiro Eduardo Gomes. O grande herói dos 18 de Copacabana em 1922

220 | A morte do Presidente Vargas o braço forte do Brasil

228 | O monstro de Pacajus



Este livro é dedicado à memória da jornalista Tânia Furtado (1969/ 2009). Eu a conheci no segundo semestre de 1988, na volta do meu Mestrado, quando ministrei a disciplina Sistemas de Comunicação no Curso de Comunicação Social da UFC – Habilitação em Jornalismo.

Tânia, assídua e atenta, estava na primeira fila, fazendo anotações, as perguntas mais oportunas e contribuindo para que a gente tivesse a sensação de estar no espaço universitário. Foi minha aluna em outras seis disciplinas e orientanda de monografia de conclusão de curso, quando desenvolveu pesquisa sobre o jornal *O Nordeste* (1922/1967), fundado por seu avô, Andrade Furtado.

Depois de formada, começou uma carreira competente no telejornalismo. Passou pela extinta TV Manchete, trabalhou na TV Verdes Mares, cumpriu uma temporada em Brasília e deixou a marca de repórter exigente, ética e comprometida com o ofício e com a gente.

Dedicou-se ao magistério. Foi professora substituta na UFC e deu uma valiosa contribuição à formação de novos jornalistas na Universidade de Fortaleza.

No início dos anos 1990, ela trouxe cópias dos folhetos de cordel de Moisés Matias de Moura do acervo da Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e deu um decisivo impulso a esta pesquisa. Não é só por isso que o livro é dedicado a ela. É por tudo o que ela representa como exemplo de competência, ética e amizade.



Um agradecimento especial à família do poeta,  
principalmente à filha Raimunda Justina de Moura, que  
compreendeu a importância desta pesquisa para colocar  
Moisés Matias de Moura no lugar que lhe é devido na  
história do cordel.

Agradecimentos a Leonardo Pereira da Cunha, da Biblioteca da Casa de Rui Barbosa; a Maria Rosário Pinto, da Biblioteca Amadeu Amaral; a Pedro Humberto, do Museu de Arte da UFC. Também ao fotógrafo Pedro Cunha, ao cordelista Arievaldo Viana, ao bibliófilo Jorge Brito, ao embaixador Rubem Amaral Júnior e à jornalista Cláudia Albuquerque.

Mais agradecimentos pelas buscas a Joseilda Diniz, no Acervo José Alves Sobrinho, e a Rosilene Melo, na Coleção Átila de Almeida (UEPB), ambos em Campina Grande. A Ria Lemaire, no Fonds Cantel, em Poitiers, e a Marly Soares, pelo acesso à Biblioteca do Congresso, em Washington. Ao pessoal da Biblioteca Sérgio Milliet, do Centro Cultural São Paulo, e a Maria Izilda C. N. Fonseca Leitão, do IEB/ USP. A Antônio Galeno, pelas pesquisas na biblioteca da Casa de (seu avô) Juvenal. A Eduardo Augusto Cortez Campos, pelas portas abertas do Instituto Eduardo Campos.

## Era Uma Vez..

Quem foi mesmo Moisés Matias de Moura? Nos anos 1940 e 1950, o poeta inundava a cidade com informações valiosas sob a forma de folhetos de cordel de acontecidos. As notícias vinham com rima e métrica e traziam a versão dos fatos de um “intelectual orgânico”, de acordo com o teórico italiano Antônio Gramsci. Ele insistia em deixar sua marca e, com erros de grafia e rimas forçadas, fez uma crônica deliciosa de uma Fortaleza que não era muito melhor que a de hoje.

O tempo passou e as lembranças caíram no esquecimento. Dos mais de cem folhetos que publicou, restaram 16 (ou 17), conseguidos depois de uma recolha cuidadosa por vários acervos brasileiros, públicos e de colecionadores.

Ficou a certeza de sua importância e da necessidade de recuperar a argúcia do seu olhar, o faro para os temas que venderiam folhetos e o seu conceito de notícia, em um tempo em que os jornais tateavam rumo à constituição de empresas.

Estudos recentes e mais densos sobre cordel, como os de Jerusa Pires Ferreira, Martine Kunz, Edilene Dias Matos e Ria Lemaire, abrem perspectivas de leituras e



apontam para a valorização de folhetos até então considerados menores por conta de seu caráter de encomenda, no caso do folheto de propaganda política ou de publicidade comercial.

No que se refere aos folhetos jornalísticos, ainda que tivessem ressonância, em um primeiro momento, pelo impacto causado e pelo diálogo com as notícias dos jornais, logo estariam fadados ao esquecimento. Não estabeleciam a mesma relação afetiva que os leitores tinham com os romances, com o “trancoso”.

Quando trata da Indústria Cultural, Edgar Morin (1959) chama a atenção para a dosagem da redundância com a novidade. Pode-se pensar que, com a exaustão dos clássicos, o cordel jornalístico venha a suprir a parte do novo.

Nesse contexto de produção de folhetos veiculando as mortes de Getúlio Vargas (1954) e de Luiz Gonzaga (1989) e a visita do Papa João Paulo II (1980) ao Brasil, ganharam destaque José Soares, o “poeta-repórter do Recife”, Raimundo de Santa Helena, da Feira de São Cristóvão (Rio de Janeiro), e Abraão Batista (Juazeiro do Norte) – para não deixar de falar no “cordel urbano” de Jotamaro ou no grupo do Cecordel, em Fortaleza, no qual se destaca, nessa perspectiva, a produção de Otávio Menezes.

Moisés Matias de Moura, com uma produção de mais de 120 folhetos, boa parte deles de “acontecidos” com forte impacto na vida de Fortaleza, caiu no esquecimento nos anos 1940 a 1960, apesar de fazer parte, com 15 títulos, do catálogo da *Literatura popular em verso*, da Casa de Rui Barbosa, de 1961, e de integrar a antologia da mesma instituição, organizada por M. Cavalcanti Proença e publicada em 1986.

Moura não consta, por outro lado, da competente *Antologia da literatura de cordel*, com o selo da Secreta-

ria da Cultura do Ceará, lançada em 1978, tampouco da *Literatura de cordel: antologia*, organizada por Ribamar Lopes para o Banco do Nordeste, datada de 1982.

Esta pesquisa, desenvolvida desde o início dos anos 1990, resultou no texto “Quando o cordel vira jornalismo”, publicado pelo jornal cearense *Diário do Nordeste* quando do centenário de nascimento do poeta (Caderno 3, edição de 17 de fevereiro de 1991), e em um artigo para a revista paulistana *Cultura Crítica* (APROPUC, n. 6, 2º semestre de 2007).

Constata-se que o poeta esteve mais atuante em 1949 e em 1950, período que concentra dez dos 17 títulos que integram esta recolha, iniciada na Casa de Rui Barbosa. Lá, foram localizados nove dos 15 cordéis que constavam do Catálogo. A Biblioteca Amadeu Amaral, do Museu do Folclore, entra com apenas um título. Os outros vieram de colecionadores, como Jorge Brito e Rubem Amaral Júnior, do dossiê funcional do “cabo velho”, arquivado na Polícia Militar do Ceará, que gentilmente autorizou a consulta dos documentos microfilmados e do Museu de Arte da UFC que detém um solitário folheto. A família, infelizmente, não guardou seus impressos.

A segunda edição do *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*, de Átila de Almeida e José Alves Sobrinho, diz que seu acervo teria ficado com Benedito Antônio de Matos, dublê de editor e poeta em atuação no Café São Miguel, “dentro do Mercado Central”, em Fortaleza, e depois com José Flor, outro ativo vendedor de folhetos, do qual não se tem notícia.

Àquela época, os grandes nomes que atuavam no cordel em Fortaleza eram o potiguar Luiz da Costa Pinheiro e o paraibano Joaquim Batista de Sena. A produção dos dois foi vendida por Sena, em 1974, para o poeta e edi-

tor Manoel Caboclo, de Juazeiro do Norte. Já os cordéis de Moisés Matias de Moura tomaram rumo incerto e ignorado.

Pouco foi escrito sobre este poeta. Eduardo Campos fez referências a ele no livro *Cantador, musa e viola* (1973), no capítulo intitulado “Uma peça jurídica, matuta, em versos”: “Mesmo nas capitais o poeta popular, na refrega política, não é esquecido. Por ocasião da campanha eleitoral, que elegeria ao senado o Sr. Fausto Cabral, o poeta Moisés Matias de Moura, para a propaganda do candidato, em Fortaleza, foi convidado a escrever o folheto: ‘Fausto Cabral, a Bandeira da Salvação.’ Sendo cabo da Polícia do Ceará, o poeta pedia a sua promoção, por antecipação, ao candidato: ‘Desejo mais duas fitas / Para meu melhoramento / Hoje com duas sou cabo / Com mais duas sou sargento / - Peço a seu Fausto Cabral / Sem nem um acanhamento’”.

Vale a pena chamar a atenção para a importância de Moura no que se refere ao folheto de acontecido ou noticioso. Interessante também como sua produção, a partir dos catálogos e do que foi registrado, descola-se do que foi apropriado pelos intelectuais, pelas instituições culturais e pela propaganda governamental, em um reforço dos estereótipos da “cearensidade”, como a hospitalidade e a irreverência.

Ele passou ao largo do Bode Ioiô, personagem da crônica da cidade, hoje empalhado no Museu do Ceará. Não escreveu sobre o cão da Itaoca, que revirava móveis, painéis e atemorizava os moradores e a vizinhança da casa do tenente da polícia João Ferreira Lima, no Beco da Itaoca (hoje rua Romeu Martins), em 1941. Não tomou conhecimento do dia em que vaiaram o sol na Praça do Ferreira, conforme registro do jornal *O Povo* de 30 de janeiro de 1942. Também não levou em conta o estigma

das moças cearenses que namoravam os norte-americanos e foram chamadas de Coca-Colas, em referência à estranha beberagem trazida pelos “gringos”. Menos cabimento ainda daria às presepadas de um tal de Zé Tatá, o mais famoso e valente “baitola” da cidade, que desfilava de baiana no carnaval de rua. Ora, se isso seria motivo para folheto, naqueles tempos de rígida moral ou hipocrisia deslavada?

O “agendamento” adotado pelo poeta é significativo de sua visão de mundo e do seu conceito de notícia interessante para vender folhetos. Devia existir um grande prazer em ser o intérprete dos fatos e em chamar a atenção para determinados aspectos, o que evidenciava uma captação dos fatos, um tratamento do texto e uma agilidade no lançamento dos títulos. Isso devia dar um destaque ao poeta nos círculos da cidade, junto aos potenciais compradores e aos formadores de opinião, e ele devia ser visto (e se ver) como um incansável repórter.

Esses folhetos circunstanciais envelhecem como os jornais, mas o poeta interferiu, testemunhou e deixou suas marcas. Essa produção cordelística (ou nos moldes do cordel) nos leva a um diálogo do cordel com a notícia e a uma cobertura jornalística com rima e métrica. São esses limites imprecisos que nos motivam e nos impulsionam na direção de Moisés Matias de Moura.

Certo é que ele foi uma personalidade importante da vida de Fortaleza, e isso merece ser recuperado.



## Esboço de Perfil

Moisés Matias de Moura nasceu em Pesqueira, Pernambuco, a 14 de fevereiro de 1891, um sábado, dia de São Cirilo e São Metódio. Era filho de João Matias de Moura e Maria Madalena do Espírito Santo (grafado erroneamente “Maria Madalena da Conceição” no atestado de óbito dele).

As polêmicas sobre a República não chegaram a entusiasmar a população em geral, sendo mais uma bandeira dos intelectuais e das elites econômicas.

Em 1891, discutia-se a Constituição, que seria promulgada ainda em fevereiro. Pouca coisa mudara, sob a ótica dos desfavorecidos. Saiu o Imperador, figura aparentemente conciliadora, e entraram os marechais das Alagoas.

A cidade serrana do Agreste pernambucano, a 650 metros de altitude, a pouco mais de 200 quilômetros do Recife, tendo Santa Águeda como padroeira, ganhou, no final do século XIX, a primeira fábrica de doces do norte do Brasil. Depois, veio o aproveitamento do tomate, sob a forma de molhos e extratos, e essas plantas industriais foram desativadas nas últimas décadas do século XX.

Além dos doces, a cidade ficou conhecida como centro produtor da renda “Renascença”, uma delicadeza artesanal trançada em pequena escala, tamanha a complexidade e o tempo exigido para sua manufatura.

O primeiro casamento, celebrado com uma conterrânea, foi registrado por ele em uma publicação chamada “Gazetinha de Moura”, inventário de sua vida e obra: “Depois escrevi o verso / de Moisés e Teresinha / Que eu era esposo dela / Ela era esposa minha / Morreu me deixou viúvo / Cumprindo a sorte mesquinha”.

Dos 19 filhos nascidos, nenhum se criou. Pode-se pensar, do ponto de vista médico, numa incompatibilidade genética. Esse capítulo é “sequestrado” dos documentos que permitem acompanhar sua vida. Das crianças nascidas, a de maior sobrevida durou 15 dias.

A saída de Pesqueira pode ter tido como alibi uma expectativa de trabalho ou de melhoria de vida. O destino a Juazeiro do Norte é quase sempre explicado pelas romarias ao Padre Cícero, quando os romeiros se fixavam no Cariri cearense depois da “permissão” para ficar e da bênção do líder religioso que, muitas vezes, ainda atribuía ou definia um ofício para o adventício.

No dia 9 de outubro de 1943, o operário Moisés se casa com Justina Maria de Moura (já antecipando o nome adotado depois do casamento), solteira, de ocupações domésticas, filha de Vicente Pereira da Silva e Maria Ana de Jesus, nascida a 30 de junho de 1912 em Boa Esperança (hoje distrito de Iara, município de Barro, Ceará) e falecida em 1992.

O enlace se deu no Cartório de Pacatuba, cidade no pé de serra da Aratanha, a 25 quilômetros de Fortaleza, onde a noiva passava temporada com os patrões (sobre os quais falava pouco, de acordo com a filha Raimunda

Justina). Uma de suas irmãs vivia na vizinha cidade de Redenção. Moisés e Justina Maria traziam em seus documentos o estado civil de solteiros, e não de viúvos, como seria de se esperar. A certidão também faz menção ao fato de o casal já ser unido, pelas leis da Igreja Católica, e trazer três filhos: Vicente, nascido a 12 de dezembro de 1927, e Ana Maria, a 19 de fevereiro de 1930, filhos de Justina com um tio, com o qual se casou aos doze anos de idade, ambos reconhecidos como filhos pelo poeta, a quem chamavam de “padrinho”, e Aniceto, nascido a 6 de outubro de 1938, já em decorrência do enlace Moisés/Justina. Posteriormente, vieram à luz Maria Zeni, a 9 de novembro de 1946, e Raimunda Justina, a 14 de abril de 1950.

A primeira edição do *Dicionário*, de Almeida e Alves Sobrinho, diz ser ele cearense e lista 16 dos seus títulos; já a segunda edição da mesma obra de referência, de circulação restrita, diz ter ele chegado ao Ceará em 1926 – o que não deve ser verdade, porque ele começou a publicar folhetos em Fortaleza, em 1929, e nesse intervalo passou uma temporada em Juazeiro do Norte, que uns (a filha Raimunda Justina, por exemplo) dizem ter durado 25 anos, quando teria morado nas Malvas, bairro situado às margens da via férrea que liga a cidade do Padre Cícero a Missão Velha.

O exame médico feito pelo Instituto de Previdência do Estado do Ceará (IPEC) em 18 de dezembro de 1945 o considerou apto a assumir as funções de guarda do trânsito, tendo sido admitido no serviço público a 10 de janeiro do ano seguinte. O prontuário dizia ser negro, medir 1,68m de altura e pesar 66 quilos. Teria se aposentado (ou reformado, de acordo com o jargão militar) em 1968.

Ele reforçou a opção pelos folhetos de feira, fazendo do jornalístico o ponto de partida para suas criações: “Eu



só escrevo é porque / sou poeta de verdade / quando eu chegar a morrer / faço falta na cidade / porque faço profissão / de escrever novidade”.

O “cabo velho do trânsito” morreu a 4 de abril de 1976, às 8:30 da manhã, em casa, vítima de uma trombose cerebral. Foi enterrado no Cemitério de Messejana.

Os jornais do dia seguinte e do resto da semana não repercutiram a morte do poeta. A edição de “Unitário” chamava a atenção, naquele domingo, para a erosão da costa em Fortaleza e noticiava a temporada de quatro dias na praia de Icaraiá, em Caucaia, da atriz cearense Florinda Bulcão (Bolkan), natural de Uruburetama, radicada na Europa, onde fazia cinema.

Um terremoto em Istambul resultou em quatro mortes, enquanto a violência na Argentina vitimou 13 pessoas. Falava-se em ameaça de golpe de Estado em Portugal, que se livrou, em 1974, de mais de 40 anos de ditadura salazarista. Em rodada dupla no Estádio do Castelão, o Ceará enfrentaria o Quixadá, e o Fortaleza duelaria com o Guarani de Juazeiro.

O “resgate” de sua vida e de sua obra esbarra nas dificuldades que cercam a produção tradicional / popular, marcada pelos preconceitos elitistas e mantida, no caso cearense, à margem da história da literatura e da imprensa.

Teve uma existência longa, de 85 anos, o que corresponde a um ciclo inteiro do planeta Urano, que estava em Escorpião quando ele nasceu – e repetia-se o mesmo quadro astrológico quando de seu falecimento.

Em cerca de 120 títulos, ele se intitulava como “historiador brasileiro”, porque contava estórias e não porque “fazia História”, e foi um curioso intérprete de muitos acontecimentos da época.

Esse número foi estabelecido por ele mesmo no

opúsculo “Moisés Matias de Moura e suas Histórias desde 1929 até a Data 1962”, citado pela *Antologia*, da Casa de Rui Barbosa: “Moisés e suas histórias/ Até a data presente / São 120 livrinhos / Cada livrinho um repente / Por perder a coleção / Cito os nomes novamente”.

Da morte de Vargas, em 1954, até 1962, Moura teve a oportunidade de fazer folhetos sobre a vitória da cearense Emília Correia Lima no concurso “Miss Brasil”, em 1955; a seca e a conquista brasileira da Copa do Mundo, em 1958; o arrombamento do açude Orós; e a morte de Caryl Chessman, bandido que se tornou escritor, condenado à morte na câmara de gás no presídio de San Quentin, na Califórnia (Estados Unidos da América), em 1960 – fato que comoveu a opinião pública de Fortaleza a partir de campanha para a revogação dessa sentença, desencadeada pela Rádio Dragão do Mar. Também não escreveu sobre os “rabos de burros”, jovens da capital cearense do final dos anos 1950 e início dos anos 1960 que transgrediam a lei e os “bons costumes” com lambretas, maconha e uma rebeldia aparentemente sem causa.

Em 1961, sintonizado com a política nacional, ele publica “A Renúncia de Jânio Quadros e a Posse de João Goulart”, em que cantava: “Os bancos estavam fechados / e o comércio sofrendo / João Goulart mandou abrir / Garantia oferecendo / Logo os comerciantes / foram agradecendo”, conforme citação de Campos (1973), que chamava a atenção para o aspecto jornalístico do cordel.

Fecha o que foi possível localizar e mapear com o “Monstro de Pacajus”, folheto de encomenda (segundo ele) sobre um crime acontecido em 22 de outubro de 1961.



## Uma História Com Lacunas

Moisés Matias de Moura teria começado a publicar folhetos em 1929. A “Gazetinha de Moura”, espécie de catálogo e de intuitiva ferramenta mercadológica, corrobora com ênfase essa afirmativa, quando ele diz que, a partir do folheto sobre a morte do pequeno George, passou a se dedicar a esse ofício.

Curioso que seu nome tivesse sete sílabas e se prestasse muito bem a ser o último verso dos folhetos, substituindo o acróstico dos outros cordelistas. Moisés não hesitava em recorrer a “sofredoura”, “traidoura” ou “irradiadura”, baseado muito mais no som do que na escrita para resolver o problema da rima com Moura, o seu nome de família.

Orígenes Lessa foi visitá-lo, em outubro de 1954, e deu notícias do poeta morando no bairro Amadeu Furtado (Parque Bela Vista, nº 11, na zona oeste de Fortaleza, hoje Parquelândia), antigo Coqueirinho, então uma área de forte presença no noticiário policial da cidade – mas não o encontrou naquele dia, porque estava ven-

dendo folhetos na romaria de São Francisco de Canindé.

Chamou a atenção de Lessa, além do ônibus “miserável e atulhado de gente”, o “areião” salpicado por casas de taipa e cajueiros. Um índice do padrão de vida da família foi dado pelo rádio que, apesar de “antediluviano”, devia servir para deixar o poeta antenado com as últimas notícias. Também chamou a atenção da visita ilustre a pele de dona Justina, “da cor de vintém velho”. A foto que está dependurada numa sala da casa da filha caçula mostra a mãe, aos 38 anos, grávida da filha. O jornalista se impressionou com o nível de informação que ela tinha das atividades editoriais do marido.

Moisés era reconhecido pela agilidade da criação poética (“e para escrever repente / sou ligeiro como um raio”) e pela credibilidade que ganhava sua versão dos fatos (“nunca menti em repente / que não há necessidade”).

Fazia da afirmativa de “que tem passado no trânsito / uma vida sofrédoura” uma rima pobre e a denúncia do soldo complementado pela venda de folhetos.

Em 1956, a família Moura se mudou para Cajazeiras, próximo a Messejana, onde o Governo do Estado adquiriu terras que seriam financiadas aos servidores públicos, no que seria depois o bairro Cidade dos Funcionários. Na época, um grande matagal, com muitos cajueiros, sem arruamento e com a BR (que à época se denominava BR-13) cortando os carnaubais e os braços do rio Cocó.

Quando se tornou membro da Igreja Batista, congregando-se no templo das “Seis Bocas”, a esposa não gostou muito, mas não tinha como se opor. Antes de morrer, no entanto, ele voltou ao seio da Igreja Católica, e nunca deixou de ser devoto de São Francisco de Canindé e do Padre Cícero.

A filha Raimunda Justina, aposentada pela Telecea-

rá (Telemar, depois da privatização no governo FHC), morou na casa que foi propriedade do pai, à rua Cesídio de Albuquerque, nº 405, adquirida havia pouco tempo pela rede de mercadinhos São Luís para ampliação do estacionamento de uma de suas lojas. Ela comprou outra casa, na mesma rua, e vive na companhia de pessoas da família e das muitas lembranças do poeta.

As referências a Moura dão conta da venda de folhetos no Mercado, fazendo parte da vida de uma cidade que discutia política de modo apaixonado, comia pastel com caldo de cana e frequentava, com roupas de domingo, como se dizia então, as matinês dos cinemas.

Fortaleza era ainda mais “matuta” nos tempos de Moisés Matias de Moura (1940 / 1950). A população da cidade passou de 270.000 habitantes em 1950, de acordo com o Censo do IBGE, para a casa do meio milhão, dez anos depois.

Na metade do século XX, a qualidade de vida da capital cearense era assustadoramente precária. Apenas 5.400 casas da cidade eram abastecidas pelo açude do Acarape. A maioria usava água sem tratamento, transportadas pelas carroças. Um dos chafarizes mais disputados era o da Pirocaia, que atendia ao que depois passou a se chamar Montese. No que se refere ao esgotamento sanitário, apenas 4.300 residências eram beneficiadas, ficando o restante sujeito às fossas. Essas informações são do jornal *Correio do Ceará*, edições de 29 e 31 de agosto de 1950. A energia elétrica, sujeita a quedas e a panes, só melhoraria a partir de 1965, com a integração de Fortaleza à rede da hidrelétrica de Paulo Afonso. “Falta de luz é bom pra namorar / a usina lá do Mucuripe / todo mês tem gripe / não quer mais funcionar”, cantava a marchinha carnavalesca do radialista Irapuan Lima e do seu

parceiro Mário Filho, sucesso no carnaval de 1946.

Os símbolos do poder estavam no Centro, como o Palácio do Governo, instalado no Palácio da Luz, na Praça dos Leões. A Assembléia Legislativa ocupava o palacete neoclássico do século XIX, onde hoje funciona o Museu do Ceará.

Também estavam no Centro o Palácio da Justiça, a Prefeitura Municipal, a Câmara dos Vereadores, bem como as redações dos jornais, as lojas (uma das diversões da população era ver as vitrines) e a vida noturna, com as “pensões”, os “châteaux” (castelos), por conta da influência francesa, no início do século XX, ou “lupanares”, de acordo com o mau humor da mídia.

A Cadeia Pública abrigava presos até passar a sediar um centro de artesanato, nos anos 1970. A Sé era uma expectativa e uma desesperança, depois da demolição da velha igreja, em 1938; a nova, com projeto europeu pós-gótico, só seria inaugurada em 1978.

Fortaleza ainda não descobrira o mar, e a Praia de Iracema, além de porto, reunia algumas casas de veraneio, ocupadas nos finais de semana. Benfica e Jacarecanga eram regiões de chácaras e sobrados, e a Aldeota um projeto de futuro.

O rádio entra no ar, em 1934, com a Ceará Rádio Clube, incorporada pelos Diários Associados dez anos depois. A Rádio Iracema foi inaugurada em 1948. Fortaleza elegeu, em 1950, o jovem radialista Paulo Cabral de Araújo, de 28 anos, para prefeito.

Em 1949, era construído o Abrigo Central, onde ficavam os pontos de ônibus (os bondes foram retirados de circulação em 1947), os quiosques de merenda (“Pedão da Bananada”), os cafés (“Wal-Can”), as bancas de revistas (“Alaor”), os cambistas e o local onde as pessoas

passaram a se encontrar para falar de política, de esportes, e, principalmente, da vida alheia.

Ficou no imaginário coletivo, durante muito tempo, a estrofe de sua autoria: “A pobre da dona Olga / Cujador os olhos empolga / Disse assim para o marido: / Eis nosso filho tão ridículo / Sob as rodas de um veículo”, de seu primeiro folheto, que contava o desastre do qual foi vítima o pequeno George. De acordo com o depoimento da esposa do poeta, dona Justina, a Orígenes Lessa, “o pai (do menino George Cayat) viu o folheto e ficou muito satisfeito”.





## Um Outro Jornalismo

Moisés Matias de Moura pode não ser considerado um grande nome do cordel, ao lado de Leandro Gomes de Barros, Chagas Batista, João Martins de Athayde, Joaquim Batista de Sena, Manoel Camilo dos Santos, Manoel d'Almeida Filho ou Expedito Sebastião da Silva. Na maioria das vezes, ele estava longe de atingir a excelência do verso. Do ponto de vista da norma culta, o folheto dele é descuidado, tem rima pobre e pé quebrado. No entanto, sua contribuição ao cordel de acontecidos é inquestionável.

Esta pesquisa fez a opção pela transcrição dos folhetos dele tais como foram publicados. A tentação da correção gramatical, além de elitista, levaria a um outro folheto. Vale mantê-los como documentos, e é nesse sentido que os erros de ortografia, acentuação, concordância e regência dão, de certo modo, uma cor e um sabor às publicações de Moura.

Pode-se ver seus folhetos como o elo perdido entre o oral e o impresso, um texto que pretende significar e que deixa de lado revisões e apuros gramaticais, na qual o oral se imiscui pelas frestas do escrito, compreensível para o público-alvo e para o recado que o autor quis dar.

Vale pensar em Moura como o cronista de uma cidade que aspirava à condição de metrópole. A opção pelo relato da violência, em boa parte dos seus títulos, antecipa que este seria o preço do adensamento populacional, agravado pela concentração de renda, pelo analfabetismo e pela falta de empregos.

Talvez seja mais interessante vê-lo como intérprete de um “jornalismo oral”, e não “popular”, baseado na enunciação da narrativa a partir do coloquial. Optava-se por dizer o fato de forma a provocar curiosidade e aumentar o desejo de acompanhar a narrativa, dosando a emoção com a frieza dos dados, dos argumentos e dos testemunhos.

A técnica passava ao largo dos manuais de redação (que não existiam nesse período), indício de um tempo em que as empresas jornalísticas não estavam consolidadas, dando margem a que o povo expusesse os fatos do seu ponto de vista, com a legitimação de um porta-voz autorizado.

O jornalismo era exercido de modo boêmio e com uma filiação política partidária explícita. As primeiras teorias só chegariam muitos anos depois. A resposta às perguntas básicas (quem, como, onde, quando e por quê), a objetividade jornalística e o fato de se atender ao interesse público, exigindo a escuta de todos os lados envolvidos na questão, supostamente poriam o jornalismo em outro patamar, com o intuito de se tornar uma atividade empresarial.

Na contemporaneidade, fala-se em apartidarismo, independência, pluralismo e democracia como apanágios do jornalismo. As empresas escondem, por outro lado, as relações promíscuas entre o comercial e o editorial, as negociações com os governos e a ingerência dos grandes anunciantes sobre o que está sendo veiculado.

Não se trata de forçar uma dicotomia, mostrando de um lado o poeta sem compromissos com a ética, focado apenas nas vendas de seus folhetos, e, do outro lado, os veículos de comunicação estabelecidos.

Os jornais cearenses desse período pecavam pelo sensacionalismo (com exceção do veículo católico *O Nordeste*), trazendo fotos de cadáveres e corpos sendo exumados. Isso foi feito quando do crime praticado em 1950 pelo ex-jogador Idalino, objeto de um folheto de Moura, em que jornais emitiram juízos de valor, como, por exemplo, “lombrosiano”, aplicado sobre a foto do réu confesso. Do adjetivo se inferia que Idalino estava predestinado a matar, em função das teorias positivistas e deterministas do teórico italiano Cesare Lombroso (Verona, 1835 / Turim, 1909), autor de uma tipologia dos delinquentes se. As fotos das crianças, filhos do ex-jogador, foram publicadas com seus respectivos nomes e idades.

Essa produção independente (em relação ao grande capital e ao mercado tradicional) mostraria o impasse do cordel de acontecido, em fase de sedução pelo rádio, insistindo no folheto como uma tradução dos jornais da época, confusos na disposição das matérias, com pouco respaldo da publicidade, e ainda com a divisão entre os veículos de circulação matutina e vespertina, que duraria até 1974.

Vale destacar que um folheto custava, em 1949, o dobro do preço de um exemplar do vespertino *Correio do Ceará* (fundado em 1915, integrante dos Diários Associados a partir de 1944 e extinto em 1981) ou da matutina *Gazeta de Notícias* (em circulação desde 1927, extinta em 1972), jornais que serviram de base para o diálogo com os “poemas” de Moura. A escolha desses jornais se deu pela importância acumulada, pelo bom estado das

coleções acessíveis à pesquisa e, principalmente, porque não circulam mais e permitem uma avaliação mais crítica e distanciada.

Outros jornais eram publicados em Fortaleza nesse período, de 1949 a 1950: *Unitário*, *O Nordeste*, *Diário do Povo*, *O Democrata*, *Diário do Ceará*, *Diário da Manhã*, todos extintos, além de *O Povo* (1928) e *O Estado* (1936), estes dois últimos ainda em circulação.

A preferência pelo folheto mostrava a imbricação com o oral, num contexto no qual ainda se davam as leituras coletivas e em que as pessoas estabeleciam com os cordéis uma relação afetiva – o que não impediu que a maior parte de sua produção se perdesse.

Os jornais, apesar do sensacionalismo, não conseguiam atingir, como ainda hoje, as camadas de poder aquisitivo mais baixo e de menor letramento, pela falta de uma relação cúmplice entre os veículos e os leitores.

Moisés Matias de Moura era o porta-voz desses excluídos do consumo, empurrados para os subúrbios, onde o urbano se mesclava com o rural e era comum o pregão de “panelada” (e “figo” gordo), acompanhado pelo baticum nas caixas de madeira, transportadas em lombo de burro, evocando o toque de matraca das velhas procissões.

Também eram vendidos, de porta a porta, “quebra-queixo” (cocada), “puxa-puxa” (alfenim) e “doce gelado” (picolé). O triângulo marcava o passo do ambulante que oferecia a “chegadinha”, versão local do biscoito chinês, enquanto os meninos brincavam de “bilas” (bolas de gude) ou empinavam “arraias” (pipas).

A bodega da esquina mantinha a caderneta onde eram anotadas as compras feitas de “meia barra de sabão Pavão” (como dizia o anúncio nostálgico), de meio pão ou de quatro ou cinco cigarros BB e das Manufaturas

Araken, produzidos em Fortaleza.

As cadeiras nas calçadas, desculpa para tomar o ar fresco do final da tarde, eram pretexto para se falar da vida dos outros. Moças “bulidas”, esposas infiéis, maridos alcoólicos, rapazes efeminados, nada escapava à sanha deletéria dos vizinhos.

Nos arrabaldes se refugiavam os pastoris, os reisados, se faziam “dramas”, prevaleciam os “sambas”, que os jornais chamavam de “gafieiras”, e eram enforcados os judas da Semana Santa, com direito a testamentos maledicentes que envolviam as pessoas da comunidade.

Com a trilha sonora das onipresentes irradiadoras, que revezavam músicas (“cantigas de cabaré”) com mensagens, organizavam-se novenas, procissões, quermesses e se coroava Nossa Senhora todo dia 31 de maio, com direito a anjos com vestes de cetim, coroas de purpurina prata e asas de papel crepom. Do lado de fora, o parque de diversões era um brinquedo que se movia, com seus barcos, cavalinhos e rodas-gigantes.

A venda no Mercado Público não era apenas um comércio, mas uma forma de sociabilidade. O contato entre o leitor e o poeta era diferente da mediação do jornal, que estabelecia um frio distanciamento.

Moisés foi uma espécie de “produtor independente”. Não tinha vínculos contratuais com casas editoras e recorria às gráficas que faziam folhetos em Fortaleza desde a primeira década do século XX.

A queda da oligarquia Acioly em 1912 foi marcada pela impressão dos folhetos, com o selo da Tipografia Minerva, assinados com o pseudônimo Marcos Franco Tranqüilo, num jogo com o nome do líder Marcos Franco Rabelo, que assumiria a Presidência do Estado depois de passeatas, escaramuças, tiros e de uma aliança bem

construída entre as camadas médias de Fortaleza e o “Zé Povinho”.

Depois, veio a atividade editorial de E. Polari Maia (Livraria e Tipografia José de Alencar, à rua Guilherme Rocha, 278). Nos anos 1950, entra em ação o poeta e editor Joaquim Batista de Sena, com a Folhetaria São Joaquim / Graças Fátima, primeiro à rua Juruá, 63, no bairro da Floresta – hoje Álvaro Weyne –, e depois à rua Liberato Barroso, 725, no Centro da cidade.

Moura não dava pistas de onde imprimia seus folhetos, mas na conversa com Orígenes Lessa, em 1954, dona Justina reclamava dos aumentos abusivos dos custos da publicação, o que significava um vínculo sem mediação entre ele e as tipografias. A venda dos folhetos complementava uma renda pequena para as exigências da família à época.

## A Gazetinha de Moura

A publicação de 14 páginas, no formato do cordel, foge à regra do múltiplo de quatro (a expectativa seria de um folheto de 16 páginas) e é valiosa por enumerar boa parte dos títulos de Moisés Matias de Moura e ajudar a recuperar o que se perdeu, pelo descaso para com a memória.

Pode-se pensar na “Gazetinha” como calcada nos catálogos das folhetarias e das editoras do cordel, com a vantagem de que aqui os títulos não são apenas enumerados, mas ganham um comentário (“glosa”) por parte do próprio autor.

A “Gazetinha” evidencia o tino mercadológico de Moura, nos dá uma compreensão do que significavam os títulos para ele. Pode-se até tentar compreender sua lógica de criador e produtor a partir dessa publicação que, ao que tudo indica, era (ou ele pretendia que fosse) periódica.

“Leitores prestem atenção / A Gazetinha de Moura / Que anuncia o passado / Em rima improvisadora / E fica em atividade / De mais alguma vindoura”. De acordo com a letra e a voz do autor, a “Gazetinha” era uma espécie de jornal, com mobilidade para se deslocar no tempo e no espaço: “Portanto caros leitores / Fiquem na atividade / Quando se der qualquer caso / Dentro ou fora da



cidade / Esperam a Gazetinha / Que anuncia a verdade”.

Mais que uma abertura, é uma declaração de princípios éticos: “Eu historiador Moura / A ninguém nunca iludo / Aborreço o mentiroso / A verdade é meu escudo / Quem lê esta Gazetinha / Fica ciente de tudo”.

Ele diz que “o primeiro anúncio meu / foi escrever o desastre / do pequenino George / do Sr. Cezar Cayat / depois que escrevi este / eu fiz profissão da arte”.

Essa arte deve trazer vestígios de tudo o que ouviu, leu e viveu no universo mágico do Juazeiro e que contribuiu para formar sua visão de mundo e seu repertório.

A listagem prossegue falando do poema sobre Severino Sombra, o cearense líder de uma facção integralista e depois fundador e chanceler de Universidade na cidade fluminense de Vassouras.

“Depois escrevi o verso / da planta de Fortaleza / que divide a cidade / com toda sua beleza / quem nunca viu já conhece / o verso conta a certeza”, o que provavelmente devia ser um comentário sobre o plano diretor da cidade desenvolvido pelo engenheiro Sabóya Ribeiro.

Moura também fala sobre três jovens maranhenses mortos afogados no porto de Fortaleza e sobre a morte do doutor José Sombra, pesquisador e membro do Instituto do Ceará, nascido em Viena (Áustria), vítima de choque entre um bonde e o trem que fazia a ligação com o porto de Fortaleza, fato ocorrido em 1932 junto ao Pavilhão Atlântico, na Praia de Iracema. Também assinou folheto sobre a morte do português, “um sócio de padaria / que deixou tanto freguez / morreu também afogado / Quando chegou sua vez”.

Uma pequena citação dá conta do lançamento do romance de Maria com Walfredo, que ele teria “estudado” do romance da Princesa Seduzida. De acordo com

o *Catálogo* da Casa de Rui Barbosa, este folheto seria de 18 de dezembro de 1935, publicado em Fortaleza, o que mostra um pouco do vaivém de sua atividade.

A Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo, é tema de dois folhetos, chamando a atenção para um fato de repercussão nacional que ecoou no cordel feito no Ceará. O mandato do interventor Roberto Carneiro de Mendonça, à frente do governo do Ceará, depois da Revolução de 1930 (setembro de 1931 a setembro de 1934), também merece um registro textual.

O poeta precisava estar atento e desenvolver seu tino para antever o que poderia ser bem aceito pelos leitores de seus folhetos. Quando reunia elementos do que chamaríamos hoje de “lenda urbana”, o movimento maior na banca do Mercado era previsível. Nesse sentido, ele diz que: “Depois escrevi o verso / a verdadeira certeza / do navio misterioso / do porto de Fortaleza / que aparece no porto / com garbosa boniteza”.

A história da mãe que se casou com o filho tem também todos os ingredientes de um sucesso de vendas, da tragédia grega (“Édipo Rei”, de Sófocles) à telenovela (“Mandala”, de Dias Gomes e Marcílio Moraes, Rede Globo, 1987/1988).

Entra em cena a morte de sua primeira esposa, entre 1934 e 1937 – já que ele opta pelo relato cronológico –, e seu “afilhado” Aniceto nasceu em 1938. “Depois escrevi um verso / Me doendo o coração / Trespasado de tristeza / Fugindo a pena da mão / Publiquei a vida e morte / Do Pe. Cícero Romão”. A construção do mercado, notícias das eleições que envolveram a Liga Eleitoral Católica (1934), o choque de um caminhão com um bonde, nada escapa à voracidade poética de Moisés Matias de Moura.

Ele não ficou de fora do episódio do Caldeirão, fazenda comunitária do Crato, experiência incômoda para o Estado Novo getulista, reprimida com força policial. Moura tratou, em um cordel, do episódio da emboscada e da morte do tenente José Bezerra, conhecido pela truculência, que ele diz ter “tirado do laço”.

Essas pistas apontam para folhetos (ele usa a palavra anúncio), mas perde-se a importância de sua interferência no âmbito da voz e da performance.

A “Peleja de Moisés Matias de Moura com Antônio Cosmo da Silva”, datado de 1944, localizado na Biblioteca do MAUC, traz o selo da Folhetaria Santa Luzia do Norte, casa editora de Olegário Pereira Neto, instalada à rua São Pedro, nº 1027, em Juazeiro do Norte. A quarta capa do folheto sugere: “Em Fortaleza, procurem uma banca de Moisés Matias de Moura, no Mercado Público, que ele vende pelos os melhores preços”.

“A Carta que veio do Céu” traz o selo do mesmo editor, que reivindica autoria, ainda que o último verso da última estrofe trouxesse bem claro o nome de Moisés Matias de Moura, na substituição do tradicional acróstico. Esse folheto, de acordo com as indicações da capa e do texto, é da “era de cinquenta”. Como Olegário morreu em 1946, existe a possibilidade de esse cordel ter sido publicado pela viúva do editor, que tentou, sem êxito, dar prosseguimento às atividades da Folhetaria Santa Luzia do Norte, depois da morte do marido.

Pode-se pensar que tenha sido inspirado pelos poemas religiosos e proféticos que circulavam às farras em Juazeiro do Norte e que a década de cinquenta tenha sido um marco – como existem sempre marcos quando se prevê catástrofe, mudança ou fato novo.

Outro folheto, sobre “A história da pequena Maria

de Lourdes filha de Dona Jovina Catarina do Nascimento assassinada pelo perverso criminoso José Maria vulgo Caboré”, datado de 1º de dezembro de 1949, constante do catálogo da Casa de Rui Barbosa, traz o nome de Moisés no último verso, como ele assinava seus folhetos, e omite o nome do autor na capa, provável indício de uma refrega editorial.

Em relação à temática, eram frequentes as mortes por amor, como a que vitimou Alderi Bezerra. A história da jumenta corredeira mostra a força do rural numa cidade marcada pelas migrações provocadas pelas secas, dentre as quais a de 1958 e, mais recentemente, a de 1979/1983, que fazem de Fortaleza uma grande cidade sertaneja.

“Leitores, nos meus repentes / Todas notícias não vinha / Mas hoje tem um anzol / E eu pegado na linha / Não me escapa um anúncio / Cai tudo na Gazetinha”.

A ideia vigente hoje em dia de omitir os suicídios do noticiário não se sustentava na lógica dos jornais desse período, tampouco no viés de Moura. Assim, ele fala do Cabo do Exército chamado Torquato: “Suicidou-se Torquato / Fez esta grande arrelia / Porque estava devendo / É o povo que avalia / Outros dizem foi desgosto / Dele com sua família”. A morte do trabalhador Artur Graviola também ganhou as páginas dos folhetos de Moura. Já o dono de uma padaria foi assassinado por ter surrado um empregado que tentou se vingar da humilhação.

Moura peca pelo excesso, mas devia obter os efeitos desejados de aumentar as vendas e espicaçar a curiosidade dos leitores. Ele fala de algo que pegou de última hora, como se a “Gazetinha” estivesse para ser fechada e acontecesse um fato novo, como uma “barroada” que matou Aureliano Tavares; a briga entre dois alunos do Colégio Militar, que custou a vida de um deles, e o suicídio, por

causa de uma namorada, de um rapaz chamado Pio.

Assim, ele antecipava o desfecho da publicação: “Acabou-se a Gazetinha / Esperem outra vindoura / Que sairá nestes dias / Em rima improvisadora / Todo mez escreve uma / Moysés Matias de Moura”.

Na capa do folheto “O Monstro de Pacajus”, ele anuncia: “Aguardem a coleção de 120 livrinhos reunidos em um só livro de 24 páginas sairá breve. Agência Coronel Bizerril, 529. Sport Bar do Sr. Francisco das Chagas Carneiro. Bebidas e ótimos tiragostos”. Curioso que esse folheto, datado de 1962, custasse dez cruzeiros, quando os anteriores tinham o preço estipulado na capa de dois cruzeiros, e o poema sobre o suicídio de Getúlio Vargas custasse apenas três cruzeiros. Era a “carestia” complicando a economia brasileira e trazendo reflexos sobre a vida do cidadão comum.

## Amor: Romances e Folhetos

Moura não ficou apenas no acontecido. “Os sofrimentos da criada da princesa seduzida ou Maria e Walfredo” tenta se inscrever na linhagem da história de amor ou do “romance”, como se chama o relato mais denso e volumoso, na terminologia do cordel.

O folheto com vinte páginas, publicado em Fortaleza, em dezembro de 1935, tem o autor como proprietário e uma trama pretensamente rocambolesca, protagonizada por Maria, dama de companhia de uma princesa, filha de um conselheiro do rei, que vai para a corte a contragosto da mãe (e dela própria), para cumprir a promessa do pai e por conta de uma ética pessoal, que: “Fez de sua vida um drama”.

A princesa Catalina, depois de noiva, dispensou a companhia da dama e engravidou de um príncipe que a pediu em casamento e embarcou em seguida para não mais voltar.

Maria, a jovem criada da princesa, também noivou de um rapaz chamado Walfredo “que veio passear na residência do rei” e estava armada a cena.

A princesa grávida e pressionada pelos compromissos

e pelas etiquetas prometeu dar metade de sua riqueza à criada e um anelão de ouro que valia vinte contos de reis, desde que esta assumisse se passar por mãe da criança que nasceria. Maria aceitou e se preparou para o sofrimento: “A criança é minha / vou lutar contra a maré”.

A chegada em casa com a criança não foi fácil. O pai logo ouviu choro e perguntou do que se tratava. Maria disse que tinha tido um filho, mas “conservava a virgindade”, de acordo com a tradição da família sagrada. Não deu certo e foi escorraçada pelo pai e rejeitada pelo noivo: “Walfredo ficou vexado / Quase que perde o sentido / Disse: eu não vou casar com ela / Antes não fosse nascido”.

Viveu debaixo de um pé de juazeiro, desmaiou e foi achada pelo noivo sensibilizado pelo drama. Depois de se submeter a um exame de virgindade, feito pelo próprio pai, recuperou seu estatuto de donzela e se casou com Walfredo, que deduziu pelo anelão que: “Aquela criança é filha / da filha do soberano”.

Afinal se casaram, foram felizes e Moisés Matias de Moura termina assim a história da criada sofredora.

“A Princesa do Bom Jardim e os Milagres de São João”, com dezesseis páginas, localizado na pasta de seus documentos constantes no arquivo da Polícia Militar do Ceará, mostra que ele tentou outros códigos, como o chamado “romance”. Na capa, ele coloca, poeticamente, como: “Letras de Moisés Matias de Moura”. O folheto (ou romance) custava 150 cruzeiros, o que pode ser uma boa pista para se definir quando foi publicado. Tudo leva a crer que tenha sido seu último trabalho.

Bom Jardim era uma ilha, “pertencia ao rei Facundo”, pai de uma linda princesa chamada Lindalva. O monarca tinha a obrigação de fazer uma festa toda noite de São João, santo de sua devoção e dia do aniversário da filha.

Precoce, aos cinco anos Lindalva teve um sonho com um menino chamado Didi, que vivia no jardim da Branca Aurora, e a pedia em casamento, enquanto os súditos faziam adivinhas próprias desta noite mágica. O menino era príncipe, filho do Rei Crispim, e combinaram que esperariam até completar dezoito anos para as núpcias.

Quando Lindalva fez quinze anos, começaram as propostas de casamento, mas ela esperava pelo menino do sonho. Os reinos decretaram guerra, mas o príncipe Didi alertou o pai do absurdo, porque um dia o Bom Jardim seria dele e falava do sonho que teve aos cinco anos com a princesa Lindalva.

Pai e filho embarcaram e, depois de quinze dias no mar, chegaram ao Bom Jardim. O Rei Crispim desmaiou ao chegar à Ilha. O Rei Facundo, quando viu o príncipe Didi, pensou na filha Lindalva, para quem o rapaz seria um ótimo partido.

Foram todos para o palácio e Didi finalmente encontrou a princesa do sonho. Os reis negociaram sem tensões e logo trataram do casamento que seria no dia de São João, daí a vinte dias. O Rei Crispim alegou ter de buscar a rainha para participar das bodas e zarpou. O rei relatou à esposa o que tinha acontecido e voltaram ao Bom Jardim, chegando na véspera da festa.

Fez-se a festa, os príncipes casaram, o poeta Moisés Matias de Moura estava lá e registrou a história em versos.

O folheto é pobre do ponto de vista do esquema proposto por Vladimir Propp para a articulação e análise das histórias maravilhosas. Há ausência de conflito, os protagonistas são mal delineados e trata-se de uma história onde não há provas, auxiliar mágico, herói, mas uma rala história de amor, sem os condimentos dos clichês românticos ou dos romances de folhetim.



“Amor de mais também mata, como matou Nisa Félix Rodrigues” não chega a ser um romance, mas um folheto de oito páginas. É um bom exemplo de como se pode recorrer ao amor sem que a intensidade do sentimento seja evidenciada. O poeta carrega nas cores para conseguir um efeito dramático e dar ao amor a dimensão de drama (ou tragédia).

O protagonista, Antonio Amâncio, era morador de um sítio, na serra de Baturité. A apaixonada, que morre por amor, vivia em Caridade, à época distrito de Canindé, onde também moravam os padrastos do rapaz. “Ela amava Antonio Amâncio / um jovem trabalhador / e nesse sítio Lameira / era administrador / do nobre senhor João Lopes / no seu sítio morador”.

Corria o ano de 1945 e o poema ajuda a definir as datas que não constam do corpo do cordel como produto editorial. Amâncio escreveu carta à noiva dizendo que iria passar a Semana Santa com ela. Cumpriu o prometido, chegou a Caridade e ficou na casa dos pais, deixando para visitar a amada em seguida.

“Antonio Amâncio sorrindo / tirou os sapatos fora / e disse quero tirar / uma pulga sem demora / que entrou aqui no dedo / vou arrancar nesta hora”. O prosaico bicho-de-pé desencadeia a ação dramática. Como estava chovendo, Amâncio foi visitar a irmã, numa casa vizinha e atravessou a lama, devido ao aguaceiro da estação das chuvas. Imediatamente, sentiu o corpo dormente e alarmou: “Vão procurar a minha noiva / que o noivo dela morreu”. A morte se instala antecipando a agonia e mesmo o agravamento da doença.

O rapaz foi acometido de febre alta, perdeu a fala e estava “quase morto”, segundo o cordel. Quando soube das últimas, Nisa quase desmaia, grita “que grande dor

no meu peito” e passou a delirar dizendo que o noivo estava ao lado dela.

O desvario de Nisa é desproporcional ao amor dela pelo rapaz, que não foi vivenciado ou aprofundado pelo cordel. “Só Amâncio me domina”, gritava a moça.

O noivo morreu e “Sexta-Feira da Paixão / às 10 horas se enterrou”. Nisa morreu no sábado de aleluia, de uma dor de amor intensa, sem condições de trabalhar o luto, superar a perda e prosseguir a vida.



## Carlos Magno

Autores como Átila de Almeida e M. Cavalcanti Proença atribuem a Moisés Matias de Moura a autoria do romance “A traição de Galalão e a morte dos doze pares de França”.

O *Catálogo* da Casa de Rui Barbosa diz que o folheto traz na capa o nome de Marco Sampaio, mas a primeira página registra o nome de Moura como autor. Vale ressaltar que, na edição de 1973, o acróstico é de Sampaio, o que torna o episódio ainda mais confuso – a não ser que tenha havido interferência deliberada para mudar, visto que Moura não abria mão da sua marca, mesmo quando seu nome não constava da capa, como em “A Carta que veio do Céu”.

Deve-se chamar a atenção para a importância da permanência do ciclo carolíngio no Nordeste, devido, em grande parte, à difusão de um livro intitulado “História de Carlos Magno”, que fazia parte de muitas bibliotecas e da memória de muitos relatos de leituras em voz alta por este sertão afora.

Esse livro integra as memórias do poeta Patativa do Assaré (1909/ 2002) e de Joaquim Mulato (1920/ 2009), “decurião” da Ordem dos Penitentes, do sítio Cabeceiras de Barbalha, Ceará. Ele é citado pela maioria dos velhos cordelistas e repentistas, chegando aos

reisados, que incorporam as embaixadas e a presença do Imperador francês, de coroa, capa e espada, conforme registrado pelo documentário *Juazeiro, a nova Jerusalém* (2001), de Rosemberg Cariry.

No clássico *Cavalaria em cordel*, Jerusa Pires Ferreira discorre sobre o folheto: “As Traições de Galalão, um texto que, se desconhecida a fonte, nos pareceria sugestivamente conservador, e ao mesmo tempo perplexamente criador, quando o que ocorre na maioria das vezes é a transcrição de seqüências inteiras da matriz. Há um servilismo sem precedentes e pouquíssimo recurso adaptativo e transformativo, a sugerir uma outra visão de mundo ou universo próprio” (1976, p. 23).

A autora não encontra referência a esse autor e se refere ao folheto com o título “A morte dos doze pares de França” como sendo propriedade de José Bernardo da Silva, sem data e com 29 páginas, por ela localizado na coleção do pesquisador baiano José Calazans.

Fala-se que Marco Sampaio seria um poeta paraense, mas a leitura atenta dos escritos de Vicente Salles sobre a literatura popular em versos na Amazônia, com ênfase na Guajarina, a folhetaria que abastecia de folhetos os nordestinos migrados, a partir de sua sede em Belém, não faz menção a esse autor.

Em um dos ensaios de *Caminhos do Imaginário no Brasil*, Marlyse Meyer, ao falar de Carlos Magno, transcreve parte de um folheto de Leandro Gomes de Barros, “A Batalha de Oliveiros com Ferrabraz”. Menciona a morte dos doze pares de França sem se deter na análise do cordel e não fala de seu autor, optando por uma análise do “corpus” e por uma contextualização desse fenômeno de transmigração da epopeia do Imperador francês para o Nordeste brasileiro.

Onde estaria o nó? Tudo bem que Moura pode ter sido tocado pela importância do ciclo e pode ter tido um bom revisor, o que faz com que esse folheto seja mais bem cuidado do ponto de vista da métrica, da rima e da ortografia que os outros folhetos do poeta.

Os registros não falam quem teria sido o editor, mas se referem a Juazeiro do Norte como a cidade de onde ele procederia. Fruto da parceria do poeta com o editor Olegário Pereira Neto? O estabelecimento do ano de 1941 faz com que essa hipótese se reforce.

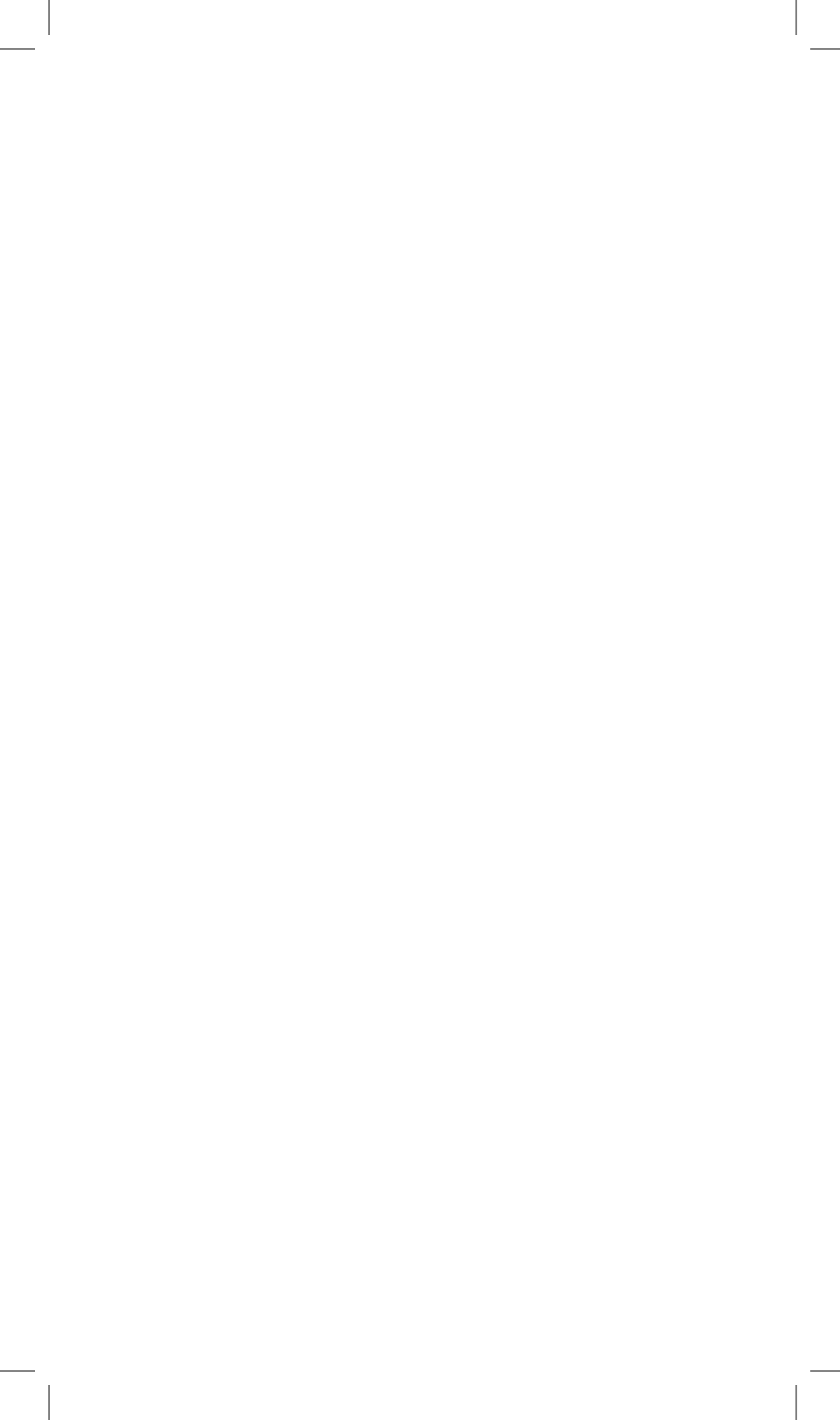
O exemplar da Biblioteca do Museu de Arte da UFC, de 1961, com o título de “A morte dos doze pares de França”, já faz referência a José Bernardo da Silva como editor-proprietário.

Outro folheto, da coleção do poeta e editor Arievaldo Viana, datado de 1973, faz referência à “viúva” de José Bernardo da Silva e omite o nome do autor (nem Sampaio nem Moura são citados). Teria havido aquisição ou apropriação? O que leva esse título ao catálogo da Tipografia São Francisco, depois Lira Nordestina?

Complica o fato de os catálogos da Tipografia São Francisco não serem datados. Um deles faz referência à aquisição do acervo de João Martins de Athayde, o que faz com que tenha sido publicado depois de 1949.

Vale a pena pensar nas “tramoias” editoriais, como diz Jerusa Pires Ferreira, e numa possível atribuição de autoria do poeta Moisés Matias de Moura.

Essas questões ficam em aberto e parece complicado apostar numa versão definitiva para um problema que envolve autoria (criação) e mercado (folhetarias), num jogo de fraudes, “despistamento”, apropriações indébitas, de um tempo no qual o cordel era um grande negócio e envolvia agentes, distribuidores, atendimento às praças e, evidentemente, os leitores.



## Nos Moldes da Cantoria

Era frequente o trânsito entre o oral e o impresso. Aproveitando as fronteiras borradas entre os dois gêneros – na verdade, manifestações das poéticas da voz –, foram inventadas muitas pelepas, e algumas se tornaram clássicas, como a entre o Cego Aderaldo e Zé Pretinho do Tucum, atribuída ao poeta piauiense Firmino Teixeira do Amaral.

Não consta que Moisés Matias de Moura tenha sido cantador. Nada leva a crer que ponteasse na viola se preparando para a peleja com seus rivais na palavra cantada.

Sua produção é marcada pelo trabalho do jornalista do cordel, do intelectual orgânico da definição de Gramsci, alguém que se preparou para interferir na vida da cidade e para fazer dessa interferência uma complementação do soldo de militar. A listagem de seus folhetos traz duas dessas pelepas. A primeira, datada de 1944, com o selo de Olegário Pereira Neto, impressa em Juazeiro do Norte, é “A Peleja de Moisés Matias de Moura com Antônio Cosmo da Silva”.

A segunda é intitulada “Disculção de 2 poetas – Moisés Matias de Moura e Sidney Melo. O primeiro fala por Ozita Paiva e o segundo por Neide e Valdir”, datada de



10 de outubro de 1949, e mostra vínculos fortes com a realidade de Fortaleza.

Antônio Cosmo começa: “Eu estava na Praça da Bandeira / A espera do caminhão / Para seguir para o Cocorote / Cumprir minha obrigação / Quando veio Moisés Matias / Tomar minha direção”. Cocorote era a base norte-americana que dava apoio às operações das forças aliadas durante a Segunda Grande Guerra.

Talvez mais interessante que a peleja em si seja o contexto que se forma e os detalhes que podem ser deduzidos do “duelo”, como a opinião que Cosmo tem do “cabo velho”, o que se deduz da próxima estrofe: “Eu vali-me de Jesus / De São Marcos e São Vicente / Disse: Virgem Mãe Santíssima / Valei-me desta serpente / Visto ele, cumprimentou-me / Com este verso de frente”.

Há uma provocação, um jogo de esconde-esconde, e os poetas se preparam para o desafio no meio da rua, a capela, sem plateia, sem regras e sem vencedor ou vencido.

Moisés declara ser Cosmo o terror da poesia. Falsamente modesto, o adversário diz que a profissão dele é fazer conserto na Base Aérea: “Você é poeta / E sabe o que é rimar”, retruca Moura. A peleja se divide em duas partes. Na primeira, Moisés pergunta sobre poesia, falam de “Úmero” (Homero), Esparta, Príamo, guerra de Troia, Enéas, no típico desfile de cultura geral que fazia parte do “balaio” do bom cantador, de cuja biblioteca deviam constar um dicionário, a História Sagrada, livros de geografia e de mitologia.

Quando chegou a vez de Moisés responder, Cosmo levantou questões sobre astronomia, fez referências a Flamarion, à formação da Terra, às águas, aos gases e às idades geológicas.

O jogo termina quando Cosmo diz: “Moisés eu vou

embora / que os americanos já devem estarem zangados / você há de compreender/ pois sabe que sou empregado / ficará para outro dia / quando estiver descansado”.

Do segundo folheto, que não foi localizado (apesar de constar da listagem da Casa Rui), sabe-se que Ozita Carvalho Paiva era pernambucana, visitou as capitais nordestinas, inclusive Fortaleza, em missão de cura. Foi objeto de matéria jornalística da *Gazeta de Notícias* em 21 de maio de 1949, que fala de um dono de hotel em Iguatu (senhor Silvestre Palmeira) que teria largado as muletas depois da visita à casa alugada por Ozita no bairro fortalezense do São João do Tauape. O *Correio do Ceará*, em matéria assinada por Luciano Carneiro, desancava a moça, mostrada pelo texto como embusteira, e chamava a atenção para a “promiscuidade assombrosa de doentes de todos os tipos” e para as “multidões fanáticas que estão sendo exploradas”.



## Um Lado Sensacionalista

Curioso que, quando tem oportunidade de fazer um registro jornalístico nos moldes poéticos, o autor opta pela seleção de crimes, desastres e fenômenos, a tipologia do chamado “fait divers”, definido por Roland Barthes como “informação *monstruosa*, análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em suma inomináveis”. Esse é também o viés adotado pelas empresas jornalísticas quando lançam formatos ditos “populares”.

Longe da frieza do que hoje chamamos de “jornais de prestígio”, o folheto circunstancial registra as notícias como se pensa que o povo gostaria de recebê-las. O sensacionalismo, tônica da maioria dos jornais cearenses da época, provavelmente servia como parâmetro ou modelo para o cordelista.

Ao tratar da inundação do dia 5 de maio de 1949, grande chuva que acometeu Fortaleza, Moura começa a provocar quem “profetiza mentira” ao perguntar: “Por que não profetizaram / que esse dilúvio ia haver / no dia 5 de maio / muito havia de chover / para ficarmos cientes / do que ia acontecer?”.

Os jornais cearenses desse período davam muito espaço às “profecias” de Roque Macedo, baseadas na ob-

servação da natureza, principalmente dos insetos (percevejos nos sovacos dos animais), brotos das árvores e ninho dos pássaros.

A expressão “dilúvio” é a mesma dos jornais, embora o poeta não tenha informado o índice da precipitação, que se aproximou dos 300mm, segundo o *Correio do Ceará*, ou “dezenove horas de chuvas”, de acordo com a *Gazeta de Notícias*.

O total dos desabrigados da *Gazeta* coincide com a cifra de Moura: “Como agora em Fortaleza / ficaram desombriguadas / 150 famílias / na chuva desabrigadas”.

Enquanto o *Correio do Ceará* apela para o impacto visual de fatos, Moura se perde na afirmação não comprovada de que “muitas crianças morreram / por debaixo das paredes”, e passa a fazer propaganda de Acrísio Moreira da Rocha, prefeito populista de grande aceitação nos anos 1940, o qual, segundo o poeta, “da forma que trata o rico / trata também a pobreza”.

“O encanamento d’água / de Acarape a Fortaleza / ficou todo interrompido / com a forte correnteza”, prossegue Moura, deixando de lado as ações da Prefeitura para assegurar o abastecimento d’água, enfatizadas pela *Gazeta*, alinhada com Moreira da Rocha.

A edição do *Correio do Ceará* de 7 de maio de 1949 vaticinava que a cidade “ficará sem água por espaço de dez a quinze dias”. A ameaça prosseguiu nas edições subsequentes, dos dias 8 e 9 de maio. Já a *Gazeta* amenizava ao dizer que “graças à rápida e eficiente ação da Prefeitura, o povo de Fortaleza está sendo abastecido de água”. Era uma disputa política travestida de informação.

Moisés Matias de Moura fala do desaparecimento de quatro jangadeiros, fato que os jornais não noticiaram. Pode-se contrapor ao tom rebuscado do *Correio* a lin-

guagem mais seca da *Gazeta*, tentando o poeta popular tirar partido da enchente que “foi um castigo que veio / do autor da criação”.

Sete mortos e nove feridos foi o resultado do desastre de trem do dia 31 de outubro de 1949, no quilômetro 11 da Estrada de Ferro de Baturité, localidade de Moitinga (hoje Vila Peri), entre Parangaba e Mondubim, na zona sul de Fortaleza. O trem suburbano vinha de Maranguape (à época existia esse ramal que saía de Maracanaú).

Poeta e jornais tiveram em comum a identificação dos mortos e feridos, com definição de idade, ocupação e residência. Os veículos de comunicação, no entanto, foram buscar as causas do acidente no fato “da tamanca do freio haver se despregado caindo sobre o trilho” (*Correio do Ceará*) e na denúncia da falta de manutenção das máquinas, enquanto Moura acrescentou ao relato um lado mágico quando atribuiu ao maquinista a observação: “Quando a máquina fez a curva / avistei as 2 cruz / não vi trilho na estrada / creio por nosso Jesus”.

Vale ressaltar, na versão do poeta, o fato de ele ter coberto o desastre como um repórter escalado para este fim: “Foi 30 guarda de trânsito / com alta autoridade / chegou com a comitiva / naquela localidade / depois que verificou / reconheceu a verdade”.

Além de dar conselhos aos maquinistas e lamentar a morte e o sofrimento dos feridos, o “cabo velho” aproveitou para reforçar o corporativismo da instituição militar quando diz: “O inspetor Pedro Ribeiro / foi o local com os guardas / por sua iniciativa / trabalha nunca se enfada / os elementos do trânsito / sabe honrar suas fardas”.

Moisés Matias de Moura fez, no folheto “A triste morte de Moacyr Weyne”, um comentário poético sobre um fato que provocou forte impacto sobre a cena forta-

lezense. O comerciário, membro de família tradicional na cidade, foi baleado na varanda de casa, no bairro de Porangabuçu (hoje Rodolfo Teófilo), por um grupo de “amigos íntimos”.

A agressão aconteceu às 20 horas do dia 12 de novembro de 1949, e o óbito teve lugar às três da madrugada do dia seguinte. Um dos agressores foi identificado como João Adrien, conhecido como João Capadócio, filho do tenente-coronel César Borges. Os outros eram Atualpa Romero e Iran Mendes Furtado, parente longínquo da vítima.

“Eles continuam foragidos”, de acordo com a *Gazeta de Notícias* de 17 de novembro. Quando se apresentaram à polícia, acompanhados pelo advogado, “disseram ter passado quatro dias nas matas das Cajazeiras”.

Weyne era considerado “o violão seresteiro nº 1 dos subúrbios” ou de acordo com o relato de Moura: “Gostava muito de farra / brilhava em todo salão / parece que está se ouvindo / a voz de seu violão / naquelas noites de lua / não perdia seu clarão”.

Os amigos chegaram tarde e queriam brincar de tiro ao alvo. A mulher reclamou e Moacir retrucou: “Mulher tenha paciência / chegaram os amigos tarde / hoje em nossa residência / vou fazer os gostos deles / com carinho e reverência”.

O alvo seria um caju, cuja safra começa em outubro. Moura deu um alibi para os agressores: “Aí botaram um caju / e um dos dois atirou / mas desviou o caju / em Moacir alvejou / caiu logo no chão / quando a arma disparou”.

Moacir criava cavalos que corriam no Jockey Clube e foi homenageado com uma corrida num domingo de novembro. Moura se emocionou “quando vi chegar de luto / o cavalo de Moacir”. E para dar um desfecho satis-

fatório para o relato, até certo ponto estranho pelo fato de não condenar, enfaticamente, os criminosos, que alegaram agir em legítima defesa, disse que a viúva ganhara o prêmio da corrida de cavalos.

O *Correio do Ceará*, na edição de 16 de novembro, referia-se ao fato de que a PRE-9 “relembra o artista desaparecido, na próxima sexta-feira, na sua ‘Hora da Saudade’”.

Vale ressaltar que a capa do folheto recorreu a uma foto do velório de Weyne, a mesma foto que ilustra a edição da *Gazeta de Notícias* do dia 16 de novembro de 1949, e não inscrevendo o título na capa, o que deixa o folheto ainda mais atrelado a um pregão, no qual se diga do que se trata e se motive o futuro leitor. Não se sabe se Moura comprou ou ganhou o clichê, e esse mesmo procedimento ele vai repetir, ano seguinte, com o folheto sobre a “sena” de Maranguape.





## Festa e Profecia

Em 1950, circulam dois folhetos com temática religiosa assinados pelo “Cabo Velho do Trânsito”: o “Ano Santo de 1950 – a mais linda história” e “A Carta que veio do Céu”.

No folheto do “Ano Santo”, instituição da Igreja Católica para estimular a visita a Roma, Moisés se mostra confuso. O que pode parecer uma peça promocional, tirando partido do impacto do evento sobre a comunidade católica para vender folhetos, num instante em que a Igreja tinha muito mais força sobre seus fiéis, perde-se num emaranhado de propostas desconexas.

O Ano Santo teve cobertura do *Correio do Ceará*, a partir de agências de notícias, por conta do interesse dos Diários Associados na festa, a ponto de enviar o repórter David Nasser e o fotógrafo Jean Manzon para cobrir o evento para a então prestigiada revista *O Cruzeiro*.

A edição de 28 de janeiro de 1950 anuncia: “Prepara-se o Ceará para mandar também peregrinos a Roma”. O encarregado de organizar os planos de excursão seria o Padre Hortênsio Negreiros.

Dia 15 de fevereiro, o arcebispo Dom Antônio de Almeida Lustosa faz publicar uma circular, na qual se dirige ao clero e aos fiéis sobre o Ano Santo. *A Gazeta de Noti-*

*cias*, por sua vez, não dá destaque ao evento.

Moisés desencadeia a narrativa ao evocar “o manto da Virgem” e falar em “Jesus Cristo / a quem eu vos amo tanto”.

O folheto não tem história no sentido tradicional, com começo, meio e fim. Trata-se de uma acumulação de ameaças e benesses que, num determinado momento, se apresenta como “Profecia para o ano de cinquenta”. Nesse sentido, “quem é forte vai avante / quem é fraco se arrebenta”, proclama o poeta. Vem um verso bem deslocado que nos faz crer que esse folheto é paródico ou se apropriou da estrutura de outro texto, produzido em outro instante (contexto), “por ser término de século”. Isso, em 1950, provoca estranhamento.

Em outro momento, Moura escreve que “Frei Vidal profetizou”. A tônica é moralizante e o folheto assume um tom de libelo contra o que chama de diversão: “Por isto o Papa pediu / Ao governo da nação / Que prevenisse ao povo/ A não fazer diversão/ Por ser um ano sagrado / Só completa devoção”.

As recomendações vão ao exagero de pedir que não brinquem carnaval e que façam casamento sem festas, sob pena de ficar nulo o sacramento. Ganharia a salvação quem não quisesse diversão. Outra recomendação era da oração “todo dia e toda hora / de joelho no chão duro”. Perdão, penitência e caridade seriam palavras-chave, bem como a assistência aos desvalidos. Moura, estranhamente, investe contra os impostos.

O poeta diz que seu livro (folheto) é um aviso, promete salvação a quem cumprir o que recomenda e por último pede que sua mensagem “circule em radiadora / Para dar prazer ao cabo/ Moisés Matias de Moura / que tem passado no trânsito/ uma vida sofrédoura”.

“A Carta que veio do Céu” teria sido enviada por Je-

sus, por meio de um serafim, que a deixou em um jardim com a ordem de que “os poetas a publicassem de improviso”. No mês de abril de 1950, um servo de Deus a encontrou e a espalhou pelo Brasil.

Fala no sangue derramado na cruz, no perdão a quem comungou da carne e do sangue do Cristo e investe contra os que zombarem da carta, que serão severamente castigados “com raio, corisco e trovão”. Sugere que sigam os preceitos da Igreja Católica Romana, que tenham a Virgem Maria como advogada e sigam os mandamentos, enfatizando a guarda dos domingos. Manda que tirem o chapéu quando passarem por um templo. “Quem julgar que esta carta / não foi feita por Jesus / na hora de sua morte / lhe falta a fala e a luz / cospe nas chagas de Cristo / corre com medo da cruz”. Os que não a guardarem serão destruídos como Salomão e quem a conservar viverá com fé viva a esperança. Os que levarem a carta no Juízo Final serão protegidos por Nossa Senhora das Dores.

Outra profecia deslocada diz: “No ano cinquenta e nove / a vinte e cinco de janeiro/ quem não morrer há de ver / Jesus baixar num cruzeiro / e pregar quarenta dias/ na Matriz do Juazeiro”. O Sol correria em agosto e Terra haveria de tremer, isso não mais em 1959, mas em outro tempo que seria revelado depois. A carta era apresentada como um “escapulário” ou uma proteção como um “Agnus Dei” e livraria as pessoas da morte repentina. Os que lessem a carta de joelhos no chão duro teriam um saber seguro. A carta, como sugere o subtítulo do cordel, foi achada na era de 50, no Rio Secundari, o que não fornece pistas em relação a alguma referência cearense, na medida em que a informação é vaga, pois “secundari” é qualquer afluente. O apelo final faz uma investida contra os “crentes”, cujas leis deveriam ser desprezadas pelos católicos.



## O Apelo do Futebol

Desnecessário falar da importância do futebol no imaginário social. Misto de paixão e negócio, alavanca publicações na mídia impressa, espaços na mídia eletrônica e sítios na realidade virtual. Moisés Matias de Moura soube ocupar esse nicho.

Em 1950, era disputado um campeonato nacional de seleções dos Estados. Uma vitória do Ceará no jogo contra o Pará no dia 18 de fevereiro, sábado de carnaval, levaria o Estado a prosseguir na competição.

O carnaval atrapalhou a cobertura dos jornais. A *Gazeta de Notícias*, que circulou na véspera do jogo, antecipava que a partida não tinha um juiz definido.

A arbitragem de Jombrega (Francisco José Róseo de Oliveira) foi catastrófica para cortar as pretensões “alencarinas”: ele anulou dois gols da seleção cearense e o jogo acabou com um empate de 2 x 2. Foi grande o impacto – não apenas no noticiário dos jornais, mas também no carnaval, em que os “sujos”, com sua alegria sincera, cachaça e fantasias improvisadas com o que tinham em casa, deram a nota de revolta predominante do corso.

Moura refletiu esse sentimento de indignação mais que os jornais. A capa do folheto mostra um rato com sa-

cos de dinheiro. O texto define o juiz como um “guabiru do rabo fino / que nem o gato lhe pega / mas ainda não está livre / de levar uma esfrega”, o que teria levado o árbitro a se esconder no carnaval para não sofrer agressões.

Um detalhe pitoresco que jornal e folheto anunciam é a recusa do açougueiro de Jombrega de continuar a lhe fornecer carne: “Carne neste meu açougue / tu nunca mais comprará / saia daqui todo dia / comprar carne no Pará”. Moura vai além, sugerindo que os motoristas da praça teriam tido a mesma atitude de recusa, o que a imprensa não confirma.

O senso de oportunidade do poeta se acentua quando registra que, com melodia de “Daqui não saio”, os blocos nas ruas e os leitores de Moura entoavam uma provocação com gosto de revide: “Agora com quatro filhos / onde é que eu vou morá / que Jombrega é cearense / mas roubou para o Pará”.

Expulso do quadro de juízes da Federação Cearense de Desportos, Jombrega teve nesse clamor, do qual Moura foi um dos intérpretes, sua grande condenação.

Nesse mesmo ano, no mês de outubro, vem o relato de um crime que comoveu a cidade e vendeu muitos folhetos. Localizado na Biblioteca Amadeu Amaral, da Funarte, o título do cordel era: “Monstruoso crime do ex-jogador Idalino que foram vítimas os dois comerciantes Aluísio e Geraldo”.

Trata-se de uma segunda edição, diz a capa da publicação. Provavelmente, a retomada de um tema que deve ter vendido à exaustão, porque envolvia um ex-jogador de futebol, personagem do pequeno “olimpó” da cidade, em um crime com a motivação de roubar o automóvel de uma das vítimas.

Idalino comprou o carro com a promessa de pagar

depois, e os vendedores vieram fazer a cobrança em Fortaleza, acompanhados de Luizinha, a noiva de um deles. Eles sumiram, o que provocou reação da moça. Astucioso, o jogador de futebol passou telegramas falsos, dando pistas que iludiriam a moça.

Preso, “como cínico traíçoeiro / em vez de chorar sorriu”, ele confessou o crime e sugeriu que “não foi mais que o demônio / que estava a me atentar”.

O *Correio do Ceará*, na edição de 13 de outubro, estampou: “Matei para roubar, confessou Idalino com a maior frieza”. Ainda de acordo com o jornal, Idalino “saqueou os dois cadáveres e em seguida os enterrou de pé”.

A *Gazeta de Notícias* da mesma data disputava o impacto do crime na cidade: “Em uma só tarde ASSASSINOU e enterrou aqueles a quem convidara com o objetivo de pagar uma dívida”.

À época, prevalecia a ideia da premeditação incontestada, levantada pelos jornais, como agravante do crime. De ídolo a facínora, Idalino teria também matado sua mulher, a dona da pensão onde morava, jogada por ele da janela. Depois de oito dias de interrogatório, foi levado para a detenção, antes pediu para trocar de roupa: “Tenho roupa e tenho jóias / que nem todo rico tem / e sair como mendigo / não se faz isto com ninguém”.

Ele foi preso com sua amante, Alcinda Leal. O poeta pergunta o porquê do crime: “Por que foi que Idalino / usou tão feio mister / era porque sustentava / de 3 a 4 mulher / e não ganhava a despesa/ na profissão de chofer”.

A conclusão moralizante era de se esperar: “Aviso a meus companheiros / que não sejam renitentes / deixem a vida mundana / para ser mais competente/ não ame a mulher da rua / ame a sua somente”.

Em um contraponto de moderação e bom senso, o



Moisés Matias de Moura

jornal *O Nordeste*, edição de 14 de outubro de 1950, chamava a atenção para o fato constrangedor “de ser obrigado o preso a expor-se à curiosidade e à execração dos desocupados que passam os dias postados à frente do prédio da Praça dos Voluntários”, dentre os quais deveriam estar muitos dos leitores de Moisés Matias de Moura.

## Dois Crimes Em Um só Folheto

Moisés Matias de Moura tinha o sentimento da urgência e juntou dois relatos de crimes em um só folheto, datado de 1950.

Apesar de ter sido citado em primeiro plano, na capa do folheto “A Sena de Maranguape”, esse acontecimento ocupa a segunda parte do relato, que tem como carro-chefe “O crime do Café Familiar onde foi morta Maria da Conceição”.

Moura começa por reivindicar a autoria do folheto “Ano Santo de 1950” e se reveste de uma autoridade daí advinda: “O livro do Ano Santo / Escrevi com perfeição/ Ninguém tomou meu conselho / Perdi a satisfação / Mas entrego tudo isto / À Virgem da Conceição”.

Insistindo no folheto de sua autoria, lembra que pedia que largassem o mal, que deixassem de roubar e que perdoassem “mesmo a quem nos fez mal”.

O prólogo de uma página e uma estrofe é longo para as oito páginas do folheto e o poeta, finalmente, entra na narrativa: “Agora mesmo em Fortaleza / Deu-se um crime horripilante / Senhor Raimundo Pereira / Alvejou a sua aman-

te / Com dois tiros de revólver / Abatera num instante”.

A amante era Maria da Conceição Januária, nascida em Sobral, 19 anos, empregada doméstica, chamada de namorada do empresário na estrofe seguinte. O poeta diz não saber a razão, mas aposta no ciúme como justificativa pelos dois tiros disparados.

Naquele tempo, tomar café em balcão era coisa de homem. Mulher não chegava perto, mesmo as profissionais do sexo, como Maria da Conceição, cuja profissão era amar.

Era o dia 13 de julho de 1950, três horas da tarde, e o Café Familiar ficava na esquina das ruas Barão do Rio Branco e Liberato Barroso: “Quando ouviram o estampido / Do crime sanguinolento”. O Centro regurgitava: era dia de jogo pela Copa do Mundo de Futebol. Raimundo atirou na mulher; “em seguida botou logo / o revólver no seu queixo / disparando contra si / caiu ela e ele a neicho”.

Moura se engana e nos dá o dia 14 como sendo o do crime, mas deve ter sido influenciado pela leitura dos jornais que circularam no dia seguinte estampando a goleada (6x1) do Brasil sobre a Espanha e o assassinato que chocou a cidade.

A notícia trouxe mais gente para o local do crime e logo chegou a Assistência (ambulância). Raimundo (conhecido por Liga) declarou que foi traído.

O criminoso atraiu a vítima para a cena do crime com a desculpa de que ela ganharia um presente. Quando estavam juntos e discutiam, Raimundo pediu a um garoto que estava próximo que fosse saber o placar do jogo do Brasil. Foi nessa hora que ele disparou e depois tentou contra a própria vida.

O poeta vaticinou: “que se morrer todos dois / no cemitério se une”. Maria “baixou para a fria areia” e o as-

sassino, se escapasse, iria para a cadeia. Raimundo ainda resistiu durante alguns dias, chegou a falar, não sabia como tinha acontecido o crime e o final foi trágico.

O folheto não abordou o mal-estar que se instalou entre médicos e repórteres da *Gazeta de Notícias*, sendo estes últimos proibidos de entrar na sala de cirurgia, onde pretendiam entrevistar Maria da Conceição. Segundo o doutor Evandro Studart, a vítima agonizava e recebia a Extrema Unção, um dos sete sacramentos.

Interessante que o poeta tenha usado um clichê com a foto de Maria da Conceição na capa do jornal, o que pode mostrar um certo investimento, visto que as matrizes de chumbo eram um luxo, apesar de os anúncios, como o que consta na *Gazeta de Notícias* do dia 18 de julho de 1950, apregoarem preços módicos e cumprimento de prazos para a entrega das peças encomendadas. Outra hipótese pode ser uma relação de amizade do poeta com a direção do jornal, que poderia ter cedido o clichê para a capa, depois de usada pelo matutino.

A “sena de Maranguape” é uma história na qual fica visível que o poeta está pouco à vontade para soltar seu verbo, usar sua argumentação muito própria e tirar suas conclusões.

O crime teria sido provocado por um comentário político feito ao microfone de uma irradiadora por um locutor entusiasmado. O poeta não reproduz o teor do comentário, não fala qual facção política tinha sido incriminada e deixa tudo muito vago.

O incidente teria tido lugar em Maranguape, dia 10 de julho de 1950, e não fica difícil buscar motivos e/ou razões nos jornais da época, coisa que Moura sabia fazer muito bem quando lhe convinha.

A manchete do *Correio do Ceará* estrondava: “2 mor-

tos num conflito a bala e a faca, em Maranguape”.

Perdeu a vida o sargento do destacamento, chamado João Marrocos, definido pelo poeta como homem calmo, não violento, muito respeitado (ou temido?) pela comunidade. O poeta se confunde e coloca como morto José Fernandes, quando, de acordo com o jornal, foi o irmão dele, Gerardo, que veio a falecer numa mesa da Assistência Municipal de Fortaleza.

O locutor se chamava Grijalva e a “sena” se deu dia 9 de julho, nos “estúdios” da irradiadora Guarani, de propriedade de Agostinho Tavares, à rua do Bagaço, em frente do Bar do Sinfrônio, na cidade vizinha (hoje conurbada) a Fortaleza.

O comentário, de acordo com os jornais, era sobre a política, e o locutor lia algo que havia sido publicado pelo *Jornal da Manhã* – na verdade, *Diário da Manhã*, jornal fundado em 10 de abril de 1950, de orientação do Partido Social Progressistas (PSP), partido liderado aqui no Ceará pelo senador Olavo Oliveira. De acordo com o *Correio do Ceará*, tratava-se de um “comentário político contra o governo”. Convém lembrar que o governo Faustino de Albuquerque se notabilizou pela perseguição aos adversários políticos, aos estudantes do Liceu, aos jornalistas, acirrando o clima e possibilitando que acontecessem manifestações como essa de Maranguape.

O poeta fala em tiroteio, comentando que poderia ter morrido mais gente, e justifica a escrita do folheto: “Só escrevi estes crimes / Porque chamou atenção/ Grande foi o sentimento / De toda população / Quando lia os ocorridos / Que vinha da redação”.

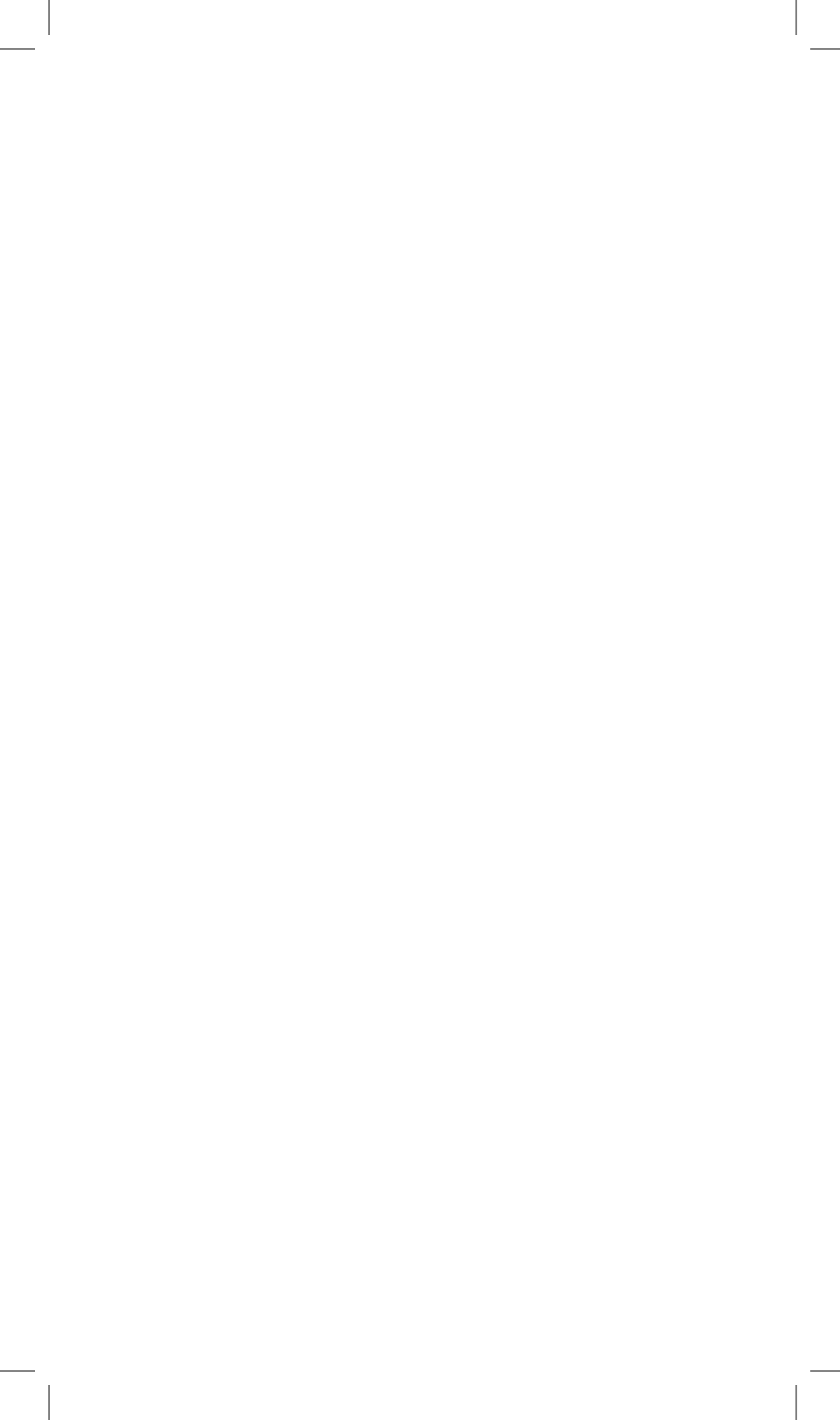
Fica bem clara a importância do jornal como veículo de comunicação e como fonte para o poeta. Talvez o cuidado de não entrar em detalhes venha por conta de

pessoas de destaque da economia e da política de Maranguape poderem ter algum envolvimento com o crime, o que foi negado com veemência pelos jornais.

Apesar das fotos dos mortos e feridos estampados com destaque, o texto era vago, falava em rixa do sargento com os irmãos Fernandes, confundia a procedência dos tiros e prometia que tudo seria resolvido pela Polícia.

O texto jornalístico, embora citasse nomes de lideranças políticas – algo que o cordel não fazia – também era vago. A manchete da *Gazeta de Notícias*, edição de 12 de julho de 1950, lamentava os “sangrentos acontecimentos”. Certo é que havia uma insistência dos envolvidos em dar um caráter político partidário ao evento. O *Correio do Ceará* do mesmo dia dizia num misto de incredulidade e esperança: “tudo indica que vão mesmo apurar as responsabilidades do conflito”.

O epílogo evidencia a prevalência do crime do Café Familiar: “Raimundo Pereira está / Com a vida sofredora / Porque o tiro cortou / Sua língua faladora / Assim nos diz o poeta / Moisés Matias de Moura”.



## Questões de Política

O folheto sobre a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República, em 1950, talvez seja mais um folheto de propaganda – e, como tal, de encomenda – que uma interferência política propriamente dita.

Nesse caso, vale pensar no “briefing”, documento que desencadeia o processo, no qual os autores da encomenda dão dados, levantam fatos e sugerem a linha a ser adotada.

Em situações mais rígidas, a observância às diretrizes do “briefing” deve ser rigorosa. Em circunstâncias como essa, em que não deviam existir profissionais de marketing ou publicitários do outro lado, pode-se pensar num aconselhamento ao poeta e num levantamento do que não podia deixar de constar do poema de cordel.

Pode-se pensar que a importância do poeta como líder de opinião e o respeito que ele tinha da comunidade levaram à escolha dele para ser porta-voz dessas “verdades” sobre o candidato udenista à Presidência da República nas eleições de 3 de outubro de 1950.

Não vale a pena encontrar pistas para a criação nos jornais, quando havia um comitê, as diretrizes partidárias eram definidas e o noticiário do *Correio do Ceará* e da *Gazeta de Notícias* privilegiava as eleições para Go-



vernador do Estado e para Prefeito de Fortaleza, a serem realizadas simultaneamente.

O noticiário sobre Eduardo Gomes era escasso, tanto no *Correio do Ceará* quanto na *Gazeta de Notícias*. A edição do *Correio* de 30 de agosto de 1950 anunciava: “O Brigadeiro chegará ao Ceará no próximo dia 7” e evidenciava “o contato pessoal com as populações”.

A leitura dos jornais do dia da Independência, assim como os da véspera e do dia seguinte, não repercutem essa visita. Já a edição do dia 2 de setembro proclamava que Eduardo Gomes chegaria a Juazeiro do Norte dia 16.

Importante para o noticiário era mostrar que ele “arrisca a própria vida, pilotando o seu próprio aparelho nas perigosas viagens de campanha”, como trazia o *Correio do Ceará* de 18 de agosto.

Herói do episódio dos Dezoito do Forte de Copacabana em 1922, desencadeador do Tenentismo e antecipador dos movimentos que culminaram na chamada Revolução de 1930, Gomes manteve a aura romântica de guerreiro, o que o atraiu ao ideário udenista, partido de classe média, de retórica ordeira e muito próxima dos quartéis, assim apresentado pelo folheto: “A UDN meu povo / é um partido ilustrado / sua luz resplandecente / deixa o mundo iluminado”.

O folheto sobre Eduardo Gomes, derrotado nas eleições presidenciais de 1945 e que fazia a nova tentativa em 1950, ao listar personalidades que apoiavam seu pleito, faz menção ao senador cearense Fernandes Távora, nome de expressão nacional por conta do parentesco com o “tenente” Juarez Távora, e ao Governador do Estado, o autoritário desembargador Faustino de Albuquerque.

Gomes é apresentado como “grande herói brasileiro”. Apesar das ideias que cercam o herói, o verso seguinte

diz que “seu nome é de doçura / já está reconhecida / a sua grande cultura”. O brigadeiro, ao longo do texto, é citado como “homem de valor”, “feliz bandeirante” e “homem de posição”. No que se refere ao ideário ou programa: “O seu maior interesse / é proteger a nação”.

O texto vai além quando diz: “Sei bem que no Ceará/ quase tudo é Brigadeiro / o povo fala em seu nome / não se ver um paradeiro/ todos querem vê-lo na corte/ dominando o paiz inteiro”

Também faz uma menção a Fortaleza, talvez com forma de mostrar um compromisso do poeta com o candidato: “Se o tenente Brigadeiro/ passeiasse em Fortaleza / via bem que os cearenses / eram homens de firmeza / que votaram em seu favor / e outra qualquer defeza”.

Afinal de contas, dentre as funções que o versejador deveria cumprir está o de líder de uma comunidade, com autoridade e legitimação para ser porta-voz e com respeitabilidade para se fazer ouvir e merecer crédito.

O cordel sobre a morte de Getúlio Vargas se inscreve no círculo do obituário do líder político. Pode ser classificado como algo mais emocional e que tirava partido da comoção nacional, pelo suicídio do Presidente, para vender cordéis, o que de fato aconteceu.

Também não parece significativo acompanhar o episódio pelos jornais, quando os veículos locais reproduziam o material das agências de notícias, sem estrutura nem verbas para bancar viagens de jornalistas ou manter correspondentes nos grandes centros.

Moura deve ter bebido na fonte do rádio, ouvido a leitura da “Carta Testamento” e tido contato, por meio dos jornais de circulação nacional que chegavam a Fortaleza, com o fato que deixou o País perplexo.

O poeta recorre a um artifício da cantoria ou da po-

esia oral e introduz um fecho que funciona como glosa: “Suicidou-se Getúlio / Braço forte do Brasil”. Getúlio rima em outras estrofes com entulho, orgulho e barulho.

O poeta é consciente da perda para a pobreza e enumera conquistas: “Deixou mais um Instituto” e vai além ao se referir ao: “Sindicato que ampara / o trabalhador voluntário”.

Moura sabe que a grande acusação que pesa sobre Getúlio foi o atentado contra Carlos Lacerda que acabou por matar um oficial da Aeronáutica (Major Vaz): “Do crime do oficial / Getúlio estava inocente”.

Faz coro com a lamentação, quando assevera: “Getúlio amou a pobreza / sempre foi humanitário / foi um reto presidente / como as contas do rosário / Getúlio Vargas morreu / O Brasil entristeceu / vai sofrer o operário”.

A cena é refeita: “Em menos de um segundo / Acabou-se neste mundo / Quem protegia a pobreza” e conclui: “Deixou um governo novo / Para não ver no seu povo / Todo sangue derramado”. A constatação pode parecer óbvia: “Só não sofreu o burguez / Porque são muito uzurário”.

O mesmo Orígenes Lessa, no livro *Getúlio Vargas na literatura de cordel* (1973), inclui o folheto de Moura, que pode até ter sido adquirido na visita a Fortaleza, em 1954, e chama a atenção para o verso que traz a afirmativa mais coloquial e baseada no senso comum: “Getúlio suicidou-se / Porque nem Jesus livrou-se / Da língua do pessoal”. Perfeito para ser lido e discutido no Abrigo Central, em meio ao barulho dos liquidificadores batendo abacate ou banana com açúcar e leite; às garrafas de “pega-pinto”, bebida preparada com raízes; aos pregões dos jornaleiros e ao grito quando o vento soprava mais forte e levantava as saias das mulheres, num

espetáculo de “voyeurismo” coletivo que ganhou versão musical do compositor baiano Gordurinha (Waldeck Macedo, 1922 / 1969): “Oh! Moça tome cuidado pois o vento é danado / e gosta de fazer sujeira”.

Dona Justina disse, na ocasião, que o marido vendera “dez mil folhetos”, tão forte foi o impacto desta morte no imaginário coletivo. O Getúlio do folheto de Moura é o segundo Vargas, nacionalista (Petrobrás), populista (“Trabalhadores do Brasil”), longe do Estado Novo, da repressão, da censura e da ambiguidade em relação ao nazifascismo. Previsível, o folheto trabalha com a diluição do que trouxe a mídia e com a recepção do fato pelas camadas subalternas que tinham o Presidente como um “pai dos pobres”.



## Matar Por Amor

A última história levantada por esta pesquisa fala de um amor insano e tem como palco as cidades de Pacajus e Pacatuba. A primeira, numa região de plantação de cajus, às margens da BR-116 (à época denominada BR-13), a 55 km de Fortaleza, caminho para o sul do Estado; a segunda, pé de serra, a 25 km da capital cearense, hoje fazendo parte da Região Metropolitana de Fortaleza.

A narrativa não é datada no corpo do texto, na capa ou na quarta capa do folheto, supondo-se que se dê no início dos anos 1960, pela propaganda do opúsculo com as 120 histórias (de 1929 a 1962) no anúncio inserido.

Depois de exaustivas consultas aos jornais de 1960 e 1961, constatou-se que o crime aconteceu dia 22 de outubro de 1961, conforme reportagem do *Correio do Ceará* e registro na coluna “Assistência e Polícia”, assinada por César Coelho, na *Gazeta de Notícias*.

Henrique amava Maria Oliveira, “pivô da chacina”, como cantou Moura. O rapaz perseguia a moça que não o queria mais e declarou de modo ameaçador: “Um dia serás vencida”. Desesperado, matou a mãe dela, dando-lhe “certeira facada / em cima do coração”. A mulher dormia com o neto, que saiu correndo e levou uma pan-

cada e três facadas do criminoso: “Se eu deixar ele vivo / vai o crime descobrir”. O criminoso teria dito, não se sabe a quem, que matara por amor.

Henrique fugiu para Pacatuba ou “em direção a Maracanaú, sendo interceptado pelas autoridades em Pacatuba, sábado, às dez horas da manhã”, de acordo com a edição de 23 de outubro de 1961 do *Correio do Ceará*.

Maria Oliveira não teve dúvidas em dar a pista à polícia e dizer que o criminoso só podia ser Henrique. O rapaz foi preso e levado para Pacajus. “O jipe chegou à cidade às 16:30 horas”. A multidão ensandecida – o jornal fala em cerca de mil pessoas –, “armada de pedra, pau, bandas de tijolo, etc, esperava o criminoso”, tomou-o das mãos dos policiais e o linchou.

O jornal faz um relato dramático: “ninguém quis levar o caixão, nem mesmo os familiares da vítima”. O poeta foi mais competente que o jornal, que não trouxe nem o nome dos que foram assassinados por Henrique, nem mesmo o nome de sua amada.

O *Correio do Ceará* estampou a manchete: “Pacajus enfurecida linchou o monstro”, chama Henrique de “Negro” (entre aspas) e dizia na legenda de uma foto escabrosa: “Seu corpo com a cabeça transformada em uma massa informe foi fotografada por nosso correspondente”.

Moisés Matias de Moura estava em Fortaleza, em um bar que frequentava (seria o “Sport Bar”, do anúncio na capa do folheto?), quando foi procurado por um rapaz de Pacajus para escrever a história desse crime. Teria sido verdade ou um recurso estilístico para justificar a apropriação de um fato que deve ter comovido (indignado) a opinião pública e vender folhetos?

A *Gazeta de Notícias*, mais contida, faz referência ao sítio Cunca, onde se deu o crime, chama a morta de Ma-

riana (depois retifica para Maria Teófilo), 80 anos, e diz que o outro morto era um filho (a edição seguinte diz ser uma neta de 11 anos). O nome do Henrique é omitido (“não se pode citar com precisão”). Mariana não estaria de acordo com o romance da filha. O jornal levanta a hipótese de que o “pivô” do crime teria sido assassinado, o que não se comprovou posteriormente.

O relato é interrompido pela brusca irrupção da violência e o poeta corta para falar de um programa de rádio que vai ao ar toda sexta-feira, às nove horas da manhã, pela Ceará Rádio Clube.

É quando ele coloca em cena a figura do jornalista J. Ciro Saraiva, que teria conseguido o horário no rádio para ele. Ficamos sem saber se o programa era policial ou poético. Na década de 1950, cantadores como Siqueira de Amorim e Domingos Fonseca tinham espaço em jornais para desenvolverem glosas a partir de motes dos leitores.

A presença de Moura nos estúdios da PRE-9 pode ser indício da imbricação dos discursos da mídia impressa e da oralidade do rádio, num instante de implantação da televisão e de tentativa de renovação dos discursos, pegando “carona” em um produtor popular com a credibilidade e a visibilidade do “cabo velho do trânsito”.

Fica meio complicado colocar “O Monstro de Pacajus” na rubrica das histórias de amor. Trata-se de um relato de vingança seguido de abandono, rejeição e perda, culminando em tragédia. Ficamos nesse terreno fronteiro e vale a intenção do poeta, mais que a interpretação feita tantos anos depois.





## Tradição Atualizada

O folheto já não tem o mesmo sucesso de vendas de ontem, ainda que conte com uma editora especializada e com bancas que se espalham pelo Centro de Fortaleza.

Nesse ínterim, houve um significativo avanço das tecnologias e das mídias. O povo encontrou outras formas de participação e comunicação, aproximando-se, em alguns casos, dos modelos da Indústria Cultural e, em outros, na adoção de posições políticas mais consequentes, como um primeiro momento das rádios comunitárias e o fortalecimento dos movimentos sociais.

Nos episódios das mortes de Ayrton Senna e Lady Di, na lenda urbana da perna cabeluda e na moça que dançou lambada com o cão, a tradição do folheto jornalístico dá sinais de vitalidade.

Na região do Cariri, com a Academia dos Cordelistas do Crato, ou em Fortaleza, com o pessoal do Centro Cultural dos Cordelistas Cearenses (Cecordel), ou com a atividade da Editora Tupynanquim, o folheto de acontecido permanece, apesar dos avanços da mídia, mostrando que, num contexto de sofisticação de tecnologia e das práticas mercadológicas, ainda existe espaço para a atividade da qual Moisés Matias Moura foi um pioneiro.

Muita coisa mudou, mas o formato do folheto, a rima nem sempre rica e a métrica, às vezes de pé quebrado, servem como suporte para essa informação que resiste à margem dos meios hegemônicos, continua a desafiar estudiosos e a encantar o povo.

Hoje, pode-se pensar na “pirataria” como manifestação política contra os abusos da Indústria Cultural e o “popular” estaria nas gravações de “pegadinhas”, geralmente com a estrutura de um telefonema, irritantes na grossura e insistentes na repetição da mesma estrutura. Já as paródias se apropriam de algo que faz ou fez sucesso para recriar a partir daí, com a lógica da aceitação do conhecido, aparentemente renovada pelo recurso de interferências nas situações. A replicação de CDs, MP3 e DVDs, vendidos em carrocinhas no Centro da cidade, dá mostras de um negócio que parece florescer, à margem ou de modo parasitário em relação à Indústria Cultural.

Também no grito de guerra das torcidas do Ceará e do Fortaleza, vendidos como CDs e que embalam o fervor da “galera” nos dias de clássico. Aqui também a renovação é permanente e o negócio se mantém por conta da aposta em uma competição que nunca haverá de cessar.

O cordel também está na Internet, podendo ser baixado e está em performances no “YouTube”, sítio que acolhe imagens em movimento e possibilita, na medida do possível, um acesso mais democrático à rede mundial de computadores.

As poéticas da voz estão no “rap”, que mistura ritmo & poesia com uma conotação mais política, juntando-se ao “grafite” e ao “break” ou dança de rua, num “mix” que tem origens na negritude norte-americana e se espalha pelo mundo afora, da Jamaica a São Paulo, dos Fabulosos Trovadores, de Toulouse (França), ao Preto Zezé, de Fortaleza.

O cordel se amplia, dilata fronteiras, se deixa contaminar e irrompe, vitorioso, nas brechas que são abertas ou se abrem para que a voz prevaleça, o corpo comunique, a voz se projete, as cores se movam, as imagens se embaralhem e Moisés Matias de Moura viva, nas lembranças e na atualização de seu legado de determinação, trabalho e talento.

## Referências Bibliográficas

ANTOLOGIA da literatura do cordel. Fortaleza: Secult, 1977.

ALMEIDA, Átila de; ALVES SOBRINHO, José. *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*. V.1 e 2. Campina Grande: Centro de Ciências e Tecnologia da UFPB, 1978.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de. *Cronologia ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. V. 1 e 2. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2001.

CAMPOS, Eduardo. *Cantador, musa e viola*. Rio de Janeiro: Editora Americana; Brasília: INL, 1973.

CARVALHO, Gilmar de. *Publicidade em cordel*. São Paulo: Maltese, 1994.

\_\_\_\_\_. *Lyra popular: o cordel do Juazeiro*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

DE CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

HISTÓRIA do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França. Lisboa: Livraria Progresso Editora, s/d.

KUNZ, Martine. *Cordel, a voz do verso*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Zé Melancia*. São Paulo: Hedra, 2005.

LAGE, Nilson. *Ideologia e Técnica da Notícia*. Petrópolis: Vozes, 1988.

LEMAIRE, Ria. Entre oralidade e escrita: as verdades da verdade. In: *Actas do Congresso Literaturas marginais*. Porto: Editora da Universidade do Porto, 2008.

\_\_\_\_\_. Folheto ou literatura de cordel: uma questão de vida ou morte. In: *Anais do XII Congresso de Folclore*. Natal: Comissão Nacional de Folclore, 2007.

LESSA, Orígenes. *A voz dos poetas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.

\_\_\_\_\_. *Getúlio Vargas na literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Documentário, 1973.

LITERATURA popular em verso: Catálogo. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1961.

LITERATURA popular em verso: Antologia. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa; Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

LUYTEN, Joseph. *A notícia no cordel*. São Paulo: Sulina, 1990.

LOPES, Ribamar (Org.). *Antologia da literatura de cordel*. Fortaleza: BNB, 1982.

MARQUES, Alfredo. *Maranguape: sua gente, sua história, uma cronologia*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

MATOS, Edilene. *Ele, o Tal: Cuíca de Santo Amaro*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 1998.

\_\_\_\_\_. *Minelvino Francisco Silva*. São Paulo: Hedra, 2000.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda*. São Paulo: Summus, 1997.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1993.

MORIN, Edgar. *A cultura de massas no século XX*. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

NOBRE, Geraldo. *Introdução à história do jornalismo cearense*. Fortaleza: Grecel, 1976.

PAIVA, Natália. *Que bons ventos o trazem: o cão da Itaoca na Fortaleza dos anos 1920*. Fortaleza, Monografia de Conclusão do Curso de Comunicação Social, da Universidade Federal do Ceará, 2006.

PIRES FERREIRA, Jerusa. *Cavalaria em Cordel*. São Paulo: Hucitec, 1979.

\_\_\_\_\_. *Armadilhas da Memória e outros ensaios*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. *O livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense / Universitária, 1984.

SALLES, Vicente. *Repente & Cordel: literatura popular em versos na Amazônia*. Rio de Janeiro: Funarte / Instituto Nacional do Folclore, 1985.

STORIES of Charlemagne and the Twelve Peers of France. London: Seely and Co. Limited, 1902.

TÚLIO, Demitri. *Das antigas: crônicas escolhidas 1*. Fortaleza: Perfil Cidadão, 2007.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC, 2000.

cordéis





Moisés Matias de Moura e dona Justina, sua esposa, em dezembro de 1949

**GAZETINHA DE MOURA**

Leitores prestem atenção  
A Gazetinha de Moura  
Que anuncia o passado  
Em rima improvisadôra  
E fica em atividade  
De mais alguma vindoura.

Portanto caros leitores  
Fiquem na atividade  
Quando se der qualquer caso  
Dentro ou fora da cidade  
Esperem a Gazetinha  
Que anuncia a verdade.

Eu historiador Moura  
A ninguém nunca iludo  
Aborreço o mentirozo  
A verdade é meu escudo  
Quem lê esta Gazetinha  
Fica ciente de tudo.

O primeiro anuncio meu  
Foi escrever o disastre  
Do pequenino George  
Do Sr. Cesar Cayat  
Depois que escrevi esta  
Eu fiz profissão de arte.

Depois escrevi o verso  
Da pobreza proletaria  
Quando o Capitão Sombra  
Chamou a classe operaria  
E formou o seu partido  
Campanha Legionaria.

Depois escrevi o verso  
Da planta de Fortaleza  
Que divide a cidade  
Com toda sua beleza  
Quem nunca viu já conhece  
O verso conta a certeza.

Depois escrevi o verso  
Do amor de Iracy  
Moça de mais boniteza  
Nen huma igualou a si  
Seu pae era pobrezinho  
Mas vivia sobre si.

Depois escrevi o verso  
De três vultos elevados  
Os três jovens maranhenses  
Que morreram afogados  
No Porto de Fortaleza  
Os leitores estão lembrados.

Depois escrevi o verso  
Do vulto que se acabou  
O Sr. Dr. José Sombra  
A machina do trem matou  
Lá perto do pavilhão  
Que alguém prezenciou.

Depois escrevi o verso  
Da morte do Português  
Um socio de padaria  
Que deixou tanto freguês  
Morreu tambem afogado  
Quando chegou sua vez.

Depois escrevi o verso  
A historia conhecida  
De Maria com Walfredo  
A melhor de minha vida  
Que estudei do romance  
Da Princeza Seduzida.

Depois escrevi dois versos  
Os dois que agora falo  
A crise de trinta e dois  
E a rebelião de São Paulo  
Que naquela data deu  
No Brazil um grande abalo.

Depois escrevi verso  
Agradaram ao escritor  
A nova administração  
Que serviu para o leitor  
Quando o Capitão Roberto  
Aqui foi interventor

Depois escrevi o verso  
Daquele grande embaraço  
Todos acontecimentos  
Do dia 4 de março  
Do Tenente José Bezerra  
Que ajudei tirar do laço

Depois escrevi o verso  
A verdadeira certeza  
Do Navio Mysterioso  
Do Porto de Fortaleza  
Que aparece no Porto  
Com garboza boniteza

Depois escrevi um verso  
Sem me arredar do trilho  
Porque eu por um anuncio  
Sou como frango por milho  
Declarei como cazou-se  
Uma mãe com seu filho

Depois escrevi o verso  
De Moysés e Terezinha  
Que eu era espozo  
Ela éra espoza minha  
Morreu me deixou viuvo  
Cumprindo a sorte mesquinha.

Depois escrevi o verso  
De Dalila com Gaspar  
O verso mais importante  
Serviu de admirar  
Ensina perfeitamente  
Como se deve amar.

Depois escrevi o verso  
Que não saiu de meu laço  
Que foi quando os 2 partidos  
Pegaram a queda de braço  
Que se viu na Legião  
Bonito pulso de aço.

Depois escrevi um verso  
Me doendo o coração  
Trespasado de tristeza  
Fugindo a pena da mão  
Publiquei a vida e a morte  
Do Pe. Cícero Romão.

Depois escrevi o verso  
Da tragedia do amor  
A vitima Alderi Bezerra  
Sua mãe fez um clamor  
Quem perde um filho por certo  
No coração sente dôr.

Depois escrevi o verso  
Das colunas do mercado  
Que pelo Dr. Campelo  
Foi muito bem desenhado  
E pelo Mestre Velozo  
Foi o predio levantado.

Depois escrevi o verso  
Da jumenta lançadeira  
Foi assim intitulada  
Por ser braba e corredeira  
Passou 6 dias no mato  
Selada na capoeira.

Depois escrevi o verso  
Um livrinho fabuloso  
Foi estrela das estrelas  
Catolico religioso  
Para ensino dos errados  
Neste mundo enganozo.

Depois escrevi o verso  
Muito bom especial  
Que foi o de profecia  
Do profeta Frei Vidal  
Pois o que profetizou  
Já se viu tudo afinal

Leitores nos meus repentes  
Todas noticias não vinha  
Mas hoje tem um anzol  
E eu pegado na linha  
Não me escapa um anuncio  
Cai tudo na Gazetinha.

Como bem os suicidios  
Que verificou-se aqui  
Como o cabo do Exército  
Com o fuzil matou a si  
O empregado da A Grota  
O motorneiro Alderi.

Torquato quando morreu  
Estava de guarnição  
Na Delegacia Fiscal  
Matou-se com sua mão  
Botou o fuzil no queixo  
Desparou cahi no chão.

Suicidou-se Torquato  
Fez esta grande arrelia  
Porque estava devendo  
É que o povo avalia  
Outros dizem que foi desgosto  
Dele com sua familia.

Torquato era um menino  
No vinho robusto e forte  
Nunca ninguem via ele  
Se lastimando da sorte  
Passeou com sua espoza  
Nas vespera de sua morte.

Tudo isso são fraquezas  
Ou então gente ruim  
Antes de chegar seu dia  
Por si proprio deu fim  
Oh! Meu Deus que grande horror  
O mundo não era assim.

Morreu tambem de desastre  
Um pobre trabalhador  
Viuvo com tres filhinhos  
Era um homem viverdor  
Chamado Artur Graviola  
A bordo era estivador.

Vinha na rua Boris  
Descuidado e violento  
De morrer naquela hora  
Não tinha tal pensamento  
A Pronto Socorro vinha  
Pegou naquele momento.

O chauffeur naquela hora  
Quase me perde o sentido  
Foi verificar quem era  
Viu que já tinha morrido  
Movimentou o seu carro  
Deixou no chão caído.

No local que ele morreu  
Aglomerou-se de gente  
Chegaram os irmãos do morto  
Choravam como inocente  
Quando o chauffeur voltou  
Todos lhe tomaram a frente.

Um cabo da Guarda Civica  
Deu-lhe ali voz de prisão  
O chauffeur não atendeu  
E pizou na direção  
Movimentou o carro  
Fugiu nessa ocasião.

Foi se entregar a policia  
A sua historia contou  
O delegado prendeu  
Com poucas horas o soltou  
Porque viu que o chauffeur  
A proposito não matou.

Só não levou o cadaver  
Porque já tinha morrido  
Se são a Pronto Socorro  
Tinha ele conduzido  
A familia tomou conta  
Chorando em alto gemido.

Antes de haver veiculos  
Morria quasi ninguem  
Depois que apareceu  
Tem dias de morrer cem  
Alem dos que Jesus mata  
Os carros matam tambem.

Este ano em Fortaleza  
Foi ano de arrelia  
Assassinou-se um padeiro  
E um dono de padaria  
As quatro horas da manhã  
Ainda o povo dormia.

Um dono de padaria  
Confiou-se em ser patrão  
Foi surrar um empregado  
Na mesma repartição  
Porque não tinha prestado  
A conta certa do pão.

Então ahi o empregado  
Por não querer apanhar  
Investiu em cima dele  
Para o chicote tomar  
O patrão naquela hora  
Fêz uso de lhe atirar.

Quando atirou no padêiro  
Atingiu o coração  
O padeiro uzou da faca  
Naquela ocasião  
Dando-lhe muitas facadas

Ambos ficaram no chão.  
Por causa de pouca soma  
Hoje estão sepultados  
Nem o padeiro pagou  
Os pães que tinha apurado  
Nem o patrão se logrou  
Do que já tinha guardado.

O padeiro merecia  
Que fosse mais cavalheiro  
E o seu patrão devia  
Não ser tão interesseiro  
Não tivesse dado a vida  
Por tão pouquinho dinheiro.

A 16 de outubro  
De 34 presente  
No Sindicato da Light  
Ouve um festival decente  
O Sr. Capitão Sombra  
Falou com todos na frente.

Falou expondo a todos  
Qual éra o seu ideal  
Que todos compreenderam  
Que o distinto oficial  
Queria que todos pobres  
Uzassem a lei Sindical.

Ele estava falando  
De lado com sua espoza  
Que representava ser  
Um quadro de fina louza  
Eu de lado apreciando  
Memoriei muita couza.

Sr. Severino Sombra  
Se condoe dos sofredores  
E diz ninguem não se iluda  
Com partidos iludidores  
Que melhora mas esquece  
Os pobres trabalhadores.

Sr. Severino Sombra  
Quando está orando diz  
Que com fé no pai eterno  
Faz o Brasil feliz  
Só ficará ao relento  
Quem acompanhar não quis.

Ingressai povo! Ingressai  
A campanha Legionária  
Porque é a defensora  
Da pobreza proletaria  
É a única salvação  
Da classe pobre operaria.

Viva o Capitão Sombra  
Com os seus Legionarios  
Morra os Partidos burgueses  
Com os falsos comentarios  
Iludindo a humanidade  
Com conselhos arbitrarios.

A 14 de outubro  
No dia da eleição  
Era tanto boletim  
Chamando o povo atenção  
As chapas de candidatos  
Andavam de mão em mão.

Era o assunto do povo  
Antes do dia chegado  
Um queria outro queria  
Um posto mais elevado  
Não sei quantos candidatos  
Na chapa de Deputado.

Nunca se viu no Ceará  
Outra eleição mais falada  
Até Raquel de Queiroz  
Queria ser deputada  
Fez aqui grandes comicios  
Porem não foi apoiada.

A Liga Eleitoral Catolica  
Teve maioria em votos  
Parece que o Brasil  
Se desmanchou em devotos  
Serviu de admiração  
O grande numero de catolicos.



Mas pelo que ouço dizer  
A eleição é estranha  
L. E. C. ganha e perde  
P. S. D. perde e ganha  
Se for assim como dizem  
Isto de lei é façanha.

Leitores, caros leitores  
Preste atenção agora  
Uma grande barroada  
Que peguei na última hora  
Um caminhão com um bonde  
Os eixos voaram fora.

Foi vítima da barroada  
Aureliano Tavares  
Tão moço, cheio de vida  
De robusteza suaves  
Entre um veículo e outro  
Duas feras insuportaves.

A 1º de outubro  
Doze horas mais ou menos  
Na linha Otavio Bonfim  
Corria o bonde sereno  
Barroou no caminhão  
Quase morria o pequeno.

Neste mesmo dia deu-se  
No Colegio Militar  
Uma arrelia entre dois  
Uma vida veio custar  
Um pequeno matou outro  
Não conseguiram apartar.

Foi também na última hora  
Que este caiu no laço  
Por isto caros leitores  
Boa explicação não faço  
Mas sei que ele matou  
Armado de um compaço.

Deu-se mais um suicidio  
Por causa de namorada  
Um rapaz chamado Pio  
Deixou sua apaixonada  
A sua vida custou

Um tiro de espingarda.  
Não sei qual o motivo  
Deste acontecimento  
Dizem que a sua mãe  
Não queria o casamento  
Ele não quis acabar  
Morrer foi o seu intento.

Não conheci o rapaz  
Nem sei de onde seria  
Sei que suicidou-se  
Perto da enfermaria  
Porque o seu casamento  
A sua mãe não queria.

Não queria vê ele casado  
Viu ele morto na cama  
Não sei como uma mãe  
Tem o seu filho e não ama  
Depois que vê ele morto  
É que se lembra e reclama.

Aviso ao rapaz solteiro  
Alguns desgostos suporte  
Lovem o pensamento a Deus  
Que alcança a boa sorte  
Por causa de amizade  
Não vão se entregar a morte.

Aviso aos condutores  
Não façam papel ridículos  
Andarem com mais cuidado  
Quando percorrer os círculos  
Cuidado nas direções  
Quando guiarem os veículos.

Aviso aos meus companheiros  
Se escuzem de arrelias  
Para nunca se matarem  
Que questões não tem valias  
Sempre o comum é deixar  
Desamparada as famílias.

Acabou-se a Gazetinha  
Esperem outra vindôra  
Que sairá nesses dias  
Em rima improvisadôra  
Todo mez escreve uma  
Moysés Matias de Moura.



OS SOFRIMENTOS DA CRIADA  
DA  
Princesa Seduzida

MARIA e WOLFREDO

PELO HISTORIADOR BRASILEIRO  
**Moisés Matias de Moura**

**PREÇO . . . . . 1\$000**

*FORTALEZA, 18-12-35*

O autor reserva o direito de  
propriedade

## OS SOFRIMENTOS DA CRIADA DA PRINCEZASEDUZIDA

MARIA E WALFREDO

Leitores se não enfada  
Leia esta narração  
Leia a vida desta jovem  
E preste bem atenção  
Que saberão no final  
Se a história é boa ou não.

Vou dar começo a história  
Sem calúnia sem enredo  
Eu quando escrevo um romance  
A ninguém peço segredo  
Vou tratar do casamento  
De Maria com Walfredo.

Maria e Walfredo era  
Uma donzela de fama  
Que manchou seu nome honrado  
Para salvar sua ama  
Submeteu-se ao castigo  
Fez de sua vida um drama.

Esta Maria ditoza  
Era filha de Adriano  
Sua mãe era Gertrudes  
Tinha um coração humano  
Porém o velho seu pai  
Um orgulhoso tirano.

Este orgulhoso Adriano  
De um rei era conselheiro  
Devido a capacidade  
Daquele herói estrangeiro  
O rei confiava tudo  
Desde a coroa ao dinheiro.

Este rei tinha uma filha  
Que era a flor da beleza  
Se chamava Catalina  
Sem igual em boniteza  
Por ter tanta fidalguia  
Do reinado era princeza

Catalina então pediu  
Ao rei uma criada  
E só queria uma moça  
Que fosse honesta e honrada  
Porque só assim cabia  
Ela ser acompanhada

O rei então prometeu  
O que a filha falava  
Consultou com Adriano  
Para ver que geito dava  
Como era conselheiro  
Aquilo facilitava.

Disse Adriano ao rei  
Dou-lhe uma criada bela  
Para a gentil princeza  
Confiar-se em tudo nela  
Só Maria minha filha  
Poderá servir a ela.

Disse o rei a Adriano  
É muita delicadeza  
Você dar a sua filha  
Para servir a princeza  
Eu morro mas não lhe pago  
Se fizeres esta fineza.

Chegou Adriano em casa  
Foi dizendo a sua filha  
Você vai ser empregada  
Da estrela que mais brilha  
A princeza do reinado  
Mas sei que Gertrudes estrilha.

Disse Gertrudes a Adriano  
Você deu uma errada  
Em fazer de nossa filha  
Tão querida, uma empregada  
Maria disse mamãe  
Nossas lágrimas são dobradas.

Ou seja dobrada ou não  
Tens de fazer meu mandado  
Aonde você se emprega  
Eu também sou empregado  
Se você manchar seu nome  
Eu também fico manchado.

Disse Gertrudes chorando  
Tu te comparas com ela  
Em você não pega mancha  
Toda mancha pega nela  
Nada existirá mais fino  
Do que nome de donzela.

Disse Adriano eu já disse  
Ao rei que ela hia  
Ele ficou satisfeito  
Com prazer e alegria  
Porque a sua princeza  
Tinha boa companhia.

Disse Gertrudes ela vai  
Porque você prometeu  
Já não pode mais faltar  
Senão quebra o trato seu  
Mas você é o culpado  
Que a filha ofereceu.

Afinal Maria foi  
Para servir a princeza  
Chegando foi abraçada  
Com toda delicadeza  
Catalina disse agora  
Você vai bancar fineza.

Esta princeza a Maria  
Consagrou tanta amizade  
Parecia ser irmã  
Deu-lhe toda liberdade  
Porem o mundo não deixa  
De arrastar novidade.

Um dia chegou um príncipe  
Hospedou-se no reinado  
P príncipe viu a princeza  
Ficou logo apaixonado  
Da mesma forma a princeza  
Disse achei meu namorado.

Logo imediatamente  
Falou logo em casamento  
A princeza deu o sim  
Cheia de contentamento  
O príncipe pediu ao rei  
Ficou tudo em andamento.

Antes disso Catalina  
Só andava mais Maria  
Se a criada não fosse  
A ama também não hia  
De formas que elas duas  
Só andavam em companhia.

Depois que a princeza  
Do príncipe foi namorada  
Dispensava a companhia  
Da sua fiel criada  
Só queria andar sozinha  
De seu noivo acompanhada.

Um dia Maria lhe disse  
Minha ama tenha cuidado  
O homem é falso dormindo  
E avalie acordado  
Só dê confiança a ele  
Quando estiver casado.

Disse a princeza a Maria  
Não tenha cuidado em mim  
Nem desconfie em meu noivo  
Ele não procede assim  
Mesmo parece não ter  
Caráter de homem ruim.

Continuou a princeza  
Com o noivo a passear  
E Maria não deixava  
Sempre de lhe aconselhar  
Dizendo estes passeios  
Faz a minha alma chorar.

Em poucos dias depois  
Veio um jovem passeiar  
Na residência do rei  
Tinha negocio a tratar  
Este jovem viu Maria  
Pedi-a para casar.

O rei lhe disse que dava  
Com toda satisfação  
Ela é uma criada  
Da minha estimação  
Companhia da princeza  
Corda de meu coração.

Era chamado Walfredo  
Este noivo de Maria  
Tinha riqueza bastante  
Dobrada sabedoria  
Adriano satisfeito  
O casamento queria.

Afinal hia a princeza  
E Maria se casar  
A vida de uma e outra  
Era amor relatar  
Mas Maria não sabia  
Com seu noivo passeiar.

Catalina hia casar  
Naquele ditoso mez  
Estava muito animada  
Que casava desta vez  
Coitada estava enganada  
De tantos planos que fez.

Porque seu noivo embarcou  
Prometendo que voltava  
E naquele mesmo mez  
Com a princeza casava  
Ficou a pobre esperando  
Por quem despreso lhe dava.

O príncipe André Santiago  
O noivo de Catalina  
Veio mandado do demônio  
Cortar sua boa sina  
Antes ela fosse morta  
Em criança pequenina.

Porque dos passeios que deu  
Com ele ficou beijada  
Por não tomar os conselhos  
Que dava sua criada  
Terminou sempre chorando  
Quando se viu desprezada.

Porque o noivo embarcou  
E ela ficou esperando  
E a criada dizendo  
Minha ama finda chorando  
Ele cá não volta mais  
Pode ir se desenganando.

O tempo foi passando  
Nada do noivo chegar  
Até que chegou o dia  
Da princesa descansar  
Não sabia o que fizesse  
Para a criança ocultar.

Falou com sua criada  
Para ver que geito dava  
A criada respondeu  
Que a criança não criava  
Se lembra quando eu dizia  
Que a minha ama chorava!

Tornou falar a princesa  
Maria tens dó de mim  
Pelas chagas de Jesus  
Não seja grosseira assim  
Eu nunca pensei no mundo  
De você ser tão ruim.

Pela hóstia consagrada  
Por Jesus que nos criou  
Por tantas gotas de sangue  
Que ele na cruz derramou  
Encobres a minha falta  
Que entre nós se passou.

Disse Maria faz pena  
Seu nome sahir na rua  
Eu não posso lhe salvar  
Dessa situação sua  
Disse a princesa tú pode  
Dizendo a criança é tua.

Ave Maria princesa  
Que conselho é este seu  
Querer limpar seu nome  
E querer sujar o meu  
Uma donzela manchada  
É uma arvore que morreu.



Mesmo assim vou me casar  
Já comprei minha aliança  
Não posso lhe prometer  
De ser mãe dessa criança  
O que dirá Walfredo  
Meu anjo da esperança.

Disse a princesa a Maria  
Eu reparto com você  
A metade da riqueza  
A que a mim pertencer  
Dou-lhe mais meu anelão  
Dá para te enriquecer.

Disse Maria a princesa  
Toda riqueza se some  
Quero morrer na pobreza  
Do que ser rica sem nome  
Eu sendo honrada e honesta  
Walfredo mata-me a fome.

Nestas palavras a princesa  
Abraçou sua criada  
Pegou nas mãos apertou  
Beijou seus pés ajoelhada  
Dizendo toma a criança  
Não me deixa envergonhada.

Maria naquela hora  
Lembrou-se da Santa Sé  
Abraçou a sua ama  
Valeu-se de São José  
Disse a criança é minha  
Vou lutar contra a maré.

Disse a princesa a Maria  
Quando a criança dormir  
Pega ela e vai embora  
Pra ninguém presentir  
E quando precisar de mim  
Estarei sempre a servir.

Mas é preciso Maria  
Tu jurar com os dois dedos  
Como a criança é tua  
Guarda os nossos segredos  
Para o povo fuxiqueiro  
De mim não fazer enredos.

Maria disse eu lhe juro  
Nunca hei de descobrir  
Serei mãe desta criança  
Vou sua falta encobrir  
Embora fique manchada  
Sem mancha em mim existir.

Afinal foi-se a criada  
Conduzindo a criancinha  
Para a casa de seus paes  
Dar desgosto a mamãezinha  
Sem ter cometido falta  
Do geito que sahiu vinha.

Quando foi chegando em casa  
Foi mudando de feição  
A dor que lhe acompanhava  
Lhe feria o coração  
Chegando se ajoelhou  
A sua mãe tomou a benção.

Gertrudes lhe abençoou  
E disse filha querida  
Porque é que vens chorando  
E triste assim tão sentida  
De quem é essa creança  
Que trazes ahí envolvida

Maria banhada de lagrimas  
A sua mãe respondeu  
Esta criança é minha  
Por meus pecados nasceu  
Disse Gertrudes você  
Tão depressa endoideceu.

Recolha-se para seu quarto  
Para Adriano não ver  
Quando ele entrar em casa  
Vás a criança esconder  
Quando ele souber disto  
Fica logo a se morder.

Assim passou alguns dias  
Maria enquartelada  
Adriano satisfeito  
Visto não saber de nada  
Porem notava Gertrudes  
Andando desconfiada.

Um dia Adriano estava  
Em uma sonata bela  
Viu um choro de criança  
Acorda e acende a vela  
Foi no quarto de Maria  
Viu a criança mais ela.

Quando foi vendo a criança  
Fez logo grande alvoroço  
Quis tirar na mesma hora  
De sua filha o pescoço  
Disse Gertrudes desculpa  
Doidice de quem é moço.

Desculpe o que disse ele  
Você é alcoviteira  
Eu hoje dou um sumiço  
A essa casamenteira  
Gertrudes disse meu velho  
Deixa de tanta besteira.

Besteira o que diabo velha  
Tu ainda vens falar  
Eu mato você e ela  
E quem vier adular  
O coração só me pede  
De Maria eu degolar.

Com raiva disse o Walfredo  
O que tinha sucedido  
Walfredo ficou vexado  
Quase que perde o sentido  
Disse eu não vou casar com ela  
Antes não fosse nascido.

Walfredo amava a Maria  
De todo seu coração  
Porque Maria era linha  
Em qualidade e feição  
Quase morre de desgosto  
Quando viu dela a ação.

Walfredo foi visitá-la  
Para sahir do engano  
Porque não acreditava  
No que lhe disse Adriano  
Não esperava Maria  
Dar-lhe um desgosto tirano.

Chegou lá chamou por ela  
Coberto de cerimônia  
Maria veio encontrá-lo  
Lagrimosa tão tristonha  
Com a criança nos braços  
Fingindo um sem - vergonha.

Walfredo lhe perguntou  
O que foi isto Maria  
Ela disse foi a sorte  
Que contra mim andaria  
Tú vieste me matar  
Por ti eu morrer queria.

Walfredo disse Maria  
Querias morrer por mim  
Como perdeste a cabeça  
E procedesses assim  
Disse ela vens me salvar!  
Se não é triste o meu fim.

Walfredo disse Maria  
Confessa tua verdade  
Se essa criança é tua  
Declara por caridade  
Ela disse é minha filha  
Mas conservo a virgindade.

Walfredo disse Maria  
Estás louca do sentido  
Como é virgem uma moça  
Tendo um filho nascido  
Me submeta a exame  
Que ficarás convencido.

Vá chamar o melhor médico  
Que houver nesta cidade  
Venha com ele presente  
Que conheces a verdade  
Você fica convencido  
Se usei de falsidade.

Pegou Walfredo a pensar  
Como podia fazer  
Um exame em sua noiva  
Para o publico não saber  
Foi consultar com o velho  
Para dar-lhe um parecer.

O velho disse Walfredo  
Não precisa do exame  
O meu desejo é matar  
Aquela maldita infame  
Que manchou o nome dela  
E fez do meu um reclame.

Walfredo lhe respondeu  
Eu já conversei com ela  
Jurou que estava virgem  
E a criança era dela  
Disse Adriano já visse  
Mãe de família donzela.

Vou espulsá-la de casa  
Não quero vê-la na vista  
E apontou com o dedo  
Suma-se infeliz maldita  
Desocupe minha casa  
Está acabada a conquista.

Sahiu Maria de casa  
Sem destino aonde hia  
Com a criança nos braços  
Era a sua companhia  
Levava muita riqueza  
Mas a ela não servia.

Logo no primeiro dia  
Viajou o dia inteiro  
Por dentro de uma mata  
Era grande o lagrimeiro  
A tardinha hospedou-se  
Debaixo de um joazeiro.

Passou três dias no mato  
Sem ninguém dela saber  
Fez uma casa de espinho  
Para aumentar o seu sofrer  
Só lhe doía a criança  
Não ter nada que comer.

Estava ela na mata  
Walfredo em casa choroso  
Com três dias disse ao velho  
Não seja tão rigoroso  
Vamos atrás de Maria  
Deixe de ser orgulhoso.

Disse o velho eu não vou  
Pois não há necessidade  
De ir atrás de uma filha  
Que não tem honestidade  
Querendo ir pode ir  
Dou-lhe toda liberdade.

Walfredo disse eu vou ver  
A minha amante querida  
Que eu amo tanto ela  
Como a minha própria vida  
Foi sahir no joazeiro  
Aonde achou ela caída.

Walfredo chegando disse  
Venha cá minha querida  
Ela disse vá embora  
Deixe eu morrer esquecido  
Se hás de me fazer carinho  
Antes tira minha vida.

Walfredo disse Maria  
Estás me desconhecendo  
Ela disse não, eu quero  
Que fiques compreendendo  
Que estou sofrendo injusta  
Mas Jesus está me vendo.

Maria tinha no dedo  
Um rico anelão no dedo  
Custou vinte mil contos  
Que sua ama tinha dado  
Walfredo vendo o anel  
Ficou bastante espantado.

Ele pegou não mão dela  
Disse tens essa riqueza  
Ela disse esse anelão  
Quem me deu foi a princeza  
Quando eu era empregada  
Porque me tinha firmeza.

Walfredo era acadêmico  
De muita sabedoria  
Consigo disse a criança  
Não é filha de Maria  
Este anelão agora  
Me trouxe o que eu queria.

Se despediu de Maria  
Foi se ter com Adriano  
Chegou lá disse meu sogro  
Vou lhe tirar do engano  
Aquele criança é filha  
Da filha do soberano.

Porque Maria mostrou-me  
Um anelão que ela deu  
Custo de vinte mil contos  
Quando eu vi me suspendeu  
Aquele anelão mais tarde  
Descobre o que sucedeu.

Peço ao Sr. Adriano  
Por estas horas que são  
Vista-se em trajes de médico  
E faça a examinação  
Para ficar na certeza  
Se ela está virgem ou não.

Adriano respondeu  
Ainda estás inludido  
Eu não queria mais vê-la  
Estava dela esquecido  
Mas como você me pede  
Vou lhe fazer o pedido.

Vestiu-se em trajes de médico  
Foi a filha receitar  
Walfredo lhe acompanhou  
Para ciente ficar  
Nestas horas as aves todas  
Se deliraram a cantar.

Sahiram quando chegaram  
Aonde ela estava chorando  
Foram vendo o joazeiro  
Numa casa transformada  
E ela com a criança  
Numa cama bem forrada.

Ambos viram o milagre  
Da árvore desencantada  
Foram dizendo Maria  
Tú vais ser examinada  
Maria disse pois não  
Não tenho medo de nada.

O velho fez o exame  
Naquela flor merecida  
Se arrependeu do que fez  
Com sua filha querida  
Porque achou a donzela  
Da forma que foi nascida.

Se ajoelhou em seus pés  
Chorando pedindo perdão  
A filha lhe perdoou  
De todo seu coração  
Walfredo ficou lavado  
Cheio de satisfação.

Walfredo disse ao velho  
Já conhecendo a verdade  
Adriano respondeu  
Desculpe por caridade  
Castiguei minha filha  
Com perfeita honestidade.

Levou ela para caça  
Com grande contentamento  
Esquecido de outrora  
Que tinha constrangimento  
Desde o dia para o outro  
Foi tratar do casamento.

Quando chegaram em casa  
Que Gertrudes viu afilha  
Chorando disse vem cá  
Estrela que tanto brilha  
Sofreu tanto injustamente  
Minha flor de maravilha.

Maria disse mamãe  
Toda amargura tem fim  
Passei fome passei sede  
Mas um anjo serafim  
Quando menos esperava  
Jesus Christo foi a mim.

Disse Adriano a Maria  
Que mistério é este seu  
Ser mãe de uma criança  
Que de você não nasceu  
Tua historia dá um drama  
E elogios a quem escreveu.

Maria disse meu pai  
Não sou caixa de enredo  
Apenas posso dizer  
Que sou chave do segredo  
Não descubro nem que peçam  
Pelo amor de Walfredo.

Maria disse Walfredo  
Eu te quero tanto bem  
Você com raiva me mata  
Eu digo que foi o trem  
Porem morro e não descubro  
Nem a ti nem a ninguém.

Afinal que se casou  
Seus amores progrediu  
Quem leu a historia sabe  
Como a criança surgiu  
Porem aquele segredo  
Maria não descobriu.

Chegamos no fim do verso  
Da criada sofredora  
Escrevi porque nasci  
Na veia improvisadora  
Desculpe os erros que deu  
Moisés Matias de Moura.





LETRAS DO POËTA  
*Moisés Matias de Moura*

**A PRINCEZA DO BOM JARDIM E OS**



**MILAGRES DE SÃO JOÃO**  
— PREÇO Cr\$ 150 —

**A PRINCEZA DO BOM JARDIM  
E OS MILAGRES DE SÃO JOÃO**

Oh! Musa da poesia  
Ti assenta junto de mim  
Vem ajudar-me a escrever  
Do começo até o fim  
A história da princesa  
Da ilha do Bom Jardim

A ilha do Bom Jardim  
Pertencia ao Rei Facundo  
Que naquela ilha era  
Um primeiro sem segundo  
E pai de uma princesa  
A mais bonita do mundo

A esposa do Rei Facundo  
Era chamada Benvinda  
A princesa era Lindalva  
Mas só lhe chamavam linda  
Como ela em boniteza  
Ninguém tinha visto ainda

O monarca todo ano  
Tinha por obrigação  
Fazer uma grande festa  
Na noite de São João  
Por ser o Santo que êle  
Tinha a sua devoção

E naquela mesma data  
Lindalva fazia ano  
E era o maior prazer  
Para aquele soberano  
De ver os seus convidados  
Beber de lascar o cano

E quando Lindalva fez  
Cinco anos de idade  
Rei Facundo convidou  
O pessoal da cidade  
Para a noite de São João  
A festa da mocidade

Prepararam uma fogueira  
Com grande satisfação  
Dizendo esta fogueira  
É da minha devoção  
E das minha mocidades  
Fizeram adivinhação

E quando chegou a noite  
Muita gente se encontrava  
Fazendo adivinhação  
Para ver com quem casava  
Lindalva com cinco anos  
Tudo aquilo observava

Observava e dizia  
Consigno no pensamento  
Não faço adivinhação  
Mas tenho um entendimento  
Que esta noite vou sonhar  
Com quem é meu casamento

E com aquela atitude  
Retirou-se de momento  
Deitou-se mas tirava  
Aquilo do pensamento  
E viu chegar um menino  
Lhe falando em casamento

Era um menino bonito  
Alvo de cabelo louro  
Se abraçava com ela  
Dizendo és meu tesouro  
Tenho a mesma tua idade  
É ouro engolindo ouro

Lindalva ainda não tinha  
Dormido aquela hora  
E perguntou de momento  
Menino onde tu mora  
O menino respondeu  
No jardim da Branca Aurora

Menino diz teu nome  
Para eu me lembrar de ti  
Eu me chamo Diterom  
Mas só me chamam Didi  
Quero teu nome também  
Para me lembrar de si

Você só tem cinco anos  
E eu com cinco também  
Vamos esperar mais treze  
Que com dezoito convém  
Se unirmos em casamento  
Impedimento não tem

Sou príncipe da Branca Aurora  
Meu pai é o Rei Crispim  
O seu pai também é Rei  
Da ilha do Bom Jardim  
Eu nasci para você  
Você nasceu para mim

Adeusinho eu vou embora  
Serei eu o teu esposo  
Eu vou repousar em casa  
Tu fica no teu repouso  
Vamos esperar treze anos  
Para Deus nada é custoso

Aqui terminou o sonho  
Daquela princeza linda  
O menino foi embora  
Ela esperou sua vinda  
Vamos ao fim da história  
Para ver como é linda

No reino da Branca Aurora  
Habitava o Rei Crispim  
Sabemos que o Rei Facundo  
Na ilha do Bom Jardim  
De um para o outro reino  
Era largura sem fim

São João obrou milagre  
Na noite da boniteza  
Baixou do Céu para a terra  
Trazendo uma vela acêza  
Mostrando aquêlo menino  
Aquela linda princeza

E com aquela lembrança  
A menina foi crescendo  
Ausente de seu amante  
Os tempos foram vencendo  
Quando ela fez quinze anos  
Algo foi aparecendo

Lindalva com quinze anos  
Lhe chegava todo dia  
Proposta para casamento  
Porém ela não queria  
A lembrança do menino  
Da cabeça não saia

Até que seu pai um dia  
Chamou Lindalva a atenção  
Dizendo aqui chega príncipe  
De alta consideração  
Lhe falando em casamento  
E você faz mangação

Ela disse: sim papai  
O meu dia não chegou  
Dos príncipes que já tem vindo  
Nenhum dêles me agradou  
Quando o meu aparecer  
Eu participo ao senhor

Com mais dois anos a frente  
O Rei Crispim propôs guerra  
Querendo do Rei Facundo  
Tomar o trono e a terra  
Diterom disse papai  
Sua barca agora emperra

Em destronar êste Rei  
O Sr. nunca mais pense  
Porque aquele reinado  
Ainda um dia me pertence  
O Sr. para tomar  
Luta muito mas não vence

A ilha do Bom Jardim  
Pertence ao Rei Facundo  
E é pai de uma menina  
A mais bonita do mundo  
Se não me casar com ela  
Me acabo num segundo

Você conhece este reino?  
Me responda no momento  
Sim papai eu só conheço  
Porque tive entendimento  
Com a filha dêste Rei  
E lhe falei casamento

Quando foi isto rapaz?  
Desta vez você mentiu  
Nunca me faltaste em casa  
Como foi que você viu  
Nem mesmo o retrato dela  
Em jornal nunca saiu

Papai eu digo ao Senhor  
Que eu não sou mentiroso  
Quando eu tinha cinco anos  
Dormindo no meu repouso  
Sonhei com esta menina  
Me chamando de esposo

E nesta noite papai  
Eu em sonho viajei  
Fui parar em um reinado  
Aonde era não sei  
E lá vi esta menina  
A casamento falei

Eu entrei no quarto dela  
Encontrei ela dormindo  
Estava sonhando comigo  
E neste sonho sorrindo  
Quando me viu foi dizendo  
Chegaste meu anjo lindo

Chegaste na bôa hora  
Que eu estava esperando  
Quando entraste no meu quarto  
Contigo estava sonhando  
Estais no meu pensamento  
Em criança te amando

Passou o resto da noite  
Até que rompeu a aurora  
Ele disse queridinha  
Adeusinho eu vou embora  
Tenho que chegar em casa  
Antes de passar a hora

Ela deu-lhe adeus e disse  
Tu és um anjo perfeito  
Fico esperando por ti  
Outro homem não aceito  
Daqui a mais treze anos  
Nosso casamento é feito

O Rei Crispim ouviu tudo  
Que o seu filho dizia  
E disse isso é um mistério  
Que a divindade trazia  
Foi estudar como era  
Que aquilo desfazia

Disse com seus botões  
Esta amizade eu dou fim  
Vou viajar a navio  
Por este mundo sem fim  
Para ver se eu descubro  
A ilha do Bom Jardim

Preparou uma esquadra  
Em navio viajou  
Levando também seu filho  
Que com a moça sonhou  
Quando andaram 15 dias  
O Bom Jardim avistou

Aportou o seu navio  
E quando em terra pizou  
Sentiu um choque tão grande  
Que sua alma gelou  
De quem é este reinado  
A um homem perguntou

E o homem respondeu-lhe  
Naquele mesmo segundo  
Este reinado pertence  
Ao Sr. Rei Facundo  
O pai de uma princesa  
A mais bonita do mundo

O rei Crispim ouvindo isto  
Olhou o filho e sorriu  
E disse na mesma hora  
Sei que você não mentiu  
Quando findou a palavra  
Deu-lhe um desmaio e caiu

Nisto chegou muita gente  
Para ver o ocorrido  
A tripulação pensava  
Que êle tinha morrido  
Rei Facundo também veio  
Saber do acontecido

Chegou e foi perguntando  
Quem é que está assim  
O filho respondeu  
É meu pai o Rei Crispim  
Que veio aqui visitar  
A ilha do Bom Jardim

Nesta hora o rei Facundo  
Olhou bem para o rapaz  
Disse consigo êste príncipe  
Eu acho muito capaz  
De casar com minha filha  
Que é bonita demais

Mandou vir medicamento  
Para dar ao rei Crispim  
Veio médico especial  
Da ilha do Bom Jardim  
O príncipe disse consigo  
Nunca vi bondade assim

Com meia hora de cura  
Rei Crispim se levantou  
Vendo aquela multidão  
Daquilo se admirou  
E pelo rei Facundo  
Nesta hora perguntou

O Rei Facundo pediu  
Um transporte especial  
E levou o Rei Crispim  
Para o Palácio Real  
Aonde toda a família  
Veio conhecer o final

Chegando toda a família  
Lindalva também chegou  
Diterom quando avistou  
Quase pasmado ficou  
Da boniteza que viu  
E do sonho se lembrou

E Lindalva vendo êle  
Disse chegaste em hora  
Que seu estava me lembrando  
Do Príncipe da Branca Aurora  
Os dois reis aí disseram  
O que faremos agora

Rei Crispim e Rei Facundo  
Tiveram um só pensamento  
De casar aqueles jovens  
Sem haver impedimento  
Que com cinco anos de idade  
Contrataram casamento

Porque Lindalva em creança  
Teve o sonho vantajoso  
Não fez adivinhação  
Para ver o seu esposo  
Mas recebeu o milagre  
De São João o Milagroso

Lindalva disse papai  
Vou casar com Diterom  
Amei-o desde criança  
São João deu-me êste Dom  
Diga se quer ou não quer  
Facundo disse está bom

Rei Crispim ouvindo isto  
Disse meu filho é dotado  
Parece que a providência  
Anda com ele de lado  
Dou-lhe de presente agora  
Vai ser dono do reinado

Rei Facundo também disse  
Não ponho impedimento  
Porque foi o meu São João  
Que quiz êste casamento  
Tenho devoção a ele  
Não sei de meu pensamento

E dizendo ao Rei Crispim  
Como é de nosso agrado  
Você só volta ao seu Reino  
Com o seu filho casado  
Vamos fazer um festim  
Que fique comemorado

Isto foi a vinte e três de junho  
Num dia de quarta-feira  
Faltavam só vinte dias  
Para o dia da fogueira  
Este casamento vai  
Sêr a nossa brincadeira

Para vinte e três de junho  
Foi marcado o casamento  
Rei Crispim e Rei Facundo  
Cheios de contentamento  
Na noite de São João  
Foi grande o divertimento



Rei Facundo fêz convite  
Ao povo de sua nação  
Para assistirem esta festa  
De grande animação  
E na noite da fogueira  
Fizeram adivinhação

Rei Crispim disse é preciso  
Eu ir ao meu Reino agora  
E trazer minha esposa  
Para assistirem na hora  
E conhecer no momento

A sua futura nora  
Disse Facundo é verdade  
Ela deve está presente  
Para assistir o festim  
Não pode ficar ausente  
Sendo ela a mãe do noivo  
Precisa ficar na frente

Rei Crispim se despediu  
Daquela festa animada  
Com Deus e Nossa Senhora  
Vou fazer minha jornada  
Na véspera do casamento  
Esperem minha chegada

A esposa de Crispim  
De tudo estava inocente  
Já fazia quinze dias  
Que o Rei estava ausente  
Chegou quando esperava  
Já estava impaciente

Quando ele chegou me casa  
Encontrou ela chorando  
E naquela mesma hora  
Pelo filho foi perguntando  
O Rei respondeu a ela  
Deixei êle namorando

Quem é esta enamorada  
Me diga nêste segundo  
Disse êle com a princeza  
A filha do Rei Facundo  
Mais bonita do que ela  
Não pode existir no mundo

A esposa dêle disse  
Fala a verdade Crispim  
Você foi mesmo parar  
Na ilha do Bom Jardim  
Disse êle eu acertei  
Nunca vi lonjura assim

Na hora que cheguei lá  
Perguntei em um segundo  
Quem é o Rei dêste reino  
Disseram é o Rei Facundo  
O pai de uma princesa  
A mais bonita do mundo

Quando me disseram isto  
Deu-me um ataque e cai  
Mas foi devido o prazer  
Que nesta hora senti  
Que do sonho do meu filho  
A realidade eu vi

Na hora que eu caí  
O Rei Facundo chegou  
Deu-me bons medicamentos  
E logo me carregou  
Para o Palácio Real  
E a môça me apresentou

Quando avistei a môça  
No momento fiquei mudo  
E do sonho dos meninos  
Ali se descobriu tudo  
Rei Facundo nesta hora  
Declarou a todo mundo

Rei Crispim disse a Facundo  
Ali naquele momento  
São João é milagroso  
Temos esclarecimento  
E será ele o padrinho  
Dêste feliz casamento

E eu vim só lhe buscar  
Para assistir o festim  
No dia de São João  
Na ilha do Bom Jardim  
Na véspera estão preparando  
Tudo esperando por mim

Então no dia marcado  
Foi chegando o Rei Crispim  
Levando sua consorte  
para assistir o festim  
Do príncipe com a princesa  
Da ilha do Bom Jardim

Dêste dia para o outro  
Chegou gente em demasia  
Poetas de toda parte  
Recitando poesia  
Louvando a noiva e o noivo  
Um e outro assim dizia

Viva a princesa Lindalva  
Que amou desde menina  
Com cinco anos de idade  
Era muito pequenina  
Quando apareceu em sonho  
O amor de sua sina

Dou viva ao Rei Facundo  
E sua esposa Benvinda  
Pai e mãe desta princesa  
Lindalva que chamam Linda  
Que bonita como ela  
Ninguém tinha visto ainda

Viva o Sr. São João  
Que todo o povo festeja  
Tudo em roda de fogueira  
Onde um e outro graceja  
Que chegou aquela data  
Que a moçada deseja

Naquela data fagueira  
Ficou gravada em memória  
Os poetas recitaram  
E alcançaram vitória  
Moisés que lá estava  
Escreveu esta história

E se acharem ruim  
Desculpem por caridade  
Que todos poetas erram  
Esta é que é verdade  
E eu que não tive estudo  
Com especialidade

Me comprem um livro dêste  
Para ajudar a Moisés  
Que não anda bem vestido  
E sem sapato nos pés  
Compre e espere que Deus  
Aumentará seus anéis

Aqui termino leitores  
A história teve fim  
Nasceu de meu pensamento  
Por isso escrevi assim  
Se encontrarem algum erro  
Queiram desculpar a mim

Aqui termino a história  
Da princesa encantadoura  
A musa da poesia  
Com sua mão vencedoura  
Ajudaram ao poeta  
Moisés Matias de Moura





**AMOR DE MAIS TAMBEM MATA  
COMO MATOU NISA FELIX RODRIGUES**

Nessa historia a gente vê  
que amôr de mais tambem mata  
como matou Niza Felix  
que nessa historia delata  
provando que seu amôr  
nem com a morte se gasta.

Na serra de Baturité  
mesmo no Sítio Limeira  
deu-se uma sena de amôres  
nunca vi desta maneira  
de todas senas de amôres  
como esta foi a primeira.

O amôr tem tanta força  
que mata e ninguem não sente  
como matou Niza Felix  
que agora faço ciênte  
com pena de amôr  
morreu estantanhamente.

Éla amava Antonio Amancio  
um jovem trabalhador  
e nesse Sítio Limeira  
éra administrador  
do nobre senhor João Lopes  
no seu sítio morador.

Então o senhor João Lopes  
de Antonio Amancio gostava  
basta que todo serviço  
a Antonio Amancio entregava  
éra o trabalhador  
que o velho mais confiava.

Amôr de mais também mata  
vejam o que se passou  
com uma distinta môça  
Antonio Amancio noivou  
vou contar o casamento  
como se realizou.

Os padrastos de Amancio  
moravam em Caridade  
distrito de Canindé  
a terra da santidade  
a onde se vê todo ano  
bonita festividade.

E sua querida noiva  
tambem morava pertinho  
dos padrastos de Amancio  
sua Niza éra vizinho  
a qual os pais de Amancio  
li amava com carinho.

No ano de quarenta e cinco  
Antonio Amancio escreveu  
uma carta a sua amante  
quando éla recebeu  
ficou naquele momento  
satisfeita quando lêu.

Dizia a carta ou querida  
com satisfação te digo  
que agora a semana santa  
eu irei passar contigo  
em casa de meus padraustos  
por estes dias me abrigo.

Os padraustos de Amancio  
éram Manoel e Chicuta  
morava perto de Niza  
eram vizinhos de luta  
e ambos ali traçavam  
amizade absoluta.

Niza recebeu a carta  
que o noivo mandou a éla  
dizendo que a semana santa  
vinha para passar com éla  
e tomar a bença a seus pais  
fazendo uma ação tão bela.

Manoel Amancio e Chicuta  
éram pai mãe adotivo  
deste jovem Antonio Amancio  
moço nobre e positivo  
que por causa deste amôr  
deixou os pais pensativo.

Emfim ficaram esperando  
sempre olhando para o trilho  
pois Niza queria vêr  
seu amôr de tanto brilho  
e Manoel e Chicuta  
desejando vêr o filho.

Até que chegou o dia  
alegria foi tanta  
isto foi na terça-feira  
da mesma semana santa  
chegou o dito rapaz  
o povo quase se espanta.

Não foi direto a morada  
de sua querida amante  
ficou na caza dos pais  
a dela éra mais distante  
depois então hia vêr  
a sua jovem élegante.

No maior prazer da vida  
os pais lhe abensôou  
e para vêr o rapaz  
muita gente ali chegou  
com estas nobres vizitas  
muito o rapaz se alegrou.

Antonio Amancio sorrindo  
tirou os sapatos fóra  
e disse quero tirar  
uma purga sem demora  
que entrou aqui no dedo  
vou arrancar nesta hora.

Depreça tirou a purga  
que encomodando vinha  
e depreça retirou-se  
para uma casa vizinha  
que na qual casa morava  
uma querida irmanzinha.

A casa éra pertinho  
mas devido o aguasseiro  
o caminho éra ruim  
devido muito lameiro  
o rapaz passou descalço  
adoeceu foi ligeiro.

Comprimentou a irmã  
a qual déla estava auzente  
e disse vou voltar logo  
porque me acho doente  
tirei agora uma purga  
sinto meu corpo dormente.

E voltou a toda preça  
com o semblante mudado  
como que já vinha morto  
todo desfigurado  
tanto que o pessoal  
ficaram ali espantado.

Perguntaram está doente?  
Amancio então respondeu  
que tirou aquela purga  
pizou nagua adoeceu  
vão dizer a minha noiva  
que o noivo déla morreu.

Isto foi na terça-feira  
da quela semana santa  
no outro dia seguinte  
a sua febre éra tanta  
o rapaz perdeu a fala  
enterrompeu a garganta.



Quando foi na quinta-feira  
a sua noiva esperava  
anciosa para vêr  
a quem tanto desejava  
quando chega um portador  
por esta forma falava.

Dona Niza vim aqui  
dar-lhe um grande desgosto  
mas peça a Deus que lhe dê  
paciencia e bom conforto  
porque deixei seu noivo  
já sem fala quase morto.

Meu senhor não diga isto  
o que é que o Antonio tem!  
disse o portador a éla  
a senhora ir lá convem  
disse éla vamos já  
sei que vou morrer tambem.

A môça saiu veixada  
não botou nem um enfeito  
chegando quase desmaia  
vendo seu noivo no leito  
gritou ó! meu bom Jesus  
que grande dôr no meu peito.

E ficou como uma louca  
lastimando sua sorte  
vendo seu noivo se acabando  
quase nas ancias da morte  
faltava poucos momentos  
para fazer seu transporte.

Então as sua colegas  
vendo aqueles tristes ais  
levaram éla de preça  
para casa de seus pais  
éla auzente de seu noivo  
podia resistir mais.

Caros apreciadores  
meu coração se delata  
para escrever essa historia  
verdadeira tão exata  
todos ficarão sabendo  
que amôr de mais tambem mata.

A môça chegou em casa  
seu pai ficou espantado  
vendo a filha quase louca  
fazia do seu estado  
dizendo sempre em voz alta  
Amancio está a meu lado.

O Sr. Raimundo Felix  
pai desta pobre donzela  
fazia todo impossivel  
para acalentar éla  
é impossivel existir  
outra cena igual aquela.

Porque a moça dizia  
Amancio está me chamando  
eu que ir com éle  
o tempo está se passando  
todos venham a meu enterro  
Amancio está me esperando.

Dona Eugenia Rodrigues  
madrasta desta menina  
dizia calma filhinha  
dos labios côr de bonina  
mas Niza Felix dizia  
só Amancio me domina.

No dia de quarta-feira  
Amancio se acabou  
as oito horas da noite  
o velho mundo deixou  
sexta-feira da paixão  
as 10 horas de enterrou.

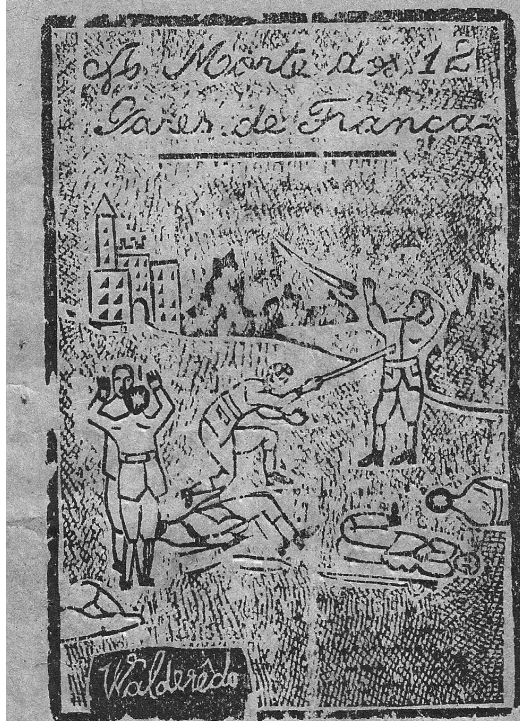
E Niza ficou nas ancias  
chamando Amancio a vontade  
morreu sabado de aleluia  
pelas seis da tarde  
foi atraz de seu amante  
cazou na eternidade.

Pode acreditar leitores  
que a força da amizade  
leva um a sepultura  
com toda sinceridade  
como está Niza Rodrigues  
sepultada em Caridade.

Disculpem caros leitores  
agora cheguei no fim  
pelos detalhes que li  
só pude escrever assim  
se encontrarem defeito  
não tenham queixa de mim.

Ninguém não ama de mais  
que morte é traidôura  
vejam que Niza morreu  
porque foi forte amadôura  
que fez a historia déla  
Moisés Matias de Moura.

Proprietaria: Viúva José Bernardo da Silva



## TRAIÇÕES DE GALALÃO E A MORTE DOS 12 PARES DE FRANÇA

Amigos caros leitores  
Dê-me um pouco de atenção  
Leiam essa minha história  
Com calma e meditação  
Verás que não é mentira  
Nem lenda de ilusão

Os leitores devem saber  
Das proezas de Roldão  
E de Oliveiros seu amigo  
Sabem os feitos então  
E também a falsidade  
Que lhes fez o Galalão

Eram todos cavalheiros  
De muito alto valor  
Roldão, Ricarte, Oliveiros  
Cada o mais batalhador  
Roldão sendo o mais querido  
De seu tio imperador

Galalão era um covarde  
Infame, vil, traioeiro  
Que se vendia aos outros  
Por muito pouco dinheiro  
Mas teve uma morte trágica  
Porque Deus é justiceiro

Nesse tempo o Imperador  
Estava mais descansado  
Seus reinos todos em paz  
Vivia mais sossegado  
E também os doze pares  
Vivendo junto a seu lado

Foi aí por esse tempo  
Que deu-se a fatalidade  
Carlos Magno se achava  
Bem perto de uma cidade  
De Saragoça chamada  
Naquela localidade

Habitava em Saragoça  
Dois irmãos reis coroados  
Eram dois turcos valentes  
Pelos seus feitos falados  
Carlos Magno quis fazer  
Deles cristãos batizados

Carlos Magno então disse:  
Vou uma embaixada mandar  
Para Narcirio e Belando  
E nela lhe declarar  
Que deixassem seus ídolos  
Para Jesus adorar

Então Carlos Magno fez  
Ali uma reunião  
E foi logo nomeado  
Para isso Galalão  
Pra levar a embaixada  
A Belando rei pagão

Partiu Galalão armado  
Com honra de embaixador  
Chegando em Saragoça  
Ao rei se apresentou  
E entregou-lhe a embaixada  
Que Carlos Magno mandou

Foi muito bem recebido  
Pois dos reis era o dever  
Os reis então perguntaram  
De Carlos Magno e os Pares  
Como era seu viver

Galalão contou direito  
Quem era o Imperador  
Os reis logo conheceram  
Qu'ele era traidor  
Pela sua fisionomia  
Viram que não tinha valor

Disseram um para o outro:  
-Ele é capaz de vileza  
Portanto;convém que nós  
Fale a ele com franqueza  
Carlos Magno e os 12 Pares  
Ele vende com certeza

Como de fato falaram  
Facilmente ele aceitou  
De entregar os cavaleiros  
E também o imperador  
Deram-lhe muita riqueza  
Muitas jóias de valor

Galalão disse ao rei  
Que seu exército preparasse  
E fosse para Roncesvalhes  
E por lá se ocultasse  
Que ele entregava os Pares  
Para que ele os matasse

O rei chamou Galalão  
Disse confiadamente  
Para levar a Carlos Magno  
Um muito rico presente  
Para assim eles poderem  
Pegar-lhe mais facilmente

Oh! Maldito Galalão  
Mau desafortunado homem  
Nascestes de sangue nobre  
    Avariza te consome  
    Sendo rico te vendeste  
Botando lama em teu nome!

Tu sendo um príncipe nobre  
    De tão alta distinção  
Foste escolhido entre todos  
    Para este fim então  
    Porém com tua baixeza  
    Usa da negra traição!

O Imperador confiando-te  
    Em levar a embaixada  
Não julgando que tu fosse  
    Uma alma desesperada  
    Vendendo o teu senhor  
E todos os teus camaradas

Se dos pares tinha queixa  
Porque eram bons guerreiros  
Por que então tu vendeste  
Os inocentes cavaleiros?  
    Tua pessoa demonstra  
Os teus gestos traiçoeiros

Cometestes contra Deus  
    A mais infame maldade  
De vender teus companheiros  
    Aos monstros sem piedade  
    Tu covarde, há de sentir  
    O pago disso mais tarde

Tu eras sempre traidor  
Em tudo o mais vagabundo  
    Vendeste o que valia mais  
Do que tudo neste mundo  
Botaste teus companheiros  
No abismo mais profundo

Por avariza vendeu Judas  
    A Jesus nosso Redentor  
    Por avariza foi Adão  
Desobediente ao Criador  
    Por avariza vendeu  
    Galalão o seu senhor

Então nesse mesmo dia  
    Regressara Galalão  
Chegando a Carlos Magno  
    Contou a sua intenção  
Disse que os reis queriam  
    Se batizar e ser cristão

Entregou-lhe os presentes  
Que os reis tinham mandado  
Carlos Magno recebeu  
Ficando muito obrigado  
E repartiu os presentes  
Com todos do seu reinado

Depois disto os cavaleiros  
Pra Roncesvalhes partiram  
Levando cinco mil homens  
E sem demora seguiram  
Carlos Magno indo atyrás  
Porém os Pares não viram

Estavam os 2 reis turcos  
Com noventa mil guerreiros  
Então deixaram entrar  
Todos 12 cavaleiros  
E fizeram-lhe um cerco  
A seus modos traiçoeiros

Então todos cavaleiros  
Começaram a batalhar  
Era tanta mortandade  
Que fazia admirar  
Os cristãos muito cansados  
Trataram em se retirar

Estando todos cristãos  
Retirados do inimigo  
Viram outro exército turco  
Conheceram o perigo  
Roldão então se juntou  
Com Oliveiros seu amigo

Roldão tocou a corneta  
Pensando que avisava  
A seu tio Carlos Magno  
Que muito longe estava  
Deus fez qu'ele não ouvisse  
Pois da glória lhe chamava

Deus quis lhe dar a coroa  
Lá na bemaventurança  
Elos trabalhos que fez  
Era esta a sua herança  
Pois era um dos mais temidos  
Dos 12 Pares de França

Pôs Roldão logo os seus  
Em ordem bem prevenidos  
E investiram aos turcos  
Como lobos enfurecidos  
E os turcos entraram no combate  
Com grandes vozes e alaridos

Roldão disse a seus amigos  
Que sem receio de morrer  
Entrassem todos na luta  
Deus havia de os socorrer  
E entrou pela direita  
Como adiante vamos ver

Então a segunda vez  
Roldão ainda tocou  
Encomendando-lhe a Deus  
Na horrenda batalha entrou  
Com tanta força e coragem  
Que seis mil turcos matou

Chegaram vinte mil turcos  
Com desesperos fatais  
Acometeram os cristãos  
Que já não podiam mais  
Roldão saindo ferido  
Com quatro feridas mortais

Cem cavalheiros cristãos  
Entraram ali sem temer  
Roldão avistando eles  
Julgou que podia ser  
Carlos Magno com seu povo  
Que vinha lhe socorrer

E com este pensamento  
Na batalha se meteu  
Logo no primeiro encontro  
Seus cavalheiros perdeu  
Escapando apenas dois  
Que na luta não morreu

Um era o duque Trietre  
Cavalheiro de atenção  
O outro era Valdivino  
Que era irmão de Roldão  
Estavam todos feridos  
Sem acharem remissão

Vendo Roldão a derrota  
Começou a exclamar:  
Oh! Carlos Magno onde estais  
Que não vem nos ajudar?  
Deixa-me então desprezado  
Sem seu auxílio me dar?!

Roldão ali conhecendo  
Que havia de morrer  
Pois Carlos Magno e os outros  
Não lhe vinham socorrer  
Perdendo a esperança  
De seus companheiros ver



E desejando vingar-se  
Daquela fatalidade  
Pegou um turco e lhe disse:  
Monstro vil sem piedade  
Ou mostra-me o rei Marcírio  
Ou eu te mato, covarde

Então o turco lhe disse  
Mostrando grande terror:  
Vês aquele cavalheiro  
Que aqui te mostrando estou?  
É ele o rei Marcírio  
Que a todos vocês comprou

Ele foi quem deu riqueza  
A um teu embaixador  
Que se chama Galalão...  
Aí Roldão suspirou  
E se foi então para o rei  
Que o turco lhe mostrou

Beijando a cruz da espada  
Cobriu-se com seu escudo  
Entrou pelo meio dos turcos  
Ia derribando tudo  
Encontrou o rei Marcírio  
Que ele olhou bem sizudo

Roldão deu um golpe nele  
Que abriu até a cintura  
Os turcos criaram medo  
E horror a esta bravura  
Que partiram para longe  
Temendo a desventura

Roldão saiu na batalha  
Já muito desfigurado  
Deitou-se ao pé duma penha  
De dores atormentado  
E ali ele seria  
Depressa por Deus chamado

O imperador Carlos Magno  
De nada disso sabia  
O traidor Galalão  
Com ele se divertia  
Jogando o jogo das tabulas  
Em riso se desfazia

O rei Marcírio com medo  
Que Carlos Magno chegasse  
Junto com seu exército  
Para daquilo vingar-se  
Partiu para Saragoça  
Onde pôde ocultar-se

Estando Roldão ferido  
Já no último de sua vida  
Das mortes de seus amigos  
Sua alma estava sentida  
Sentia mais que da sua  
Pois que estava perdida

Consolava-se em morrer  
Na santa fé de Jesus  
Que por nós ele morreu  
Crucificado na cruz  
E pedia ao Criador  
Que lhe mostrasse uma luz

Tinha pena de se ver  
Só na sua última hora  
Num monte desamparado  
Dos seus amigos de outrora  
Carlos Magno o seu tio  
Onde é que estava agora?

Dava infinitas graças  
A Deus nosso Criador  
Pois um dia antes disso  
Ele se sacramentou  
Pois era esse o costume  
Dos Pares do Imperador

Pedia perdão a Jesus  
Dizendo: Pai amoroso  
Perdoai os meus pecados  
Dá-me o eterno repouso  
Guiai-me pra vosso reino  
Meu Jesus, rei poderoso!

Começou logo a dizer:  
- Senhor Deus meu Criador  
Filho da Mãe gloriosa  
Vós sabe, meu Redentor  
De todos os meus pecados  
Perdoai-me ó Senhor!

Assim te rogo, ó meu Deus  
Que meus rogos e pecados  
Sejam por ti, ó meu Pai  
Todos eles perdoados  
Para que vós me coloque  
Entre os bemaventurados!

Senhor vês de lá da glória  
Me dás arrependimento  
Qu'eu tenha de meus pecados  
Já no último momento  
Desprezado neste bosque  
Que encerra meu sofrimento!

Vós Senhor és poderoso  
Livrai-me da perdição  
Me olhe como olhaste  
Na cruz o Bom Ladrão  
Perdoia-me os pecados  
Por vossa santa paixão!

Se pôs e ver sua espada  
Por esta forma exclamou:  
Oh! Espada Duridana  
Aço de grande valor  
Como tu em todo mundo  
Não existe superior!

Grande esforço me davas  
Quando estavas a meu lado  
Comigo muitos arnezes  
Eu tenho despedaçado  
E o mais duro capacete  
Contigo eu tenho cortado!

Contigo eu tenho morto  
Grande número de traidor  
Nunca jamais me faltaste  
Com teu esplêndido valor  
Contigo tenho defendido  
A lei do meu Criador!

Oh! Quanto temor e medo  
Tinham os turcos em te ver  
Tremiam os infieis  
Não usavam aparecer  
Diante da minha pessoa  
Para me contrafazer!

Contigo tenho defendido  
A fé do meu Criador  
Ao qual peço humildemente  
Poe seu infinito valor  
Que te logre algum cristão  
Seja teu possuidor

Disse tornando a falar  
Com sua espada querida:  
Grande dor e sofrimento  
Tenho eu desta partida  
De deixar-te, oh!boa espada  
Neste deserto perdida!

E pegando a espada  
Apertou-a nos seus braços  
Dizendo:quero fazer-te  
Aqui toda em pedaços  
Para que turco contigo  
Aos cristãos cause embaraços

Então ali levantou-se  
Cheio de dor cruciante  
E pegando a espada  
Dando dois passos avante  
Dando com ela na penha  
Mas o aço era constante

Fez na penha grande estrago  
Sem o menor resultado  
Porque a espada Duridana  
Era dum aço temperado  
Não teve o mínimo perigo  
Nem seu gume foi cortado

Vendo Roldão qu'era asneira  
Que a espada não quebrava  
Tomou a sua corneta  
Para ver se avisava  
Aos cristãos que pelos montes  
Dos turcos se ocultavam

E tangendo-se duas vezes  
Com a força que lhe restava  
E na segunda se abriram  
As feridas que lhe matava  
E ficando tão prostrado  
Que grande lástima causava

Então a terceira vez  
Ainda tocou Roldão  
E Carlos Magno ouvia  
E bateu-lhe o coração  
Estava no jogo das tabulas  
Jogando com Galalão

Carlos Magno conheceu  
Que quem tocava era Roldão  
E querendo lhe acudir  
Mas lhe disse Galalão:  
Senhor, Roldão sem dúvida  
Talvez ande em distração

Carlos Magno lhe deu crédito  
E recomeçou a jogar  
Com o traidor que com riso  
Punha-se a disfarçar  
Contanto que Carlos Magno  
Não viesse a desconfiar

E estando já Roldão  
No último de sua vida  
Chegou então Valdivino  
Com muita lágrima sentida  
Abraçou-se com Roldão  
Era a última despedida

Roldão disse a Valdivino  
Quase sem poder falar:  
Busca-me um pouco d'água  
Para esta sede acalmar  
E depois se houver ttempo  
Procura então me tratar

Valdivino saiu logo  
Ver se água encontrava  
E correndo todo monte  
Mas nem uma fonte achava  
E pra junto de Roldão  
Muito ligeiro voltava

Quando chegou encontrou  
Roldão já se ultimando  
Então pegou um cavalo  
E como quem ia voando  
Foi dar parte a Carlos Magno  
Que inda estava jogando

Logo chegou Trietre  
Aonde estava Roldão  
E querendo lhe falar  
Mas lhe faltou animação  
E caíndo de joelhos  
Junto de seu capitão

Quando Roldão viu Trietre  
Têve uma consolação  
E perguntou-lhe: a quem olhas?  
Não é este o Roldão  
O teu fiel companheiro  
Oh! Tende de mim compaixão

Não é este quem vencia  
Os mais ferozes gigantes?  
Não é este que nas lutas  
Levava batalhas suantes  
E defendia os cristãos  
Dos turcos repugnantes?

Não é este que nas batalhas  
Dos mais ferozes inimigos  
Vencia os traidores  
Junto com os seus amigos?  
Não é este o Roldão sem sorte  
Enfrentador dos perigos?

Não é este que defendia  
A lei do nosso Criador?  
E nenhum perigo temia  
Em se tornar matador!  
Em matar os que queriam  
Ofender o Imperador!

É esse o homem que  
Não pôde conhecer ventura  
E só viu a negra sorte  
Que lhe foi fatal e dura  
E o fim de sua vida  
Só foi repleta de agrura!

Pois foi tanta a sua desgraça  
Que não somente privou  
Da companhia dos seus  
E do seu bondoso senhor  
Agora na última hora  
A sorte lhe desprezou!

Não são estes os braços que  
As grossas lanças quebravam?  
Não são estas as mãos que  
Os mais fortes golpes davam  
Que os arnezes e duros elmos  
Tudo se espedaçavam?

Tomando a espada disse:  
Oh! Minha boa companheira!  
Firme espada Duridana  
Não nego, és a primeira...  
E abraçou-se com ela  
Ma sua hora derradeira

Trietre que presenciava  
O espetáculo lastimoso  
Ouvindo as lamentações  
Ficava mais pesaroso  
Não podia suster as lágrimas  
Naquele ato pesaroso

Trietre chegou pra perto  
Para desarmar Roldão  
E desabotoando a farda  
Mas fazia compaixão  
Então tornou a fechá-la  
Com a maior precaução

Roldão tornando a si  
A Jesus pediu perdão  
Então pediu a Trietre  
Que o ouvisse em confissão  
Ele fez muito contrito  
De todo seu coração

E pôs a mão na espada  
Olhando ao céu exclamou:  
*Et in carne mea vide bom Deum*  
Que diz: verrei meu Salvador  
*Salvatorum meum;*  
Olhai-me meu Redentor!

Pondo as mãos sobre os olhos  
Disse com muito prazer:  
*Et oculi mal compecturi sunt*  
Que diz: meus olhos hão de ver  
A Jesus meu Criador  
Com ele hei de morrer

E fazendo 1 supremo esforço  
Morreu o herói do mundo  
O homem que em coragem  
Não encontrou um segundo  
Deixando então Carlos Magno  
No negro viver profundo

Leitores, eu vou agora  
Fazer outra descrição  
Do arcebispo Turpim  
O qual viu uma visão  
Estando dizendo a missa  
Quando morria Roldão

Era o arcebispo Turpim  
Um homem de santa vida  
Estando dizendo a missa  
A Maria Concebida  
Ouviu uma suave música  
E uma voz terna e querida

Eram os anjos que cantavam  
Com muita satisfação  
Vinham mandados por Deus  
Cumprirem aquela missão  
E dar parte a Turpim  
Dizendo: morreu Roldão

O arcebispo Turpim  
Ao saber do ocorrido  
Correu e a Carlos Magno  
Contou-lhe que tinha ouvido  
Os anjos anunciando  
Que Roldão tinha morrido

E estando nestas práticas  
Valdivino então chegou  
Arrancando os cabelos  
Em voz alta exclamou:  
Dizendo: morreu Roldão!  
E para a penha apontou

E os outros cavaleiros  
Que com ele tinham ido  
Tinham perecido todos  
Ele pois, tinha saído  
Só com o duque Trietre  
Que havia se escapulido

O exército de Carlos Magno  
Sabendo do acontecimento  
Choravam como crianças  
E com puro sentimento  
Se puseram a caminho  
Era grande o sofrimento

Carlos Magno foi o primeiro  
Que chegou onde ele estava  
Vendo ali morto Roldão  
Em soluços se afogava  
E prostrando-se por terra  
Como quem se desmaiava

Tornando, recomeçou  
A chorar e a dizer:  
-Roldão, meu caro Roldão!  
Foi eu quem te fiz morrer!  
Em mandar-te para a guerra  
E não ter vindo socorrer

Oh! Meu amado sobrinho  
Braços que não se curvava  
Semelhante a Macabeu  
Em proezas não te igualava  
Honra de todos os franceses  
Homem que todos amava!

Quantas dores e sentimentos  
Tu me deixa nesta vida  
Eras o herói do mundo  
Em proezas desmedida  
Eras o defensor do mundo  
De nossa Mãe Concebida!

Tu eras o defensor  
De toda humanidade  
Era o amparo dos órfãos  
Guia pura da verdade  
Coluna forte da Igreja  
Alma da honestidade

Tu eras a alma mais nobre  
Que o mundo já criou  
Guia dos desaventurados  
Tu eras o defensor  
Da santa lei de Jesus  
E da fé alentador!

Ah! Desgraçado de mim  
Que te trouxe a morrer  
Nestes lugares selvagens  
E não vim te socorrer!  
Oh! Quanto sofrer encerra  
No meu infeliz viver!



Oh! Meu amado Roldão  
Se eu tivesse sabido  
Do perigo em que te achavas  
Eu tinha te socorrido  
Embora que na batalha  
Também tivesse morrido!

Para mim seria a glória  
Em morrer junto ao teu lado  
Porém o fatal destino  
Nos faz disto separados  
Deixou-me chio de dores  
E de mágoas desolado!

Oh! Meu especial cavalheiro  
Tua morte deixou-me triste  
Para que hoje viver  
Com dores que não resiste?  
Sem ti meu caro Roldão  
Jamais a vida persiste!

Ah! Triste assim o que farei?  
Ah! Velho desconchado  
Perdi o meu braço forte  
Fiquei então desarmado  
Talvez agora os turcos  
Sejam de tudo vingados!

Tu estás na santa glória  
Oh! Meu amigo Roldão  
E me deixas no abandono  
De tua separação  
Neste defectível mundo  
Sem ter mais consolação!

Eu ficarei cá na terra  
Que é o vale da tribulação  
E tu ganhaste o céu  
Pois tinhas um bom coração  
Jesus te perdoará  
Pela sua santa paixão!

Estão tristes os cristãos  
E Deus bastante gostoso  
Por ver-te na sua glória  
Junto ao Pai poderoso  
Tu receberás um trono  
Junto a Jesus glorioso!

A Deus peço com fervor  
Por sua santa paixão  
Que te queira perdoar  
E dar-te a salvação  
Pois tu na terra cumpriste  
A vossa santa missão!

Os anjos roguem a Deus  
Por tua felicidade  
Os mártires invoquem e clamem  
A divina majestade  
Para ele conceder-te  
A suprema eternidade!

Vais que aqui ficarei  
Sofrendo a desilusão  
Nunca mais tenho descanso  
Na minha atribulação  
E tu vais pr'a glória eterna  
Receber o galardão!

Os dias que eu viver  
Neste miserável vida  
Gastarei-os em contínuo  
A chorar tua partida  
Talvez que breve também  
Eu termine a minha lida

Carlos Magno dizendo estas  
E outras muitas razões  
Que fazia penalizar  
A todos os corações  
Da gente do seu exército  
Que estava em lamentações

Então todas as barracas  
Ele mandou levantar  
E fazer grandes fogueiras  
Para a Roldão vigiar  
E no outro dia cedinho  
O seu corpo embalsamar

Leitores, retrocedamos  
Vamos uma pausa fazer  
Vou descansar um pouquinho  
Para poder descrever  
Os outros acontecimentos  
Como todos irão ver

Logo que a manhã surgiu  
Era grande a ansiedade  
De Carlos Magno e dos outros  
Que com muita atividade  
Foram correr todo campo  
Era grande a mortandade

Então Carlos Magno disse  
Para melhor se vingar  
Que pegassem Galalão  
E num pau fossem amarrar  
Para no dia seguinte  
Sua morte executar

Acharam o nobre Oliveiros  
Numa árvore pendurado  
Dos dedos das mãos aos pés  
Estava todo esfolado  
Com 12 lanças metidas  
No seu corpo inanimado

Logo então se renovou  
O choro e o sentimento  
Carlos Magno esse estava  
Em grande desolamento  
Eram tristíssimas as cenas  
Daquele acontecimento

Carlos Magno teve ali  
Tanta lástima de Oliveiros  
Que fez juramento a Deus  
De matar o traiçoeiro  
E dos reis de Saragoça  
Ia atrás do paradeiro

Disse: embora que eu perca  
Com os turcos minha vida  
Estas mortes dos meus pares  
Por força há de ser punida  
Irei exterminar a todos  
Juro por Mãe Concebida

E logo o Imperador  
Soube onde eles estavam  
Às margens do Rio Ebro  
Pois ali se acampavam  
Carlos Magno saiu pra lá  
Todos dispostos avançavam

Pôs logo seus combatentes  
Em ordem bem prevenidos  
Foram d'encontro aos turcos  
Com talentos desmedidos  
Que mataram sete mil  
E o resto foram feridos

Vendo o rei Carlos Magno  
Que tinha mui pouca gente  
E não podia seguir  
Com eles mais para frente  
Voltou para Roncesvalhes  
Mui desconsoladamente

E logo o rei Carlos Magno  
A sua gente examinou  
Para saber da traição  
Trietre então lhe falou  
Dizendo a Carlos Magno  
O que o turco lhe contou

Especialmente se soube  
Quem fez a trágica traição  
    Trietre disse que foi  
    O desalmado Galalão  
E que não tendo escrúpulo  
Usou pior do que um vilão

Então o rei Carlos Magno  
Ficou muito indignado  
Seu corpo tremia todo  
Em olhar o desgraçado  
E às dez horas da noite  
Galalão foi condenado

Quatro ferozes cavalos  
Carlos Magno mandou buscar  
    E pegaram o Galalão  
    E nenês foram amarrar  
Em cada cavalo um membro  
    Era para estraçalhar

Então os quatro cavalos  
Partiram em velocidade  
    E do infame Galalão  
Cada um levou a metade  
Era o fim do desgraçado  
    Que usou da falsidade

Depois que Carlos Magno  
    Deu cabo ao traidor  
Foram juntar os mortos  
    E ali mesmo sepultou  
    E o corpo de Roldão  
Carlos Magno embalsamou

    O Imperador fez levar  
    Logo o corpo de Roldão  
Com honra, em umas andilhas  
    À Igreja de São Romão  
    Para lá dizer uma missa  
    Por sua dedicação

Em cima da seulptura  
    Ele botou sua espada  
    A seus pés sua corneta  
Pois de Roldão era amada  
    E fez ali uma igreja  
    Em seu nome batizada

Em Bordéus foram enterrados  
    O grande e nobre Oliveiros  
    Guardeboa, rei de Friza  
    E mais outros cavalheiros  
    O grande Urgel de Dano  
Com todos seus companheiros

Em Arles foram enterrados  
Guarim, Duque de Lorena,  
Gui de Borgonha e Ricarte  
Pois todos sofreram a pena,  
Foi estes os acontecimentos  
Daquela horrorosa cena

Morreram todos os pares  
Assim neste sofrimento  
Rei Carlos Magno ficou  
Consternado em sofrimento  
O Imperador não esperava  
Ser tão grande seu tormento

Sem mais agora peço  
A todos pra desculpar  
Minha história sem arte  
Para não a criticar  
As rimas são simplesmente  
Inspiração competente  
Onde quer que vá achar?





Moisés Matias de Moura  
**PELEJA DE**  
**Moisés Matias de Moura**



**COM**  
**ANTONIO COSMO DA SILVA**

PREÇO . . . . . Cr\$ 0,80 (oitenta centavos)

**PELEJA DE MOISÉS MATIAS DE MOURA  
COM ANTÔNIO COSMO DA SILVA**

Eu estava na praça da Bandeira  
A espera de caminhão  
Para seguir para o cocorote  
Cumprir minha obrigação  
Quando veio Moisés Matias de Moura  
Tomar minha direção.

Eu vali-me de Jesus  
De S. Marcos e S. Vicente  
Desse: Maria Santíssima  
Valei-me dessa serpente  
Visto ele, cumprimentou-me  
Com este verso de frente

Amigo Antônio Cosmo  
Sorrindo dou-te bom dia  
Ouvi dizer que o amigo  
É terror da poesia  
Desta sua competência  
Eu ainda não sabia.

A.C. – Meu amigo Moisés  
Quero que me dê perdão  
Não conheço poesia  
Vou explicar a razão  
Fazer conserto na base  
É a minha profissão

M. – Amigo Antônio Cosmo  
Não precisa me enganar  
Eu já li trabalho seu  
E pude retificar  
Que você é bom poeta  
E sabe o que é rimar.

A.C. – Moisés eu sou empregado na base  
Você está enganado  
Mas vejo que o amigo  
Quer me fazer obrigado  
Vou dizer-lhe que sou bom  
E rico por qualquer lado

M. – Agora estou satisfeito  
Porque falasse a verdade  
Diga-me qual foi o poeta  
De maior capacidade  
Primeiro que veio ao mundo  
Na remota antiguidade.

A.C. – Este homem foi Umêro  
O terror da poesia  
O maior poeta grego  
Na letra e sabedoria  
Preparado na ciência  
Forte na filosofia.



M. – Respondeu-me muito bem  
Porém se não se engana  
Me digas qual foi a causa  
Daquela luta tirana  
Entre o povo de Esparta  
E a família troiana.

A.C. – Foi por causa de Paris  
Que na Esparta chegou  
Avistando Dona Elena  
Por ela se embelezou  
E devido esta rainha  
A guerra principiou.

M. – E este dita rainha  
Não possuía marido  
Que se iludiu com um rapaz  
De lugar desconhecido  
E o pai deste rapaz  
Nem era homem temido.

A.C. – O pai dele era Priamo  
Um rei de muito conceito  
A marido da rainha  
Minilau um rei direito  
Mas quando a mulher é doida  
Nem o diabo dar jeito.

M. – Apoiado seu Antônio  
Gostei de sua saída  
Esta guerra durou muito  
Nesta batalha renhida  
E qual das duas cidadeds  
Que no fim, saiu vencida.

A.C. – Ora Moisés foi Tróia  
Que teve a sorte minguada  
A pobre raça troiana  
De uma vez foi liquidada  
Priamo foi degolado  
E a cidade encendiada.

M. – Antônio Cosmo diga-me  
Se tudo perdeu a glória  
Acabaram a cidade  
Ali não houve vitória  
Não ficou um só troiano  
Para contar a história.

A.C. – Ficou justamente Enéias  
Filho do governador  
Este abandonando Tróia  
Para se livrar do terror  
Emigrou para a Itália  
Com toda honra valor.

M. – Antônio Cosmo você  
É um poeta Cortez  
Mas ainda quero que diga-me  
Se souber por sua vez  
Enéias lá na Itália  
O que foi que ele fez.

A.C. – Ora, ele chegando lá  
Teve ordem soberana  
Fez-se amigo de um monarca  
Rei de uma grande fama  
Casou-se com uma filha dele  
E ficou na terra romana.

M. – Antônio você é bom  
Mas queira me interrogar  
Tudo que você souber  
Pode hoje me perguntar  
Porque para isso eu sou bom  
No céu, na terra e no mar.

A. C. – Moisés eu lhe pergunto  
Começando do além  
Me diga quantas estrelas  
Que luz na terra vem  
Se são feitas só de luz  
Ou dentro delas o que tem?

M. – Antônio as estrela tem  
Os seus focos consagrados  
Mas são estrelas no mundo  
Assim diz os estudados  
São mundos além dos mundos  
Por muita gente habitadas.

A.C. – sendo assim nosso mundo  
É uma estrada também  
Será que daqui para baixo  
Tenha mundo muito além  
E o livro deste estudo  
De onde será que vem?

M. – justamente aqui para baixo  
Tem horror de regiões  
Assim como tem para cima  
Que não se conta os milhões  
Pra baixo também tem mundos  
Com diferentes nações.

A.C. – Justamente Moisés Matias  
Você tem muito valor  
A sua ponta de língua  
Emita a de um doutor  
Mas o livro que trata isto  
Qual foi o seu escritor?

M. – O livro que trata disto  
Tem um talento profundo  
Feito por Flamarion  
Francês astrônomo fecundo  
Que nos estudos dos astros  
Foi ele o maior do mundo.

A.C. – Moisés nestes mundos  
Também tem civilidade  
Governo e religião  
Política e rivalidade  
Ou vive tudo atrasado  
Fora da sociedade.

M. – Tem grande civilidade  
São mundos adiantados  
Neles tem destas as leis  
Governos disciplinados  
Nosso mundo para eles  
É um dos mais atrasados.

A.C. – Moisés eu já conheço  
Sua volta é enjoada  
Vou perguntar-lhe sobre a terra  
Uma pergunta pesada  
Esta terra que se pisa  
Como ela foi formada.

M. – Formose uma grande massa  
Cheia de eletricidade  
Partes quentes e partes frias  
Com grande rivalidade  
E deste contam, que veio  
A originalidade.

A.C. – Desta vez por certo a terra  
Deu logo seu andamento  
Mas terra terá sido  
Enchuta em seu crescimento  
Não teve água nem gases  
Para seu desenvolvimento.

Ora desde da primeira ruga  
Água se fez crescente  
De gases quenturas e ventos  
Foi coberta de repente  
Tanto que depois ficou  
Água e quentura sómente.

A.C. – Moisés falasses bem  
Mais eu quero outra ainda  
Não se aborreça comigo  
Nesta história comprida  
Esta água, esta quentura  
Ficou ali toda vida.

Não senhor Antônio Cosmo  
Tudo desapareceu  
Para as regiões mais baixa  
Toda esta água pendeu  
E quase toda quentura  
Da costa se suspendeu.

A.C. – a terra ficou enchuta  
Isto foi uma verdade  
Mas eu lhe pergunto agora  
Se desde a antiguidade  
Até o tempo presente  
Se foi uma só idade.

Não senhor são 5 idade  
Começou pela primária  
Houve um tempo sercunção  
Outra idade secundária  
Outra chamada terceira  
E outra quartenária.

A.C. – Moisés você diga-me  
Se conhece a tradição  
Diga-me se na terça idade  
Houve alguma geração  
Isto é bem entendido  
Muito antes de Adão.

Ora antes de Adão  
Gente na terra não habitou  
Na idade terceira  
O mundo se prolongou  
Porém ninguém sabe os séculos  
Que esta fase durou.

A.C. – Moisés você diga-me  
Outra coisa diferente  
Desde a criação do homem  
Que se diz antigamente  
Até os dias de hoje  
É uma idade somente?

Não. São 7 idades  
Assim diz as professias  
Desde que Deus fez o homem  
Com poder e garantias  
Já completou esta idade  
Até hoje em nossos dias.

A.C. – Moisés eu vou embora  
Que os americanos já devem  
estarem zangados  
Você há de compreender  
Pois sabe que sou empregado  
Ficará para outro dia  
Quando estiver descansado.



## A INUDAÇÃO DO DIA 5 DE MAIO DE 1949

A inudação do dia  
5 de maio de 1949  
Pelo historiador brasileiro  
Moisés Matias de Moura  
Preço 2,00 cruzeiros  
E é barato.

Leia a grande inudação  
Do dia 5 de maio  
Prometi escrevêr  
Sou poéta que não falo  
E para escrevêr repente  
Sou ligeiro como um raio.

O que aqui escrevi  
É uma pura verdade  
Faça de conta que viram  
Esta grande novidade  
Nunca menti em repente  
Que não há necessidade.

Não sei como algum profeta  
Que tem por ahi a fora  
Que profetiza mentira  
Pude descobrir agora  
Para falar a verdade  
Não tem um que vá na hora.

Porque não profetizaram  
Que esse deluvio hia haver  
No dia 5 de maio  
Muito havia de chuvêr  
Para ficarmos ciênte  
Do que hia aconteçer.

Só dizem burralidade  
Que ao pobre atrapalha  
Dizendo não há inverno  
E o pobre não trabalha  
Depois chega tanta chuva  
Que ao pobre disagazalha.

Como agora em Fortaleza  
Ficaram dessombriadas  
150 famílias  
Na chuva desabrigadas  
Que pelo nosso governo  
Foram depois amparadas.

Muitos estavam dormindo  
Quando a casa cahia  
Dormindo mesmo ficava  
Com a sua companhia  
E o vizinho comêdo  
Socorrerem lá não hia.

Muitas crianças morreram  
Por dibaixo das parêdes  
Quando as mães hia buscar  
Achava frias nas rêdes  
Os pretinhos estavam brancos  
E os brancos estavam vêrdes.

Seis açudes arrombaram  
Dando grande prejuízo  
Levando na correnteza  
Homem e mulheres sem rizo  
Puderão sêr encontrados  
Se fôr dia de Juízo.

Tem casas em Fortaleza  
Com 4 e 5 famílias  
Por Deus que ainda temos  
Um prefeito de valia  
Se condueu da pobreza  
Com o governo auxilia.

Uma grande hospedaria  
Que existe em fortaleza  
Feita por Getulio Varga  
Para abrigo da pobreza  
Estava feixada abriram  
É muita delicadeza.

De forma que por em quanto  
Vive as famílias amparadas  
Mas coitadas estão sujeitas  
Sem as casas de moradas  
Apelam para o prefeito!  
Suas cazas remontadas.

Creio que o Dr. Acrísio  
Remontará com certeza  
Porque até o presente  
Foi o único em Fortaleza  
Que nunca se aborreceu  
De proteger a pobreza.

Foi êle o numero um  
Prefeito de Fortaleza  
Que tem feito o impossível  
Para amparar a pobreza  
Não si aborrece com nada  
É muita delicadeza.

Ainda não fêz os gostos  
De toda população  
Que também é impossível  
Devem prestar atenção  
Que encontrou arrombado  
Todos cofres da nação.

Porem está trabalhando  
Com inteira atividade  
Fazendo melhoramento  
Pelos bairros da cidade  
Por isto é que hoje em dias  
Temos transporte a vontade.

As lavadeiras de roupas  
Já melhoraram de sorte  
Carregavam na cabeça  
Um sofrimento de morte  
Hoje estão aliviadas  
Porque não falta transporte.

De primeiro coitadinhas  
Andavam mil quarteirão  
Com a troxa na cabeça  
E a cruzêta na mão  
Porque não tinha transporte  
A sua disposição.

Viva o Dr. Acrisio  
Prefeito de Fortaleza  
Que entre os de alta classe  
Nunca vi tanta fineza  
Da forma que trata o rico  
Trata também a pobreza.

Vamos deixar o prefeito  
E falar na destruição  
Do dia 5 de maio  
A horrivel inundaçao  
Que cobriu nossa cidade  
Veja a continuação.

O encanamento dagua  
De Acarape a Fortaleza  
Ficou tudo enterrompido  
Com a forte correnteza  
Chuveu demais faltou agua  
São feitos da natureza.

Todos pode acreditar  
Quando passou o chuveiro  
Ninguem não tinha transporte  
Era enorme o atôleiro  
Com 8 dias ainda  
Se andava no lameiro.

Faltou transporte de tren  
De automovel e caminhão  
Até avião nos ares  
Também tomou seu quinhão  
Entrava no nevueiro  
Descia como um pinhão.



Quase cem metros de trilhos  
A corretenza arrancou  
Trem de um lado e de outro  
Paralizado ficou  
Só endireitaram a linha  
Quando a lama sêcou.

Ouve nesta inudação  
Prejuízo sem iguais  
Não foi só em Fortaleza  
Foi em muitas capitais  
Se não fôr um fim de mundo  
Obras desmente sinaes.

Até mesmo os pescadôres  
Que andavam degradados  
Pelo alto mar pescando  
Tiveram mal resultados  
Saíram ante da chuva  
Não foram mais encontrados.

Como bem o bote gugu  
De seu JASF Alderaldo  
Que sahia com 5 homens  
E só um foi encontrados  
Os outros 4 coitados  
Ninguém sabe o resultado.

Vou sifrar agora o nome  
Destes 5 sêr humano  
Que pegaram a tempestade  
Pescando no Ociano  
Que o seu bote virou  
Neste temporal tirano.

Morreu Francisco Izabel  
Um pescador da barrinha  
Já em procura de casa  
Com seus colegas vinha  
Desapareceu nas aguas  
Deixou a mulher sozinha.

O outro Manoel Amancio  
Um pescador de jangada  
Que éra feito nas aguas  
Sem nunca temeu nada  
Para fazer pescaria  
Hia só sem camarada.

O outro Jorge Cesario  
Que nas aguas éra morão  
Pescava também sosinho  
Não timia a tubarão  
Duas tres noites passava  
No mar fazendo serão.

O outro era Cidor  
Um pescador distimido  
Éra alí em Mucuripe  
De todos bem conhecido  
Um pescador coma êle  
Causa pena ter morrido.

Dos 5 escapou só este  
Por nome Antonio Cará  
Para contar a historia  
Que a todos não negara  
Para ficar de lembrança  
Ao povo do Ceará.

Qual foi o justo motivo  
Deste bote si virar  
Foi um rio dagua dôce  
Depeijando agua no mar  
Devido chuva horrível  
Que dispensava do ár.

Esta tromba dagua dôce  
Pegou estes pescadôres  
Que não houve salvação  
Nem por serem nadadôres  
Deixaram suas famílias  
Lamentando suas dôres.

Ainda tem outro bote  
Também desaparecido  
Foi com 9 pescadôres  
Julgam já terem morrido  
Sairam antes da chuva  
E não foram aparecido.

Não se lembram resarem  
Só pençam na vaidade  
De um cento tira-se um  
Aqui em nossa cidade  
Por isso vem o castigo  
Para toda humanidade.

Termino a inudação  
Peço a minha salvadora  
Maria mãe de Jesus  
Que é nossa protetôra  
Para não desamparar  
Moisés Matias de Moura.



# vagão descarrilou e viciou locomotiva no percurso de

**ançais**  
r

29 (M) — O  
sem creden-  
ciais ao demar-  
caram enfa-  
tismo, na vi-  
sibilidade do  
sua do PST,  
nal e roto na  
: agrava um  
pulso que co-  
a converter,  
nadamais en-  
nos não está  
n, da parte

que: quem  
artigos é o  
a o sr. No-  
segurar que  
mão com o  
gão sur de-  
oblemas do  
é dentro do



**OGIOS**  
ocasião  
to, 917

VIAJANDO NA PLATAFORMA entre duas passagens adormecido Monte (ao lado, sendo os primeiros a serem re-  
stabelecidos dos destinos. Rio abra e que são de R. V. C., Edsondo Pastor Cor da Queiroz e o agricultor Desleido  
Flores da Silva. (Foto e gravura CORREJO DO CEARÁ)

**IA QUE EXPLODIU COMO UMA BOMBA:**

O maior  
10 PAGIN

**CORRE**  
ORGÃO DOS  
Fundado

Fortaleza - 2.º feiro

**OS FERI**

Além de melhor info  
me milhares milia de di-  
vursos concorre da sua  
nova reportagem pelo  
postamente multibrigada  
tando repórteres (2.º a  
fiviro e para Assun-  
pal. Nesta última, o  
não menos constan-  
e tanto de grama a po-  
tam chegando se te-  
ais chegando, já se-  
dados em leito, e  
dormem desde ou

**PAVOROSO DESASTRE DE TREM**

NO DIA 31 DE OUTUBRO DE 1949

7 MORTOS E 9 FERIDOS

Caros apreciadores  
Leia esta pequena história  
Embora nela não tenha  
Notícia satisfatória  
Mas é preciso que fique  
Gravada em nossa memória

Pode ler com atenção  
Não é segredo descubro  
Esse desastre de trem  
De trinta e um de outubro  
Que fiquei penalizado  
Todo de luto me cubro

Não são de minha família  
Devo falar a verdade  
Mas tenho no coração  
Espírito de humanidade  
Que quando vejo um chorando  
Fico logo com vontade

No mundo não há quem saiba  
De sua felicidade  
Só quem sabe é Jesus Cristo  
Com a sua santidade  
Qual é aqueles que são  
Vítima da fatalidade

Todo poeta é ativo  
Não lhe falta aspiração  
Escreve qualquer notícia  
Sem agravar a nação  
Embora que para todos  
Não seja satisfação

Como esta do desastre  
Mais recente acontecido  
Que não dá nem um prazer  
Por ser de lágrima sentida  
Foi necessário escrever  
Para não ser esquecida.

Se trata aqui do desastre  
Que o povo comentaram  
Daqueles carros do trem  
Que em Moitinga viraram  
A trinta e um de outubro  
Sete pessoas tombaram

Às 6 horas da manhã  
Vinha o trem de Maranguape  
Quando chegou em Moitinga  
A máquina deu um derrape  
Virou 3 carros na linha  
Feliz quem ficou escape

Quatro morreram instantanho  
9 saíram feridos  
Que foram logo à assistência  
Onde foram socorridos  
E só não salvaram os quatro  
Porque já tinham morridos.

Daqueles 9 feridos  
Três morreram na assistência  
Que fez o total de sete  
Que perderam a resistência  
Foram atender o chamado  
Da divina providência.

Um foi mais enditoso  
Por nome José Segundo  
Que passou naquela hora  
Um só ferimento profundo  
Só faltou foi o momento  
De se despedir do mundo.

O outro Cícero Fernandes  
Que se ouviu os lamentos  
Na hora que ele estava  
Recebendo os curamentos  
Os corações se agitavam  
Vendo tanto sofrimentos.

O outro tinha por nome  
Sr. José Cipliano  
Um homem bem preparado  
De um coração humano  
Que não esperava na vida  
Esse desastre tirano.

E o outro José Raimundo  
Que também saiu ferido  
Não é de conhecimento  
Que ele tenha morrido  
Eu só afirmo a certeza  
Que ele foi socorrido.

E outro Francisco Alves  
Um dos homens positivos  
Que na mesa da assistência  
Recebeu os curativos  
Além de sua saúde  
Não sei se foi negativo.

O outro foi Sigefredo  
De grande capacidade  
Que não esperava ser  
Vítima da fatalidade  
Este não sei se é vivo  
Ou foi para a eternidade.

E outro tinha por nome  
Seu Edmilson Ferreira  
Quase baixa à sepultura  
Naquela manhã fagueira  
Que passeava no espaço  
Alguma ave agoureira.

E o último tinha o nome  
De Enezio Serafim  
Que durante sua vida  
Não tinha sofrido assim  
Por causa desta virada  
Comeu da banda ruim.

A quatrocentos e quatro  
Número da locomotiva  
Que puxava aqueles carros  
Com uma expressão tão viva  
Pelo o maquinista Rubens  
Que do trabalho não se esquivava.

Rubens é um maquinista  
Que presta bem seu serviço  
Para defender o povo  
Não encara sacrifício  
Não defendeu desta vez  
Porque foi forte o feitiço.

Perguntou-lhe o diretor  
Rubens seja camarada  
Me diz qual foi a origem  
Do trem dar esta virada  
Vinhas dormindo não vistes  
Os defeitos da estrada?

Rubens então lhe respondeu  
Me creia por esta luz  
Quando a máquina fez a curva  
Avistei as 2 cruz  
Não vi trilho na estrada  
Creia por nosso Jesus.

Parece que os trilhos abriram  
E a máquina saltou fora  
O senhor está presente  
Pode examinar agora  
Foi a origem dos carros  
Virarem naquela hora.

O diretor da Central  
Ouviu e ficou calado  
Tinha ciência que ali  
Já era malassombrado  
Só pode ser a origem  
Dos carros terem virado.

Era grande a multidão  
No local desta virada  
Ônibus, automóvel e jipe  
Enterrompia a estrada  
Fizeram um isolamento  
Que ninguém não via nada.

Fazia pena se ver  
Aqueles corpos estirados  
Uns cobertos de poeras  
De pernas e braços cortados  
Os intestinos de fora  
Como entes desprezados.

Tinha três pronto - socorros  
Com urgência carregando  
Todos aqueles feridos  
Para a assistência levando  
E os médicos de plantão  
Logo ali os medicando.

Foi o chefe de polícia  
Como alta autoridade  
Chegou com a comitiva  
Naquela localidade  
Depois que verificou  
Reconheceu a verdade.

Foi 30 guardas do trânsito  
Em um carro especial  
Inclusive um inspetor  
Que também foi ao local  
Desembaraçou o trânsito  
Com todo seu pessoal.

O inspetor Pedro Ribeiro  
Foi o local com os guardas  
Por sua iniciativa  
Trabalha nunca se enfada  
Os elementos do trânsito  
Sabe honrar suas fardas.

De forma os mortos e feridos  
Foram todos transportados  
Os vivos estão na assistência  
E os mortos sepultados  
E os carros que viraram  
Logo foram desvirados.

Aconselho os maquinistas  
Que tenha muito cuidado  
Quando passar na Moitinga  
Não passe muito apressado  
Sempre se lembre da hora  
Que este trem foi virado.

Mas não precisa ficarem  
Divido isto medroso  
Rezem e se encomende a Deus  
Que serão vitorioso  
Não esmoreçam com isto  
Nosso Deus é poderoso.

Na hora que for deitar-se  
Faça seu pelo - sinal.  
Reze uma salve – rainha  
Ao pai celestial  
Que fechará o seu corpo  
E estar livre do mal.

E quando se levantarem  
Se benzem neste momento  
E faça sua viagem  
Com Deus no seu pensamento  
Que não acontece nada  
Deus nos dar o livramento.

Se todos amassem a Deus  
Com inteira devoção  
Nunca havia em seu negócio  
Nem uma contradição  
Na terra ganhava a vida  
E na morte a salvação.

A todos peço desculpa  
A história teve fim  
Se acharem algum defeito  
Não tenham queixa de mim  
Não peguei todos detalhes  
Só pude escrever assim.

Minha verdadeira mãe  
Maria restauradora  
Daí - me boa aspiração  
És a minha protetora  
Sou poeta dos repentis  
Moisés Matias de Moura.







## A TRISTE HISTÓRIA DO SR. MOACY WEYNE

A triste historia  
Do Sr. Moacy Weyne  
Morto em sua residência  
Por seus falsos amigos!  
É isso mesmo  
Preço 2,00 cruzeiros.

Caros apreciadores  
Leiam esta historia sublime  
Do Sr. Moacy Weyne  
Vitima de tão grande crime  
Por ser família grandes  
Grande respeito se emprime.

No mundo não há quem possa  
Dizer que vai muito bem  
Quando menos se espera  
É quando a desgraça vem  
E só pega de surpresa  
Não vai avizar ninguém.

Como agora susêdeu  
Com o Sr. Moacy Weyne  
Homem de mil regalias  
Não lhe faltava higiene  
Se não for verdade isto  
Minha historia condene.

Tudo de Moacy Weyne  
Era de mais assiado  
Tinhas seis cavallos bons  
Só sahia bem montado  
Seus arreio reluzia  
Como um misterio encantado.

Tinha cavallo de sela  
E tinha outros de prado  
Animaes bonito e fortes  
Cada qual mais encinado  
Por que ele por corrida  
Era um homem alucinado.

Gostava muito de farra  
Brilhava em todo salão  
Parece está se ouvindo  
A voz do seu violão  
Naquelas noites de lua  
Não perdia seu clarão.

Cantava aquelas modinhas  
Com sua voz atraente  
Que abalava no leito  
Coração de muita gente  
Que deixava grande falta  
Quando se achava auzente.

Nas belas noites de lua  
Moacy Weyne sahia  
Com seu lindo violão  
Nas areias divertia  
A sua voz autiava  
Que de longe se ouvia.

Quando Moacy cantava  
Em sua voz altaneira  
Emitava ao grauno  
Numa astra de arneira  
Que alegrava a todo mundo  
Naquela noite fagueira.

Mas tudo que a terra cria  
Um dia terá seu fim  
Como teve Moacy  
Que não esperava assim  
Vou contar o que passou-se  
Não tenham queixa de mim.

Moacy em sua vida  
Era muito divertido  
E em seu divertimento  
Era um pouco distimido  
Em sua defeza  
Nunca foi esmorecido.

Brincava com todo mundo  
Apreciava a pobreza  
Nos bairros de Fortaleza  
Mas tinha varios amigos  
Da alta classe e nobreza

Três desse falços amigos  
Que nunca se viu assim  
Procuraram Moacy  
Rica peça de citim  
E em sua residencia  
Conseguiram dar-lhe fim.

Isto foi no dia treze  
creio que não há engano  
Daquele mez de novembro  
Do mesmo corrente ano  
Moacy foi abatido  
Pelo um ser tão desumano.

As nove horas da noite  
Chegaram na residencia  
Do Sr. Moacy Weyne  
Caixa da inteligencia  
Convidaram para darem  
Tiros de esperiencia.

Moacy ainda disse  
Não que já é muito tarde  
Se vocês chega mais cedo  
Nós atirava a vontade  
Mas minha esposa já dorme  
Desculpe por caridade.

Os três rapazes insistiram  
Para brincarem de tiros  
Porque já queriam verem  
Do pobre o ultimo suspiro  
Era tão tarde da noite  
Que a visinhança não viram.

Eles já foram sabendo  
Que Moacy aceitava  
Porque era atirador  
Ninguém com ele atirava  
Só atirava apostando  
Na certeza que ganhava.

Estes levaram bebidas  
Para assim melhor manjar  
Caju para tirá gosto  
E também para nivejar  
O resultado senhores  
Escute o que digo já.

Depois que todos beberam  
Os seus revolves puxaram  
Botaram um caju de alvo  
E todos três atiraram  
Os filhos de Moacir  
Um grande susto tomaram.

A mulher de Moacir  
Saiu fora neste momento  
Pedindo que não atirassem  
Pelo santo sacramento  
A hora não é mais propria  
Para este divertimento.

Moacir lhe respondeu  
Mulher tenha paciencia  
Chegaram os amigos tarde  
Hoje em nossa residencia  
Vou fazer os gostos deles  
Com carinho e reverencia.

Ahi botaram um caju  
E um dos dois atirou  
Mas desviou o caju  
Em Moacir alvejou  
Cahiu logo no salão  
Quando a arma disparou.

Neste momento a mulher  
Ouvii um forte gemido  
Dipreça vei ao salão  
Viu seu esposo caído  
E os ter falsos amigos  
Da sala tinham fugido.

A mulher alarmou logo  
E os vizinhos chegaram  
Logo a pronto socorro  
Neste momento chamaram  
Quando a assistencia chegou  
Na mesma hora levaram.

Ficou a mulher em pranto  
Quando o esposo sahiu  
Todo banhado de sangue  
Ela com ele seguiu  
Para ver a salvação  
Porem de nada serviu.

Porque quando lá chegaram  
Que da assistencia deceu  
Os médicos o examinaram  
Porem ele esmoreceu  
Não mesa da operação  
O pobre homem morreu.

Os assassinos fugiram  
A policia não pegaram  
Escaparam do fragante  
Não sei onde se socaram  
Com quatro dias depois  
A prisão se entregaram.

Embora por intermedio  
Do bom pai do criminoso  
Que pegou o filho e disse  
Sois um ente endezejoso  
Vou entregar-lhe a policia  
Como um pai caprichoso.

Logo botou-lhe na frente  
E foi mesmo de verdade  
Entregou êle a policia  
Mostrou sua honestidade  
Ficaram o povo louvando  
A sua capacidade.

Embora que o assassino  
Em ter morto não acusa  
A policia em cima dêle  
Enterroga que abusa  
De forma que este crime  
Ainda está em confusa.

Mas a justiça divina  
Dêle não pode sahir  
Os castigos são demais  
Não poderá registir  
Ou mais hoje ou amanhã  
Virão sempre descobrir.

Do infeliz Moacir  
O que chama atenção  
Foi uma corrida trata  
Para a inauguração  
Com seu famoso cavalo  
Que vou fazer narração.

Nesta inauguração  
Eu estava no pici  
Para assistir as corridas  
Inauguradas ali  
Quando vi chegar de luto  
O cavalo de Moacir.

A chegada do cavalo  
Fez doer no coração  
Porque seu dono foi morto  
Não livrou-se da traição  
Por isto chegou de luto  
Foi horrível a comoção.

Todo coberto de luto  
Correu e não apanhou  
Foi cinco contos de reis  
Que Moacir apostou  
E esta mesma importância  
Sua viúva ganhou.

Quem matou não mate mais  
Peço agora de joêlho  
Escrevi esta historia  
Para servir de espêlho  
É feliz a creatura  
Que tomar este conselho.

A todos peço desculpa  
Não ofendi a ninguem  
Só escrevi a historia  
A pedido de alguem  
Atendi os peditórios  
Satisfiz não sei a quem.

Essa historia terminei  
Esperem outra vindoura  
Que será do ano santo  
Que sai na radiadoura  
Não deixo de assinar  
Moisés Matias de Moura.

Moisés Matias de Moura

A HISTORIA  
— DE —



**JOMBREGA**

Pelo historiador  
Moisés Matias de Moura

Preço . . . . . 2,00

## A HISTÓRIA DE JOMBREGA

A história de Jombrega  
pelo historiador Brasileiro  
Moisés Matias de Moura  
preço 2,00 cruzeiros e é  
barato pode crêr.

Eis aqui caros leitores  
a história de Jombrega  
guabirú do rabo fino  
que nem o gato lhe pega  
mas ainda não está livre  
de levar uma esfrega.

Jombrega é um infeliz  
que roubou dos Cearenses  
uma partida já ganha  
para dar aos Paraenses  
sendo ele um jogador  
dos times Fortalezenses.

Jombrega caros leitores  
era a luz do futebol  
os times de Fortaleza  
invejava seu farol  
hoje não merece mais  
nem mesmo o clarão do sol.

Jombrega no Ceará  
era o melhor jogador  
mas agora desta vez  
perdeu de tudo o valor  
porque ficou na história  
como o maior traidor.

Jombrega é um jogador  
querido da classe alta  
hoje será esquecido  
que ninguém mais lhe exalta  
porque não terá sabão  
para limpar sua falta.

Jombrega como juiz  
da sensacional partida  
deixou todos Cearenses  
indignados da vida  
a batalha estava ganha  
e depois ficou perdida.

Desde o infeliz momento  
que foi Jombrega escalado  
para ser juiz de campo  
que o povo ficou cismado  
um dizia outro dizia  
estamos mal colocado.



Mesmo antes do esbulho  
já todo publico sabia  
que Jombrega sendo juiz  
os Cearenses perdiam  
todos liam em sua testa  
a falsidade que havia.

Quem lia suas feições  
ficava logo interado  
que o infeliz Jombrega  
já tinha sido comprado  
como um falso Cearense  
ia ficar rubicado.

Dezoito de fevereiro  
nunca será esquecido  
porque foi a negra data  
que o Ceará foi traído  
pelo um próprio Cearense  
da terra que foi nascido.

O apito de Jombrega  
deu encerrada a peleja  
porque já tinha no bolso  
o dinheiro da cerveja  
embora que depois  
arrendido se veja.

Porque acaba o dinheiro  
e mais amigos não tem  
outra hora sem ter dinheiro  
estava passando bem  
porque tinha muito amigo  
uns dava 20, outros cem 100,00.

Os açougueiros diziam  
por há de esperá  
carne neste meu açougue  
tu nunca mais comprará  
saia daqui todo dia  
comprar carne no Pará.

Até mesmo os motoristas  
dizem com a cara erguida  
que Jombrega no seu carro  
não faz mais uma corrida  
porque foi o traidor  
daquela grande partida.

Afinal Jombrega agora  
aqui não tem mais valia  
só aqueles Cearenses  
de sua mesma família  
mas fora disto leitores  
ninguém mais o auxilia.

A Ceará Radio Clube  
desta nossa capital  
com o nome de Jombrega  
animaram o carnaval  
só era a voz que se ouvia  
lá no abrigo central.

A Ceará Rádio Clube  
Esportiva Cearense  
diz que Jombrega roubou  
para dar aos Paraenses  
tirando assim o valor  
dos nossos fortalezenses.

Acho que a Seleção  
cumpriu com o seu dever  
em espulsar-lhe do jogo  
para ninguém mais ver  
que quem atrai sua pátria  
seria melhor morrer.

O apito de Jombrega  
funcionava bastante  
cortando as investidas  
de nosso time elegante  
dando os maiores cartazes  
ao time visitante.

Até mesmo os paraenses  
apoiaram nossa historia  
dissera abertamente  
que era nossa a vitoria  
porém Jombrega tomou  
e nos deu foi uma gloria.

Quem hoje podia ser  
o campeão do Norte do Brasil  
era o time cearense  
como bravos varonil  
estava de parabéns  
o nosso céu cor de anil.

Só por arte diabólica  
perdemos esta campanha  
deixemos o campeonato  
outra vez em mãos estranhas  
desta forma os Cearenses  
campeonato não ganha.

Porque perdemos agora  
a melhor oportunidade  
pra campeonato Brasileiro  
não temos felicidade  
não falta 5ª coluna  
para fazer crueldade.

Como se ver a cantiga  
não sei como será  
agora com 4 filhos  
onde é que vou morá  
que Jombrega é Cearense  
mas roubou para o Pará.

Se viu mais no carnaval  
uma enorme ratoeira  
com um rato preso dentro  
que não era brincadeira  
e um letreiro dizendo  
é Jombrega na carreira.

Se na fosse o (23) vinte e três  
que lhe deu a garantia  
o povo tinha o matado  
que era o que merecia  
para nunca mais ser falso  
ao time da simpatia.

O Ceará jogou bem  
se discute na história  
porem Jombrega apitou  
escorregou a vitória  
os paraenses ganharam  
o guabirú deu a gloria.

É grande este comentário  
todo cearense diz  
gritando na praça publica  
Jombrega é um infeliz  
não morreu na mesma hora  
porque o choque não quiz.

O apito de Jombrega  
separava instante a instantes  
contra o time da terra  
a favor dos visitantes  
lá só não deram por ela  
aqueles ignorantes.

No Pará os Cearenses  
nada puderam fazer  
o campo coberto d'água  
não cessava de chover  
e aqui no Ceará  
foi maior o desprazer.

O árbitro alencarino  
matou miseravelmente  
toda a nossa seleção  
desagradou muita gente  
quando anulava o goal  
sem razão, grosseiramente.

No carnaval ouvi critica  
ninguém diz que é mentira  
aqui diz, daqui não saio  
nem daqui ninguém me tira  
Jombrega é um guabirú  
na ratoeira se vira.

Daqui ninguém não me tira  
daqui ninguém vem tirá  
porque tenho quatro filhos  
não tenho a onde morá  
o Jombrega é cearense  
mas roubou para o Pará.

Não esmoreça esportistas  
Jombrega já está fora  
de outra vez ganharemos  
vamos aguardar a hora  
desta vez ninguém perdeu  
ganharmos, mas foi embora.

Todo jogo é isso mesmo  
traz sempre esta confusão  
o juiz dá a quem quer  
tenha ou não tenha razão  
é como um prezo que um prende  
e outro tira da prisão.  
Em jogo de futebol

eu nunca tive ideal  
mas não destruiu ninguém  
o jogo está mundial  
cada qual no seu caminho  
a defeza é natural.

O meu legitimo ideal  
é de escrever repente  
de qualquer um, ocorrido  
que passar em minha frente  
embora não satisfaça  
os gostos de muita gente.

Aqui eu peço desculpa  
a todos de uma vez  
peço que compre um livrinho  
fique sendo meu freguez  
só sei fazer o bem  
aquele que já me fez.

Jombrega como juiz  
fez uma ação traidoura  
roubou para os Paraenses  
com a vitoria já se foram  
ficou Jombrega na lista  
Moisés Matias de Moura  
(Fim)



**ANO SANTO 1950**  
A MAIS LINDA HISTORIA

Ano Santo de 1950  
A mais linda historia  
Escrita pelo historiador  
brasileiro  
Moisés Matias de Moura  
Preço 2,00 cruzeiros.

Disse assim a profecia  
Que na éra de cincoenta  
Quem fôr forte vai avante  
Quem fôr fraco se rebenta  
Porque aparece cousa  
Que poucas pessôas aguenta.

A Virgem Nossa Senhora  
Com seu divino manto  
E seu filho Jesus Cristo  
A quem eu vos amo tanto  
Deram-me luz escrevi  
O livro do ano santo.

Declarava as profecias  
Que no ano de cincoenta  
Por ser termino de século  
As novidades se enfrenta  
Porque quem ama a Jesus  
D'Ele nunca se ausenta.

Devotos da Mãe de Deus  
E do Pai Celestial  
Tirem o chapéu da cabeça  
Façam seu pelo sinal  
Para poder ouvirem  
Este santo original.

Cousa de sete cabeça  
Frei Vidal profetizou  
E o que disse acontese  
É o tempo que o justo  
Pelo pecador padece.

Este santo original  
Nem diminui nem aumenta  
Porque foi profetizado  
Para o ano de cincoenta  
Pelos profetas antigos  
Que mais nada acrescenta.

Por isto o Papa pediu  
Ao governo da nação  
Que previnisse ao povo  
A não fazer diversão  
Por ser um ano sagrado  
Só completa devoção.

Pedi que no ano santo  
Não brincasse o carnaval  
E assim em quarenta e nove  
Em dezembro o mês final  
Não no dia vinte e cinco  
Por ser dia de Natal.

Nem os padres não podiam  
Celebrarem casamento  
Que em casamento há festa  
Em festa há divertimento  
Se alguém casar este ano  
Fica nulo o sacramento.

Fica apenas batizado  
A crisma a confissão  
E para todos em geral  
Um ano de devoção  
Para ver se lá no céu  
Se alcança a salvação.

Se toda humanidade  
Cumprissem este juramento  
De passar este ano todo  
Contrito de pensamento  
Rezando e se entregando  
Ao divino sacramento.

Ficará esta historia  
Para adulto e infantil  
Escrita rapidamente  
Como bala de fuzil  
A fim de ser circulada  
E lida em todo o Brasil.

É uma obra sublime  
Intitulada ano santo  
De nove cento e cinquenta  
Não é nada de espanto  
Que as antigas profecias  
Já profetizaram tanto.

O Papa adotou que éra  
O ano da penitencia  
Que devemos recebe-lo  
Com a maior reverencia  
Porque em tudo se nota  
Uma grande diferença.

Neste ano de cinquenta  
Quem não morrer há de ver  
O que disse a profecia  
Que havia aparecer  
Agora chegou o tempo  
É feliz o que vencer.

A todos faço um pedido  
Com meu pouco entendimento  
Que no ano de cinquenta  
Não queiram divertimento  
Antes de tudo vamos ter  
De tudo arrependimento.

Porque é o ano certo  
De todos se arrependem  
Dos maus feitos que fizemos  
Sem a Deus obedecer  
Estamos no fim do mundo  
Terminou nosso prazer.

Vamos todos reunidos  
Com inteira obediência  
Fazer durante este ano  
Exame de consciência  
Para confessar a Deus  
Em sua santa presença.

A Deus não se nega nada  
Pois Ele sabe de tudo  
Porque os nossos pecados  
Vão na frente como escudo  
Teremos que confessa-los  
No céu não se chega mudo.

Quem atravessar o ano  
Contrito de coração  
Com o pensamento em Deus  
Com inteira devoção  
Jesus Cristo lhe abraça  
Ganhará salvação.

Vamos fazer oração  
Todo dia e toda hora  
De joelho no chão duro  
Pedindo Nossa Senhora  
Que perdões nossos pecados  
Desta vez vamos embora.

Vamos pedir e rogar  
Ao divino Santo Antonio  
Para que êle nos livre  
Da tentação do demônio  
Quem morre e leva pecado  
Lá no céu chega tristonho.

Vamos perdoar aqueles  
Que por nós era odiado  
Que quem perdôa na terra  
No céu será perdoado  
Fica do lado direito  
De nosso Deus coroado.



Todos querendo bem pode  
Ter sua salvação certa  
Porque as portas do céu  
Para todos vive aberta  
Para este fim meu povo  
Só uma cousa nos resta.

É fazermos penitencia  
Praticar a caridade  
Socorrendo os desvalidos  
Na maior necessidade  
Assim todos nós teremos  
Perdão na eternidade.

Traga em seu coração  
Jesus Maria José  
Que alcançará milagres  
Peçam a Deus com toda fé  
Que lhe dê o seu perdão  
Que desprezados não é.

Só não alcança perdão  
Aqueles que não tem fé  
Que são catolico na bôca  
Porem catolico não é  
Para estes não existe  
Jesus Maria José.

Não digo isto agravando  
Aqueles que não merecem  
Quem não for ignorante  
O meu dizer bem conhece  
É por isso que o justo  
Pelo pecador padece.

Devemos todos rezar  
De joelho no chão duro  
Para ver se nos livra  
Do mal que vem no futuro  
Quem se prevenir na terra  
No céu estará seguro.

Neste ano de cinquenta  
Não deverá haver imposto  
Porque quem paga diz logo  
Levem o suor do meu rosto  
E o ano não é proprio  
Para haver esse desgosto.

Eu já paguei uma vêz  
E comigo reclamei  
Dizendo assim vocês levam  
O suor que derramei  
E assim todos dirão  
Por isso atenção chamei.

Visto ser um ano santo  
Vamos ter obediência  
Em desprezar os impostos  
Com inteira consciência  
Para sermos mais fiéis  
A divina providencia.

Vamos fazer caridades  
Sem reparar a quem  
Mesmo a quem nos faz o mal  
Devemos fazer o bem  
E viver sem reparar  
Os defeitos de ninguém.

É o conselho que dou  
Para toda humanidade  
E quem tomar neste mundo  
Terá a felicidade  
Porque terá com certeza  
Perdão na eternidade.

Sei que a casa de Deus  
Não é casa de negocio  
Levo este livro a Igreja  
Para acabar o divorcio  
Vendendo bem baratinho  
Quem revender é meu socio.

Porque quem comprar um livro  
De tudo fica sabendo  
Quem ofendia a Jesus  
Não fica mais ofendendo  
Os que se reger por êle  
Com Jesus fica vivendo.

Não esqueçam este conselho  
Nem tenham queixa de mim  
Este livro é um aviso  
Ninguém deve achar ruim  
Estou com pena porque  
Agora chegou ao fim.

Quem firmemente cumprir  
O que o livro contem  
Não errará mais na vida  
Segue o caminho do bem  
Ganha a salvação por certo  
Os anjos digam amem.

Meus votos é que este livro  
Circúle em radiadoura  
Para dar prazer ao cabo  
Moisés Matias de Moura  
Que tem passado no transitio  
Uma vida sofredora.

*Moisés Matias de Moura*

**OLEGÁRIO PEREIRA NETO**

**A Carta que veio do Céu**

Quem levar esta cartinha  
E tendo a ela atenção,  
Vai em sua companhia  
Padrinho Cícero Romão,  
E nossa Senhora das Dores  
E a virgem da Conceição.



História Religiosa da Carta de aviso que foi achada no Rio Secundari na he-  
ra de 1950

Prêço Cr\$ 2,00  
1950

**A CARTA QUE VEIO DO CÉU**  
OLEGÁRIO PEREIRA NETO

Quem levar esta cartinha  
É tendo a éla atenção  
Vai em sua companhia  
Padrinho Cícero Romão  
E Nossa Senhora das Dores  
E a Virgem da Conceição.

História Religiosa da carta  
de aviso que foi achada no Rio  
Secundari na hera de 1950.

Leitores se apreciam  
história celestial  
tirem o chapéu da cabeça  
para ouvirem o que diz  
êste meu original.

Êste meu original  
é uma carta de aviso  
que Jesus Cristo mandou  
do seu santo paraíso  
ordenando que os poetas  
a publicassem de improviso.

O portador d'esta carta  
foi um anjo Serafim  
baixou à terra com éla  
Jesus ordenou assim  
que êle a deixasse dentro  
de um precioso jardim.

Assim mesmo o anjo fez  
com prazer e alegria  
deixou a carta e voltou  
com Deus e Santa Maria  
cumpriu assim o mandado  
da forma que Deus queria.

Ficou ésta dita carta  
nêsse jardim precioso  
escrita em letras visíveis  
por nosso Deus poderoso  
para éla cair nas mãos  
de um poéta curioso.

Nêste ano de cinquenta  
no mês vizinho de abril  
andava um servo de Deus  
n'aquele jardim de anil  
encontrou ésta cartinha  
e espalhou no Brasil.

Na carta vinha o seguinte:  
- filhos amados e queridos  
de meu precioso sangue  
quero que sejam remidos  
e de meu sagrado corpo  
não se fazem esquecidos.

Vejam meus filhos queridos  
meu sangue foi derramado  
n'uma preciosa cruz  
para apagar o pecado  
quem o adorar na terra  
no céu será perdoado.

Não negarei o perdão  
a quem meu corpo comeu  
o meu precioso sangue  
feliz quem dêle bebeu  
quem não participou disto  
ó que tesouro perdeu.

Todo aquele que não fôr  
com o meu sangue criado  
chegando em minha presença  
por mim será condenado  
perderá a esperança  
de um dia ser perdoado.

Quem zombar da minha carta  
castigo severamente  
com raio, curisco e trovão  
minha palavra não mente  
com ésta carta de aviso  
já não estão inocente.

Aquele que não seguir  
a lei católica romana  
não se confessar ao menos  
uma vez só por semana  
de Deus não merece um risco  
ó que dôr tão deshumana.

Roguem a nossa mãe Santíssima  
que é nossa advogada  
que no dia de juízo  
esteja a nós encostada  
para ver se éla deixa  
as nossas culpas apagadas.

Deixem a malvada preguiça  
sigam os santos mandamentos  
podem entrar nas igrejas  
sem nada de acanhamento  
que nas últimas agonias  
terão arrependimento.

Os domingos e dias santos  
todos devemos guardar  
e quem assim não fizer  
Deus o há de castigar  
veio ésta carta de aviso  
para todos se emendar.

Se passares por uma igreja  
faça sua obrigação  
tire o chapéu da cabeça  
rese qualquer oração  
que a igreja é a casa  
da Virgem Conceição.

Quem ésta cartinha lêr  
observando os sinais  
quando morrer está livre  
dos tormentos infernais  
e quem não obedecer  
faz parte dos animais.

Prestem atenção a carta  
gravem bem no seu sentido  
se não vos castigarei  
para seres convertido  
quem com vida se arrepende  
por Deus é bem recebido.

Quem julgar que ésta carta  
não foi feita por Jesus  
na hora da sua morte  
lhe falta a fala e a luz  
cospe nas chagas de Cristo  
corre com mêdo da cruz.

Quem não guardar ésta carta  
e fazer d'ela mangação  
serão todos destruídos  
assim como foi Salomão  
com toda real família  
sem escapar geração.

E quem éla conservar  
com fé viva e esperança  
será livre de pecado  
o céu é sua lembrança  
São Miguel lhe pesa a alma  
na sua fiel balança.

É afortunada a casa  
que ésta carta tiver  
e pagar para ser lida  
se por acaso não souber  
e agradecer bastante  
a pessôa que lhe dêr.

No dia do julgamento  
quem levar ésta cartinha  
e entregar a Jesus  
já lida linha por linha  
Nossa Senhora das Dôres  
no céu é sua madrinha.

Jesus Cristo lhe perdôa  
e lhe dá a mão direita  
Nossa Senhora das Dôres  
ficará bem satisfeita  
na Côrte Celestial  
em boa cama se deita.

No ano cinquenta e nove  
a vinte e cinco de janeiro  
quem não morrer há de ver  
Jesus baixar n'um cruzeiro  
e pregar quarenta dias  
na matriz do Juazeiro.

Quem ésta carta tiver  
com perfeita devoção  
será livre dos perigos  
de Jesus tem a benção  
não a tendo com respeito  
tem por certo a maldição.

O sol terá que correr  
que a todos faz temor  
quem fôr vivo há de ver  
nêste mundo grande horror  
uns gemendo outros chorando  
sem suportar tanta dôr.

No dia dez de agosto  
o sol terá que correr  
a terra por sua vez  
não cessará de tremer  
eu só não digo é o ano  
Deus lhe dará o saber.

Ésta cartinha avisa  
n'ela tem experiência  
quem lêr e compreender  
dobrará a resistência  
porque recebe o auxílio  
da Divina Providência.

Estudem com perfeição  
sejam mais inteligente  
espalhem de mão em mão  
a pai, a mãe, a parente  
até os próprios estranhos  
podem dar abertamente.

Nossa Mãe Celestial  
abençôa os filhos seus  
quem tiver ésta cartinha  
aviso do nosso Deus  
e por isto pede a todos  
garde, garde filhos meus.

Quem ésta carta tiver  
não morrerá de má morte  
Nossa Senhora das Dôres  
manda um anjo Serafim  
para fazer-lhe transporte.

Será feliz a pessoa  
que trazer uma consigo  
quer na vida, quer na morte  
será livre do perigo  
porque nosso bom Jesus  
estará sempre consigo.

De má morte repentina  
ninguem não há de morrer  
de todos os seus pecados  
terão que se arreponder  
os sacramentos da morte  
terão que os receber.

Quem ésta cartinha lêr  
de joelhos no chão duro  
Nosso Senhor Jesus Cristo  
lhe dará um saber seguro  
que todos conhecerão  
o mal que vem no futuro.

Como a corrida do sol  
todos terão que saber  
porque ésta carta indica  
o ano o que há de ser  
só se não fizerem conta  
d'èsta carta quando lêr.

No rio Secundarí  
foi ésta cartinha achada  
vinda da Côrte do céu  
ainda estava fechada  
quem abriu leu e me trouxe  
fez uma vinda vexada.



Afim de eu escrever  
e todos ficarem cientes  
porque é uma das coisas  
que agrada a todos os viventes  
que adotarem a lei católica  
e despresarem aos crentes.

Todo vão me desculpando  
homens, meninos e senhoras  
minha Mãe Celestial  
foi a minha professôra  
escrivi e assinei  
Moisés Matias de Moura.





---

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO DO  
**MONSTRUOSO**  
Crime do ex-jogador



**ÍDALINO**

Que foram vítimas os dois comerciantes

**ALUISIÓ E GERALDO**

Pelo Historiador Moisés Matias de Moura

**PREÇO Cr\$2,50**

**MONSTRUOSO CRIME DO EX-JOGADOR IDALINO  
QUE FORAM VÍTIMAS OS DOIS COMERCIANTES  
ALUISIO E GERALDO**

2<sup>a</sup> edição

Quem leu o primeiro livro  
agora leia o segundo  
do monstruoso Idalino  
o ex-jogador imundo  
que praticou friamente  
o maior crime do mundo.

Ele sepultou os corpos  
sem ter dó nem piedade  
disse para sua amante  
já fiz toda falsidade  
cincicamente ficou  
passeando na cidade.

Pela rua passeava  
fazendo outro mau juízo  
como matava Luizinha  
a noiva do Aluisio  
porem ela se livrou  
por ter do céu um aviso.

Luizinha só escapou  
por Deus lhe dar bôa sorte  
Idalino a persegui-o  
mas ela resistiu forte  
se ela o acompanha-se  
passava na mesma morte.

Pela falta dos rapazes  
dona Luizinha chorava  
o monstruoso Idalino  
toda hora convidava  
para passear com ela  
mas ela não aceitava.

Aborrecida dizia  
não farei o seu pedido  
quem comigo passeava  
talvez já tenha morrido  
como aludida estou sendo  
talvez foi éle aludido.

Idalino conheceu  
que a ela não aludia  
foi estudar outro meio  
para ver se a destraia  
passou telegramas falços  
porem de nada servia.

Passou telegramas falços  
para a pobre donzela  
como se fosse Geraldo  
que passava para ela  
ela dizia consigo  
isto tudo não tramela.

Ficou a pobre moça  
em triste situação  
desapareceu os jovens  
de sua predileção  
e ela desamparada  
Luizinha lá na pensão.

Ocorrido muitos dias  
a moça telegrafou  
para a Campina Grande  
contando o que se passou  
o misterioso crime  
logo se desenrolou.

Foi isto a 2 de setembro  
este crime praticado  
e só a 10 de outubro  
Idalino foi pegado  
por ter a jovem Luizinha  
do mesmo denunciado.

Fez a denuncia dizendo  
que éle era o culpado  
por ter feito aquela compra  
daquele carro fiado  
os rapazes se sumiram  
não foram mais encontrado.

Depois de feita a denuncia  
a polícia deu razão  
foram atraz de Idalino  
efetuaram a prisão  
e foi logo interrogado  
pois havia precisão.

Logo algemaram éle  
de uma forma que serviu  
e o monstruoso crime  
nos ferrinhos descobriu  
como cínico traisoeiro  
em vez de chorar sorriu.

Descobre lobo ferino  
diga logo nesse instante  
aonde foi que você  
matou os negociantes  
enquanto não descobrir  
aqui vai sofrer bastante.

Disse Idalino eu matei  
em um quarto de pensão  
e minha amante não viu  
aquela orrenda traição  
recai tudo sobre mim  
não houve combinação.

E para que o senhor  
matou os comerciantes?  
só matei para roubar  
dinheiro joias brilhantes  
mas sabendo que fazia  
dois crimes repugnantes.

Você tinha precisão  
destes crimes praticar?  
não respondeu Idalino  
eu tenho que precisar  
não foi mais que o demonio  
que estava a me atentar.

Me diga que Alcinda Graça  
parte neste crime tem?  
Idalino respondeu  
digo porque me convem  
se ela me descobrisse  
eu lhe matava também.

Você queria botar  
dona Luizinha em perigo?  
diz é ela escapou  
porque não saíu comigo  
se não eu matava ela  
é bastante o que lhe digo.

O crime do Alto Santo  
juremal é semelhantes  
a este que o senhor fez  
aos 2 comerciantes  
Idalino ouvindo isto  
ficou assim vacilante.

Diga se participou  
confesse sua verdade  
destes 2 crimes horrorosos  
igual os 2 da cidade  
que você fez na pensão  
sem haver necessidade.

E a mulher da pensão  
que outro dia caiu  
lá de cima da janela  
e você não descobriu  
não foi você que empurrou  
pensa que ninguém não viu.

Sua primeira mulher  
você também não matou  
pensa que ninguém não sabe  
de tudo que se passou  
desta vez vai pagar tudo  
que na vida praticou.

Responde o cínico Idalino  
eu viver não merecia  
por Deus não ser vingativo  
é que vejo a luz do dia  
mereço ser castigado  
morrendo na enxovia.

Uns 8 dias Idalino  
foi bastante interrogado  
descobriu muitos mau feitos  
que já tinha praticado  
foi removido a cadeia  
para depois ser julgado.

Quando estava de saída  
para ir a detenção  
pediu p'ra trocar de roupa  
por ter muita na pensão  
porem não foi atendido  
não teve mais proteção.

Idalino reclamava  
assim não me fica bem  
tenho roupa tenho joias  
que nem todo rico tem  
e sair como mendigo  
não se faz isto com ninguém.

Na hora da retirada  
foi grande aglomeração  
para verem eles sairem  
em rumo da detenção  
dava imitação que era  
uma grande posição.

Alcinda Graça também  
reclamava de verdade  
ai meu Deus vou aqui preza  
sem ter cupabilidade  
a força fui testemunha  
de tanta barbaridade.

Hoje estão os dois amantes  
na detenção do estado  
todo instante e toda hora  
estão sendo interrogado  
esperando morrer antes  
de irem para o jurado.

Porque foi que Idalino  
uzou tão feio mister?  
era porque sustentava  
de 3 a 4 mulher  
e não ganhava a despeza  
na profissão de chauffer.

Quem tem uma só mulher  
passa as vezes privações  
avale com 3 ou 4  
sem ter toda arrumação  
por isto é que matam e rouba  
fazem toda tentação.

Talvez que em sua vida  
nunca pensou Idalino  
de morrer na cadeia  
por ladrão e assassino  
mas por cauza de mulher  
tumou êle este destino.

Aviso a meus companheiros  
que não sejam renitente  
deixem a vida mundanha  
para ser mais competente  
não ame a mulher da rua  
ame a sua somente.

Eu canço de dar conselho  
nos livros que tenho escrito  
mas parece que é mesmo  
atentação do maldito  
me chega assunto que deixa  
o meu coração aflito.

Eu só escrevo é porque  
sou poeta de verdade  
quando eu chegar a morrer  
faço falta na cidade  
porque faço profissão  
de escrever novidade.

Agora peço desculpa  
já vou chegando no fim  
do crime de Idalino  
só pude escrever assim  
se faltou alguma coisa  
não tenham queixa de mim.

Idalino ficou prezo  
com Alcinda sua amante  
por ter êle cometido  
aquele crime agravante  
que nele perdeu a vida  
aqueles comerciantes.

Se este crime for filmado  
é outra historia vindoura  
e será irradiada  
em varias irradiaduras  
com meu nome escrito embaixo  
Moisés Matias de Moura.



**A SENA DE MARANGUAPE**



E O  
CRIME  
DO  
CAFÉ  
Familiar  
ONDE  
FOI  
VITIMA

**MARIA DA CONCEIÇÃO**

Por Moisés Matias de Moura — Preço Cr\$2,00

**A SENA DE MARANGUAPE**  
**E O CRIME DO CAFÉ FAMILIAR ONDE FOI VÍTIMA**  
**MARIA DA CONCEIÇÃO**

Para escrever essa história  
Quase perdia o plano  
Dessas mortes que houveram  
No miado deste ano  
Crimes cruéis praticados  
Por coração desumano.

Não parece meus amigos  
Que este ano era santo  
Que os crimes praticados  
Tem nos causado espanto  
Pelos conselhos que dei  
Eu não esperava tanto.

O livro do Ano Santo  
Escrevi com perfeição  
Ninguém tomou meu conselho  
Perdi a satisfação  
Mas entrego tudo isto  
À Virgem da Conceição

Pedia todos em geral  
Que o mau costume deixasse  
Na maior necessidade  
Pedisse mas não roubasse  
E se o vosso semelhante  
Em tempo nenhum matasse.

Pedi para perdoarem  
Mesmo a quem nos fez o mal  
Quê quem perdoa na terra  
Ganha grande cabedal  
Porque recebe o perdão  
Na Corte Celestial.

Pensei de ser atendido  
Neste ano de cinquenta  
Porém tudo foi engano  
O roubo e o crime aumenta  
Se não houver paradeiro  
Cada vez mais acrescenta.

Como agora em Fortaleza  
Deu-se um crime horripilante  
Senhor Raimundo Pereira  
Alvejou sua amante  
Com 2 tiros de revolver  
Abatera num instante.

Maria da Conceição  
Era a sua namorada  
Não sei por qual razão  
Teve grande e ciumada  
Que seu amante matara  
Deu-lhe 2 disparada.

E logo que ele viu  
Sua amante liquidar-se  
Com medo de não ir prezo  
Tratou de suicidar-se  
Porem não morreu ainda  
Julguei que não escapasse.

Ele atirou na mulher  
Que se ouviu o desfeicho  
Em seguida botou logo  
O revolver no seu queicho  
Disparando contra si  
Caiu ela e ele a neicho

Vou escrevêr a história  
Dando mais um parecer  
Que ninguém deve matar  
E nem fazer por morrer  
Que assim sendo é 2 crimes  
Que perdão não pode ter.

Foi a 14 de julho  
Este crime praticado  
No Café Familiar  
Sem nunca ser esperado  
Pois o dono do café  
Foi este tal ciumento.

A muito tempo vivia  
Com toda satisfação  
Com esta tal namorada  
Maria da Conceição  
Conhecida em Fortaleza  
Amar era a profissão.

Raimundo Pereira estava  
Com raiva de sua amante  
Estava esperando a hora  
Ela entrar no restaurante  
E depois também ficar  
Em estado agonizante.

Eram 3 horas da tarde  
Hora de mais movimento  
O jogo da Copa Mundo  
Pegavam neste momento  
Quando ouviram o estampido  
O drama sangrento.

Quando espalhou-se a notícia  
Estremeceu a cidade  
Foi grande aglomeração  
Para verem a novidade  
E conhecer o autor  
Daquela pervercidade.

Logo chegou a Assistência  
Como sempre é de costume  
Levaram os 2 feridos  
Pela força do ciúme  
Que se morrer todos dois  
No cimitério se úne.

Maria da Conceição  
Morreu na operação  
Raimundo ainda está vivo  
Porém não tem salvação  
Do crime que cometeu  
Deu alguma explicação.

Declarou que sua amante  
Por outro amor lhe traiu  
E o ciúme foi tanto  
Que ele não resistiu  
Tratou logo de vingança  
Que ninguém a acudiu.

Maria da Conceição  
Baixou para fria areia  
E ele está na sentença  
Sofrendo de cara feia  
Se não morrer sofre mais  
Porque vai para cadeia.

Vou escrever esta quadra  
E tod uma cruzinha nela  
Que o leitor quando ler  
Nunca mais esquece ela  
Deixa de praticar crime  
Segue em outra parcela.

E esta outra parcela  
Que agora cai em meu lápis  
E 2 mortes que houve  
Na rua de Maranguape  
E de morrer mais algum  
Ainda não está escape.

A 10 deste mesmo mês  
Deu-se este caso serio  
Um comentario político  
Levou 2 ao cimiterio  
Para ficarem sabendo  
Descrevi este mistério.

João Marrocos comandante  
Daquele destacamento  
Era muito respeitado  
Como 2º sargento  
Tirava tudo na calma  
Não era homem violento.

Senhor Gerardo Fernandes  
Era irmão do locutor  
De uma irradiadora  
Que falava com fervor  
Sobre aquele comentário  
Que deu-se a sena do horrôr.

No comentário surgiu  
Caloroza discussão  
Que foi precizo o sargento  
Ir com sua intervenção  
Porque competia a ele  
Que tinha disposição.

Na chegada do sargento  
Muitos disparos surgiu  
O sargento ignorava  
Não viu de onde saiu  
E naquela mesma hora  
Ele ferido caiu.

José Fernandes dos Reis  
Ferido sem resistência  
De preça foi transportado  
Por ser grande a diligencia  
Mas sempre vei falecer  
Na meza da assistência.

Quando seu irmão Gerardo  
Locutor deste local  
Lia ali irradiando  
Comentários do jornal  
Desagradou-a a alguém  
E bancaram desigual.

Fizeram logo na rua  
Como mau sanguinolento  
No malvado tiroteio  
Morreu o pobre sargento  
Tão amado tão querido  
Naquele destacamento.

E só não morreu mais gente  
Não sei por qual razão  
Que os tiros vinha de fora  
Para dentro do salão  
Parece que maior parte  
Se deitaram pelo chão.

O comentário político  
Trouxe logo o prejuizo  
E o poeta escreveu  
Porque não perde provizo  
Um anuncio para ele  
É um céu um paraizo.

Eu não sei quem matou  
A causa é desconhecida  
José Fernandes e o sargento  
Foram quem perderam a vida  
Mas a historia ficou  
Para não ser esquecida.

A onde há comentário  
Sempre existe discussão  
Estáa mais que aprovado  
Pode prestar atenção  
E é feliz quem livre  
Desta mal contravição.

Tudo isso meus leitores  
É quem não toma conselho  
Pois eu já tenho pedido  
No chão duro de juélho  
Para quem tem o bom sencio  
Este livro é um espelho.

Só escrevi estes crimes  
Porque chamou atenção  
Grande foi o sentimento  
De toda população  
Quando lia os ócurridos  
Que vinha da redação.

Quem praticou este crime  
Que cauzou tão grande espanto  
Foi aquele que não lêu  
O livro do Ano Santo  
Que todos devem ler  
A beleza do encanto.

Tanto que pedi ao povo  
Que não matasse ninguém  
A quem lhe fizesse o mal  
Podia fazer-lhe o bem  
Nunca procurar vingança  
Quem vinga perdão não tem.

Disculpe caros leitores  
A minha historia se finda  
Se vier mais outro anuncio  
Torno escrever ainda  
Que quanto mais escrevo  
Mas as historias sai linda.

Raimundo Pereira está  
Com a vida sofredoura  
Porque o tiro cortou  
Sua língua faladoura  
Assim nos diz o poeta  
Moisés Matias de Moura.



**TENENTE BRIGADEIRO EDUARDO GOMES**  
O GRANDE HEROI DOS 18 DE COPACABANA EM 1922

Eis aqui a candidatura  
do Tenente Brigadeiro  
Eduardo Gomes de Lima  
um dos heróis de  
Copacabana.

Peguei a pena leitores  
escrevi o dia inteiro  
a justa candidatura  
do tenente brigadeiro  
Senhor Eduardo Gomes  
grande herói brasileiro.

Por todos foi aprovado  
a sua candidatura  
para todos os brasileiros  
o seu nome é de doçura  
já está reconhecida  
a sua grande cultura.

O tenente brigadeiro  
seu partido é udenista  
promete que há de ser  
um partido progressista  
com votos dos brasileiros  
ganhará esta conquista.

Promete aos eleitores  
se ganhar a eleição  
na hora que assumir  
melhora a população  
o seu maior interesse  
é proteger a nação.

O Brasil vai conhecer  
quanto é o seu valor  
protegendo a humanidade  
e diz que não é favor  
é a sua obrigação  
quando presidente for.

Talvez que nunca o Brasil  
tivesse um presidente  
de larga humanidade  
no futuro pretendente  
fará um Brasil de graça  
com sua luz estridente.

Se o tenente brigadeiro  
tiver a satisfação  
de assumir a presidência  
com força de votação  
fará o que nunca fez  
um governo da nação.



Mostrará imediato  
um poder dominador  
que todos dirão assim  
este é governador  
enxerga a necessidade  
do pobre trabalhador.

O tenente brigadeiro  
lançou a sua campanha  
tudo que promete faz  
não apresenta façanha  
está em campo de luta  
vamos ver quem é que ganha.

Sr. Eduardo Gomes  
lançou candidatura  
e foi aceito por todos  
homens de alta cultura  
o nome do brigadeiro  
já está em grande altura.

O tenente brigadeiro  
é moço robusto e forte  
o seu nome está gravado  
na loteria da sorte  
para ser governador  
desde o sul até o norte.

Vamos todos confiar-se  
em seu Eduardo Gomes  
por ser ele o candidato  
da confiança dos homens  
que agora vou sitar  
neste livros vossos nomes.

O Dr. Prado Kelli  
de todo gosto aprovou  
e o Dr. Fernandes Távora  
na hora pronunciou  
e Otávio Mangabeira  
todos propostos apoiou.

O governo Milton Campos  
o Desembargador Faustino  
ambos querem o Brigadeiro  
para vêr o seu destino  
e o Sr. Rocha Furtado  
que fez um estudo fino.

Deu também sua palavra  
Jonas vulto sem igual  
presidente da U.D.N.  
do Distrito Federal  
que saudou o Brigadeiro  
da forma sensacional.

Estes homens que falei  
são puríssimos brasileiros  
querem a candidatura  
do tenente Brigadeiro  
por ser dos Copacabana  
um dos herói verdadeiro.

Sr. Osvaldo Trigueiro  
apoia a candidatura  
de seu Eduardo Gomes  
bota ele na altura  
e creio que ninguém tem  
dele a menor censura.

Todos estes meus leitores  
são homens de fibras pura  
uma palavra que solta  
é uma flecha segura  
e querem do Brigadeiro  
a sua candidatura.

Por tanto todos devemos  
Votarmos no Brigadeiro  
para dobrar o valor  
deste herói brasileiro  
que agora está futurando  
governar o mundo inteiro.

Sr. Eduardo Gomes  
uma eleição já perdeu  
que foi em 45  
trabalhou e não venceu  
nesta eleição de 50  
vai buscar o que é seu.

Seu partido é udenista  
dos católicos do Brasil  
quem votar neste partido  
não deixa de ser feliz  
creio que o dever de todos  
é zelar sua matriz.

O Brigadeiro não perde  
a eleição este ano  
se não votar com ele  
quem quizer ser deshumano  
quem deixa o bem pelo mau  
tem o coração tirano.

Sr. Eduardo Gomes  
não deixa de ser eleito  
tudo quando ele promete  
é mesmo que já ter feito  
deixará os eleitores  
vivendo bem satisfeito.

Sei bem que no Ceará  
quase tudo é Brigadeiro  
o povo fala em seu nome  
não se ver um paradeiro  
todos querem vê-lo na corte  
dominando o paiz inteiro.

A U.D.N. meu povo  
é um partido ilustrado  
sua luz resplandecente  
deixa o mundo iluminado  
é o caminho seguido  
para um céu estrelado.

Quem bem pensar votará  
em seu Eduardo Gomes  
que no correr deste dia  
não sente sede nem fome  
enquanto não votar nele  
ver o comer mais não come.

O nome de Eduardo  
está gravado em memória  
todos votará com ele  
para contar a história  
porque já tem a certeza  
de ganhar esta vitória.

Será um dia de festa  
que não será esquecida  
se o tenente Brigadeiro  
ganhasse essa partida  
e era o maior prazer  
que eu tinha em minha vida.

No dia da eleição  
seja em qualquer estado  
todos procurem uma chapa  
do Brigadeiro Eduardo  
para botarem na urna  
o lugar é reservado.

Sr. Eduardo Gomes  
é um homem de valia  
em quando vê um em falta  
depressa lhe auxilia  
tem sido feliz com isto  
e toda sua família.

Sr. Eduardo Gomes  
é um feliz bandeirante  
entrou nesta grande empreza  
mas sairá triunfante  
e só dirá o contrario  
quem for muito ignorante.

Sr. Eduardo Gomes  
é um homem de posição  
fará o Brasil feliz  
com sua disposição  
todos poderão contar  
com a sua proteção.

Viva o tenente Eduardo  
com a sua comitiva  
que a sua propaganda  
tem uma expressão viva  
não apresenta caráter  
de expressão negativa.

Se o tenente Brigadeiro  
passiasse em Fortaleza  
via bem que os cearenses  
eram homens de firmeza  
que votaram em seu favor  
e outra qualquer defeza.

Viva viva o Brigadeiro  
tenente Eduardo Gomes  
e que neste grande pleito  
o seu valor ninguém toma  
porque é o que promete  
dar comer a quem tem fome.

Se o tenente Brigadeiro  
consagrar o seu amor  
ao povo brasileiro  
dobrará o seu valor  
porque o povo lhe ajuda  
seja de qual forma for.

Desculpem caros leitores  
se não prestar a propaganda  
não repare minha falta  
que a sua está de banda  
e mesmo em todo paiz  
seu pensamento é que manda.

Viva o Sr. Eduardo  
com a sua caravana  
grande herói brasileiro  
dos 9 de Copacabana  
que baixa decreto e lei  
sua ordem é suberana.

É a melhor propaganda  
para a eleição vindoura  
votando no Brigadeiro  
tem a chapa vencedora  
diz assim o cabo velho  
Moisés Matias de Moura.

**A morte do  
Presidente Vargas**



**O  
braço  
forte  
do  
Brasil**

GETULIO VARGAS

---

Pelo historiador Moisés Matias de Moura

Preço . . . . Cr\$ 3,00

**A MORTE DO PRESIDENTE VARGAS**  
**O BRAÇO FORTE DO BRASIL**

Alto Deus onipotente  
Que o mundo inteiro formaste  
Dá-me aspiração e ordem  
Para seguir nesta arte  
Emprovisar sem orgulho  
Suicidou-se Getulio  
Foi notícia em toda parte.

O mundo não considera  
Quanto é triste a sua sorte  
Tudo quanto a terra cria  
Passa nas tranças da morte  
Para não ver tanto orgulho  
Suicidou-se Getulio  
Do Brasil o braço forte.

A 24 de agosto  
O céu ficou côr de anil  
Contra o presidente Vargas  
Revoltou-se mais de mil  
Naquele grande barulho  
Suicidou-se Getulio  
Braço forte do Brasil.

Getulio não éra cumpre  
Na morte do varonil  
Mas houve grande censura  
Que pegaram no fuzil  
Por não servir de intulho  
Suicidou-se Getulio  
Braço forte do Brasil.

Reuniu-se os generais  
Força armada e mercantil  
As praças ficaram cheia  
De adulto e juvenil  
Gritando em grande barulho  
Suicidou-se Getulio  
Braço forte do Brasil.

O Brasil ficou de luto  
Todo comercio feixou-se  
Porque o braço mais forte  
Do Brasil liquidou-se  
Para não entrar em guerra  
E nem vêr sangue na terra  
Getulio suicidou-se.

Desde o crime que houve  
Que o povo rebelou-se  
Sensurando de Getulio  
Tudo no Rio revoltou-se  
Para não entrar em guerra  
E nem ver sangue na terra  
Getulio suicidou-se.

Getulio na ultima hora  
Agoniado entregou-se  
Depois de fazer mil planos  
Abriu um quarto trancou-se  
Não querendo entrar em guerra  
E nem vêr sangue na terra  
Getulio suicidou-se.

O Senhor Getulio Vargas  
Morreu instantaneamente  
E do brutal suicidio  
Todo brasileiro sente  
Digo a todo pessoal  
Do crime do oficial  
Getulio estava inocente.

Deixou mais um Instituto  
Para o funcionário  
Só não gostou o burguez  
Porque são muito uzurario  
Getulio Vargas morreu  
O Brasil entristeceu  
Vai sofrer o operário

Sindicato que ampara  
O trabalhador voluntario  
Foi criado por Getulio  
Ainda há comentario  
Getulio Vargas morreu  
O Brasil entristeceu  
Vai sofrer o operario.

Getulio amava a pobreza  
Sempre foi humanitario  
Foi um reto presidente  
Como as contas do rosario  
Getulio Vargas morreu  
O Brasil entristeceu  
Vai sofrer o operario.

O mundo tem estas faltas  
Nada existe de grandeza  
Quem mais faz menos merece  
É esta a real certeza  
Em menos de um segundo  
Acabou-se quem no mundo  
Mais protegia a pobreza.

Os Estados do Brasil  
Suspiraram de tristeza  
Quando espalhou-se a notícia  
Já confirmada acerteza  
Quem em menos de um segundo  
Acabou-se quem no mundo  
Mais protegia a pobreza.

Foi o vulto no Brasil  
De mais consideração  
Dezoito anos completo  
Governou toda a nação  
Fez tudo a bem da pobreza  
Posso dizer com certeza  
Acabou-se a proteção.  
O Sr. Getulio Vargas

Para ganhar eleição  
Não prezava comício  
Todos lhe tinha afeição  
Fez tudo a bem da pobreza  
Posso dizer com certeza  
Acabou-se a proteção.

Apreciava o esporte  
Com a maior sensação  
Para grande e pequenino  
Estava a disposição  
Fez tudo a bem da pobreza  
Posso dizer com certeza  
Acabou-se a proteção.

Acabou-se quem no mundo  
Tinha tanta inteligência  
Já com 71 anos  
Sem estado de demência  
Este vulto de valia  
Pede toda a família  
Tenha santa paciência.



Era velho porem forte  
Tinha toda resistencia  
Porem por motivo justo  
Fez deixar a presidencia  
Este vulto de valia  
Pede toda a familia  
Tenha santa paciencia.

As 4 da madrugada  
Entregou a presidencia  
As 8 suicidou-se  
Não ouviu mais insistencia  
Este vulto de valia  
Pede toda a familia  
Tenha santa paciencia.

Por mim não quero revolta  
Entreguei a providência  
E já pedi a familia  
Que tivessem paciencia  
Que com a divina luz  
Na presença de Jesus  
Provarei minha inocencia.  
Devemos aguentar tudo

Sem perder a paciencia  
Como Jesus aguentou  
E tomou por penitencia  
Assim digo ao pé da cruz  
Na presença de Jesus  
Provarei minha inocencia.

Getulio suicidou-se  
Deu tudo por acabado  
Entregou a presidencia  
Mas de ninguem foi manadado  
Deixou um governo novo  
Para não vêr no seu povo  
Tanto sangue derramado.

Suicidou-se sozinho  
Lá no seu quarto trancado  
Com um tiro no coração  
Que varou do outro lado  
Deixou um governo novo  
Para não vêr no seu povo  
Tanto sangue derramado.  
O Snr. Getulio Vargas

Tinha um direito sagrado  
De mesmo suicidar-se  
Por si vêr tão enrascado  
Deixou um governo novo  
Para não vêr no seu povo  
Tanto sangue derramado.

Todas as perseguições  
Chegava de todo lado  
Ele dizia consigo  
É gravissimo meu estado  
Deixou um governo novo  
Para não vêr no seu povo  
Tanto sangue derramado.

Suicidou-se deixando  
Duas cartas e um bilhete  
Dizendo aos inimigos  
Podem soltarem fuguete  
Quem quiser me vêr agora  
Pode vim vêr nesta hora  
Meu cadaver no Catete.  
Suicidou-se trajado

Calça camisa e colête  
Cercado de inimigos  
De armas branca e cacête  
Quem quiser me vêr agora  
Pode vim vêr nesta hora  
Meu cadaver no Catete.

Aqui eu peço desculpa  
Nada escrevi do jornal  
Quem trôuse este suicidio?  
A morta do oficial  
Getulio suicidou-se  
Porque nem Jesus livrou-se  
Da língua do pessoal.

Aqui assino meu nome  
É a firma vencedora  
E todos podem esperar  
Segunda edição vindoura  
Escrita na linha reta  
Letras do mesmo poeta  
Moisés Matias de Moura.

“AOS MEUS INIMIGOS, DEIXO  
O LEGADO DA MINHA MORTE.  
SÓ SINTO NÃO TER PODIDO  
FAZER PELA HUMANIDADE E  
PELOS HUMILDES TUDO O QUE  
DESEJAVA.”

Getulio Vargas





# O MONSTRO DE PACAJÚS

Pelo Poéta Brasileiro  
Moisés Matias de Moura

**PREÇO Cr\$ 10,00**

Aguardem a coleção de 120 livrinhes  
reunidos em um só livro de 24 paginas  
sairá breve. Agencia Coronel Bizerril, 529  
SPORT BAR do Sr. Francisco Chagas  
Carneiro. — Bebidas e ótimos tiragosto.

## O MONSTRO DE PACAJUS

Oh virgem Nossa Senhora  
Maria mãe de Jesus  
Daí-me a vossa aspiração  
Um pensamento de luz  
Para escrever a historia  
Do monstro de Pacajús.

Vamos pedir a Jesus  
Pai do rico e da pobreza  
Para que não haja mais  
Crime desta natureza  
Que abalou Pacajús  
Deixando o povo em tristeza.

Nos bairros de Pacajús  
Morava uma velinha  
Contava 60 anos  
Era muito boazinha  
Já tinha casado os filhos  
Morava mesmo sozinha.

Tinha uma filha casada  
Por nome Carmosina  
E tinha outra irmã dela  
Que não trouxe bôa sina  
Era Maria Oliveira  
Que foi pivô da chacina.

Porque um tal de Henrique  
Certos tempos amôr a ela  
E depois se separou  
Mas achava muito bela  
Se lembrando de outrora  
Estava perseguindo ela.

Então Maria oliveira  
Vivia dele esquecida  
Porem do bandido Henrique  
Era muito perseguida  
E êle dizendo sempre  
Um dia serais vencida.

Pegou Henrique a pensar  
O que devia fazer  
Disse eu mato a mãe dela  
Faço ela se render  
Consiga mesmo sozinho  
Tomou este parecer.

E naquele mesmo dia  
O monstro sem coração  
Entrou na casa da velha  
Sem ter dó nem compaixão  
Deu-lhe serteira facada  
Em cima do coração.

Em companhia da velha  
Sempre dormia um netinho  
Que se chamava Luis  
Porem chamava Luizinho  
Este quando viu o crime  
Correu a noite sosinho.

Quando o menino correu  
O monstro pois a sorrir  
E pensou naquela hora  
Assim não vai me servir  
Se eu deixar êle vivo  
Vai o crime descobrir.

E sahiu na direção  
Que o menino correu  
Aonde pode alcançar  
Uma pancada lhe deu  
Depois lhe deu 3 facadas  
O bichinho ali morreu.

Depois que matou os dois  
Arribou na mesma hora  
No giro de Pacatuba  
Que lá chegou sem demora  
Disse quero ver Maria  
Porque não se rende agora.

Deixo o monstro em Pacatuba  
E vou falar na velinha  
Que o desgraçado matou  
Sem ter culpa coitadinha  
A visinhança dormiam  
Foram ver de manhãzinha.

E procuraram o menino  
Encontraram um pouco além  
Francamente 30 metros  
Estava morto também  
Disseram é bom procurar  
Este crime de onde vem.

Então Maria Oliveira  
Disse o que lhe convinha  
Meu povo isto foi Henrique  
Que me perseguindo vinha  
Para ver se me vencia  
Matou minha mamãezinha.

Sei que culpada fui eu  
Para Deus e para o povo  
Ele me deixou com raiva  
Agora me quer de novo  
Mas desta vez foi barrado  
Perdeu galinha e o ovo.

Foi a queixa ao delegado  
Daquela localidade  
Era o Sr. Franciné Mendes  
A maior autoridade  
Que garantiu ao povo  
De trazer ele a cidade.

Tenho aqui 4 soldados  
E comigo forma cinco  
Vamos atraz do bandido  
Para metê-lo no zinco  
Todos aqui são ciente  
Que com bandido não brinco.

E seguiu com os soldados  
Fazendo preces a Jesus  
Para pegarem o Henrique  
E trazer a Pacajús  
Para declarar ali  
Como é que se conduz.

Henrique fez a chacina  
E fugiu bem desfarçado  
Mas passando em Pacatuba  
Pela policia foi pegado  
Franciné com os soldados  
Já vinha bem encostado.

A força de Pacatuba  
Já tendo conhecimento  
Ficaram com êle preso  
Mas esperando o momento  
Que de Pacajús chegava  
Outro policiamento.

Nisto chegou Franciné  
Com o seu destacamento  
Eles entregaram o preso  
Naquele mesmo momento  
Franciné naquela hora  
Deu o seu agradecimento.

E o Sr. Franciné Mendes  
Com 5 praças botaram  
O criminoso no jeep  
Para Pacajús levaram  
Ao chegar na cidade  
A população tomaram.

E logo assim que tomaram  
A policia se afastou  
Um furava outro furava  
De repente se acabou  
Igual um animal bruto  
No meio da rua ficou.



O delegado alarmou  
Povo tenham paciência  
O homem já vinha preso  
Não precisa vingança  
Porem não foi atendido  
Não usaram de clemencia.

Quizeram arrastar na rua  
Como o Dr. Tiradente  
O bondoso delegado  
Deu um passo para frente  
Dizendo não façam isto  
Tenham calma minha gente.

E o pai de Luis Gonzaga  
A quem chorava baixinho  
Dizia foi este monstro  
Que matou o meu filhinho  
E de minha velha sogra  
O seu querido netinho.

João Inácio Sobrinho  
Agricultor conhecido  
Sua esposa Carmosina  
Que amava a seu marido  
Ambos choravam abraçados  
Pelo seu filho querido.

A Senhora Carmosina  
Não enchugava seu pranto  
Perdeu a mãe e o filho  
A quem estimava tanto  
Por cima da pobre mãe  
Estendeu um branco manto.

Agora caros leitores  
Faço ponto na historia  
Por saber que vem dando  
Notícia satisfatória  
Mas é bom que cada um  
Guarde na sua memória.

Isto foi no dia 20  
As duas da madrugada  
Quando amanheceu o dia  
A porta estava fechada  
A velhinha morta dentro  
Foi a cidade alarmada.

Este monstruoso crime  
Chamou o povo atenção  
Por isto se revoltaram  
Aquela população  
Estraçalharam Henrique  
Foi grande a revolução.

Logo que esta noticia  
Em Fortaleza chegou  
Um rapaz de Pacajús  
Lá no bar me procurou  
Para eu escrever o crime  
Que o monstro praticou.

Eu como velho poeta  
Prometi lhe escrever  
Poeta tem liberdade  
Pois é este o meu dever  
Se agravei alguém  
Me desculpe quando ler.

Caros apreciadores  
Este crime foi um drama  
Foi Henrique que inventou  
Em Pacajús esta trama  
Eu escrevi a historia  
Repetitando meu programa.

Se querem ouvir o programa  
Aviso a nação inteira  
Abra a rádio as 9 horas  
Nos dia de sexta-feira  
Pela Ceará Radio Clube  
A mais fiel Brasileira.

Recebi este presente  
do Dr. Ciro Saraiva  
Se não fosse ele meu nome  
No Brasil não estava  
Se eu tivesse recurso  
Com maior prazer pagava.

Como não posso pagar  
Peço a meu bom Jesus  
Aquele pai amoroso  
Que por nós morreu na cruz  
Que não lhe falte na vida  
A sua divina luz.

Desculpe se agravei  
A alguma criatura  
Quando eu escrever outra  
Talvez mude a figura  
Meu português é mesquinho  
Mas as rimas são segura.

Terminei caros leitores  
Assombrosa novidade  
Que se deu em Pacajús  
Sem menor necessidade  
Moisés Matias de Moura  
Poeta desta cidade.







Rua João Cordeiro, 1285  
(85) 3464.2222 • Fortaleza-CE  
[www.expresso Grafica.com.br](http://www.expresso Grafica.com.br)

---

FILIADA À CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

